

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA BASSOI DUARTE DA SILVA

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO SUJEITO EM CONDIÇÃO DE
ESTRANGEIRO**

**CURITIBA
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA BASSOI DUARTE DA SILVA

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO SUJEITO EM CONDIÇÃO DE
ESTRANGEIRO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa de Psicologia Clínica, Programa de Mestrado em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Virginia Filomena Cremasco

**CURITIBA
2016**

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas - UFPR

S586s

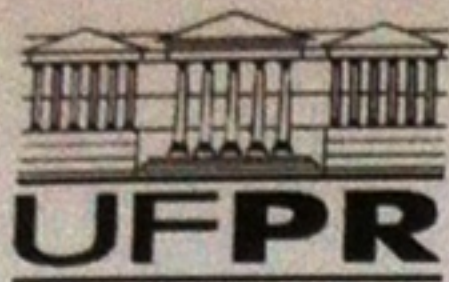
Silva, Mariana Bassoi Duarte da
O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro. / Mariana Bassoi Duarte da Silva. – Curitiba, 2016.
133 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Virginia Filomena Cremasco.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Psicologia, Universidade Federal do Paraná.

1. Migração. 2. Sofrimento Psíquico. I. Título.

CDD 158



MARIANA BASSOI DUARTE DA SILVA
"O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO SUJEITO EM CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO".

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.

Prof.^a Dr.^a Maria Virgínia Filomena Cremasco
Universidade Federal do Paraná
Professora Orientadora

Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker
Universidade de São Paulo
Professor Titular

Prof. Dr. Maurício José d'Escagnolle Cardoso
Universidade Federal do Paraná
Professor Titular

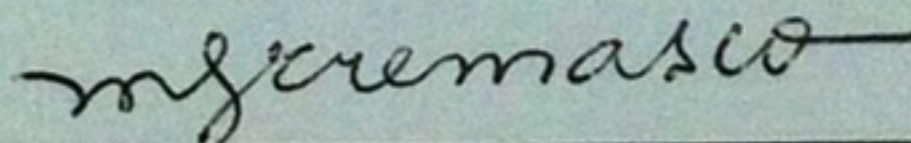
Curitiba, 25/02 de 2016

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

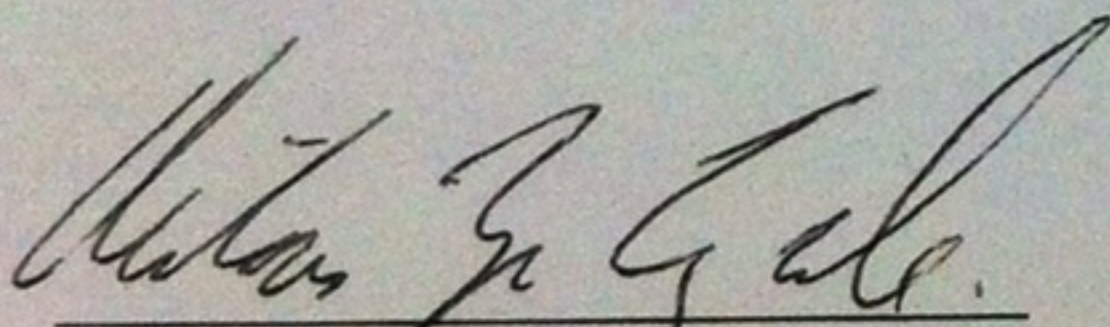
Às 16 horas do dia 25 do mês fevereiro do ano de dois mil e dezesseis, na sala 208 do prédio Histórico desta Universidade, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA, a mestranda **MARIANA BASSOI DUARTE DA SILVA**, tendo como Título da Dissertação "O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO SUJEITO EM CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO". Constituíram a Banca Examinadora a Professora Doutora Maria Virgínia Filomena Cremasco, orientadora, Professor Doutor Christian Ingo Lenz Dunker, da Universidade de São Paulo USP e o Professor Doutor Maurício José d'Escragnolle Cardoso, da Universidade Federal do Paraná UFPR, titulares. Após a exposição da mestranda, os membros da Banca Avaliadora fizeram suas considerações e declararam a aluna:

- Aprovada sem restrições.
- Aprovada, mas na condição de tomar as seguintes providências:
- _____
- _____
- Reprovada

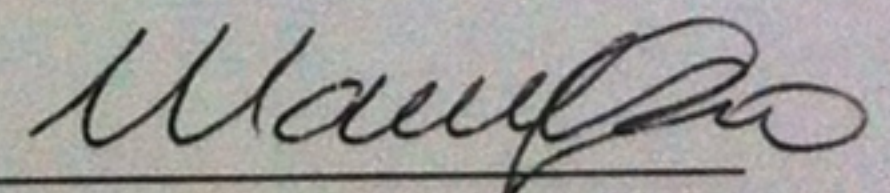
Eu Maria Virgínia Filomena Cremasco, orientadora, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.



Prof.ª Dr.ª Maria Virgínia Filomena Cremasco
Universidade Federal do Paraná
Professora Orientadora



Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker
Universidade de São Paulo
Professor Titular



Prof. Dr. Maurício José d'Escragnolle Cardoso
Universidade Federal do Paraná
Professor Titular

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco, pela aposta, dedicação e orientação.

À CAPES, pelo fomento à pesquisa e apoio financeiro que possibilitaram a concretização do trabalho.

Aos Professores Drs. Christian Ingo Lenz Dunker e Maurício José d'Escragnolle Cardoso, por aceitarem participar da banca e pelas contribuições que enriqueceram o trabalho.

Ao meu marido, por todo incentivo e respeito, pelo apoio na minha ausência neste período, principalmente, pela possibilidade dos inúmeros (re)encontros em nossas próprias migrações e vôos compartilhados.

À minha mãe, pelo exemplo do qual muito diz de mim, por me ensinar a encontrar pouso em qualquer lugar.

Ao meu pai, pela possibilidade de ser, pela palavra e paixão pelas histórias, por me ensinar a migrar com coragem de me conhecer no estrangeiro.

Aos meus irmãos, pelo carinho de sempre, pelas semelhanças e alteridades das quais me construí.

À minha analista, pelo espaço onde encontro a minha própria estrangeiridade e aprendo a (re)conhecê-la com leveza.

Aos colegas de mestrado pelo compartilhar nesta caminhada, em especial à Julia Schlemm pelas trocas, apoio, leituras e pelo presente da amizade.

Aos meus colegas de profissão, aos amigos de cartel, às companheiras de clínica, pelas inúmeras trocas, pela contribuição na minha formação e pelas importantes discussões psicanalíticas.

À Susana Mallard e Gabriela Diniz, pelo carinho, pelo compartilhar e pelos primeiros estudos e passos que se concretizaram no NUPSIM.

Aos colegas do NUPSIM e da Comissão de direitos humanos do CRP-PR por todo o trabalho e aprendizado.

À Casla pelo acolhimento, pela aposta no trabalho da psicologia nos direitos humanos, e por me ensinarem a cada dia que somos todos migrantes. Ao Celin pelo apoio e parceria na pesquisa.

A todos os migrantes que participaram da pesquisa e que com coragem falaram de sua própria estrangeiridade.

À palavra que me marca, ao Significante que me inscreve e a partir do qual é possível me (re)escrever.

*A nossa casa até parece um ninho
Vem um passarinho pra nos acordar
Na nossa casa passa um rio no meio
E o nosso leito pode ser o mar
A nossa casa é onde a gente está
A nossa casa é em todo lugar
(...)
A nossa casa é de carne e osso
(...)
A nossa casa tem varanda dentro
Tem um pé de vento para respirar
(Arnaldo Antunes, Nossa Casa)*

RESUMO

O Brasil tem se deparado com um movimento migratório singular, com considerável aumento nos últimos anos de refugiados que procuram nosso país para recomeçarem suas vidas. Sob o referencial teórico psicanalítico, o presente trabalho tem como objetivo compreender o sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro. Um indivíduo que migra entra em contato com uma nova cultura e se depara com o novo, o desconhecido. Isso pode significar experiências não elaboradas de luto e de desamparo nas quais a não compreensão dos referentes simbólicos estrangeiros dificulta sua adaptação e potencializa vulnerabilidades psíquicas e sociais já existentes. A investigação contempla a percepção do participante sobre o seu sofrimento na condição de estrangeiro. As informações obtidas pelos atendimentos clínicos e entrevistas compõem a base empírica da pesquisa. Para as entrevistas utiliza-se um questionário de quatro questões que possibilitam o levantamento das informações do sujeito e sua experiência migratória bem como suas dificuldades. Sendo assim, o método utilizado na pesquisa é o clínico, centralizado na subjetividade do participante. Foram realizadas 17 entrevistas e dois atendimentos clínicos individuais. Conclui-se que a experiência migratória, como um momento em que o deslocamento favorece um não pertencimento, pode revelar uma angústia de falta de sentido, com a perda dos referenciais identificatórios o que pode vir a ser uma experiência traumática para alguns sujeitos.

Palavras-Chave: Migração; Refúgio; Psicanálise; Sofrimento psíquico; Angústia.

ABSTRACT

Brazil has been faced with a unique migration, with considerable increase in recent years of refugees seeking our country to restarting their lives. Under the psychoanalytical theory, this study aims to understand the psychological distress of the subject in foreign condition. An individual who migrates comes into contact with a new culture and is faced with the new, the unknown. This may mean not prepared experiences of grief and helplessness in which no understanding of foreign symbolic references makes it difficult to adapt and enhances psychological and social vulnerabilities existing ones. The research involves the perception of participants about their suffering in foreign condition. Information obtained by clinical visits and interviews make up the evidence base for research. For interviews using a questionnaire of four questions that allow the lifting of subject information and their migration experience as well as their difficulties. Thus, the method used in the research is the clinical, centered on the participant's subjectivity. 17 interviews and two single clinical consultations were held. It concludes that the migratory experience, as a time when the movement favors a non belonging, can reveal an anxiety of meaninglessness, with the loss of identificatory references which may turn out to be a traumatic experience for some individuals.

Keywords: Migration; Refuge; Psychoanalysis; Psychological distress; Anguish.

SUMÁRIO

Introdução	9
Método	17
ETAPA 1 – Revisão histórica não sistemática	19
ETAPA 2 – Coleta de dados	20
ETAPA 3 – Análise dos dados:	23
Capítulo 1 - Migração e Contemporaneidade	27
1.1 Contextualização do fluxo migratório no Brasil	29
1.2 Mal- estar e laço social	38
1.3 Desamparo e vulnerabilidade social	42
Capítulo 2 – Gênese: A origem	46
2.1 Gênese - a origem do Sujeito	49
2.2 Êxodo: a separação	54
2.3 O Real: da falta ao desejo	58
Capítulo 3 – Desejo e pertencimento ou desejo de pertencimento	64
3.1 Angústia e desamparo	66
3.2 Luto e melancolia.....	75
3.3 Trauma	82
Capítulo 4 – Resultados	88
4.1 Entrevistas: as unidades de significado	88
4.2 Atendimento Clínico.....	102
Capítulo 5 – Discussão	108
Capítulo 6 – Conclusão	120
Referências Bibliográficas	127
Anexos	133

*A todos aqueles que migram
para o encontro de si mesmos.*

Introdução

A sociedade moderna foi marcada por inúmeras transformações que impactaram no modo de vida dos indivíduos, fomentando as relações e experiências interculturais, entre culturas. A migração não é um fenômeno particular dos tempos modernos, visto que desde o início da civilização o homem migra. Mobilidade humana e migração são as condições de definição histórica da humanidade. Porém, o mundo vive hoje uma realidade no mínimo intrigante, que nos deve levar a reflexões com responsabilidade. O mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população), estima relatório do ACNUR – Alto Comissariado da Nações Unidas para Refugiados lançado em 2015. Nunca tantas pessoas moraram fora de seus países, movimento só comparável à grande onda migratória do início do século XX pós Segunda Guerra Mundial. Hoje, a estimativa é de aproximadamente 60 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado. Segundo o estudo do ACNUR, a presença contínua de uma longa situação de refúgio é um lembrete de que a travessia das fronteiras internacionais não é opcional, mas sim a única alternativa viável para milhões de pessoas. Momento de muita dificuldade e sofrimento, quando o sujeito se encontra na urgência de abandonar tudo o que construiu rumo a outro lugar. Entendemos esta experiência como um momento em que o deslocamento favorece um não pertencimento associado à angústia de não encontrar um sentido, ou seja, a falta de sentido. Ser estrangeiro designa um não fazer parte. Falar outra língua e estar impedido de se comunicar designa a insuficiência das palavras, momento de desestruturação psíquica.

O Brasil, neste contexto global, é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos. De acordo com o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), nosso país possui atualmente 7.289 refugiados reconhecidos de 81

nacionalidades distintas. Com base em dados fornecidos pelo, as solicitações de refúgio cresceram 1240% nos últimos anos, desde o terremoto de 2010. No caso dos haitianos, apesar de solicitarem o reconhecimento da condição de refugiado ao entrarem no território nacional, seus pedidos foram encaminhados ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que emitiu vistos de residência permanente por razões humanitárias. Esta condição os favorece em relação às outras nacionalidades por estarem legalmente amparados em seus direitos, visto que um pedido de refúgio pode levar 2 anos para ser concedido a um migrante, colocando-o, neste período, numa condição de desamparado. A posição subjetiva que se dá a um migrante humanitário e ao refugiado parece já apontar para um impasse na relação do sujeito diante do olhar de quem o acolhe e como o faz. O Brasil tem sido alvo de interesse e procura de migrantes como uma terra de oportunidades e, em muitos casos, encontram em nosso país o único lugar que aceita o pedido de refúgio para a família como um todo. Existe, então, uma necessidade urgente de transformações sociais e políticas atuais de migração, porém, principalmente de um olhar singular a este sujeito em condição de estrangeiro.

Sendo assim, a mobilidade territorial é uma realidade universal. Sob o referencial teórico psicanalítico o presente trabalho tem como objetivo compreender o sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro. A estrangeiridade, neste sentido, se caracteriza, sobretudo, por um posicionamento psíquico diante da perda, total ou relativa, dos referenciais de origem. Trata-se, assim, de uma situação de luto. Este objetivo vai ao encontro de minhas questões pessoais com o tema.

Desde muito cedo em minha vida a temática do estrangeiro esteve presente. Avós imigrantes, tios e primos que estudaram no exterior e relatavam suas experiências. Padrinhos que migraram a trabalho, casamentos familiares com estrangeiros, e assim, o diferente e o estranho pareciam familiar, a estrangeiridade permeava as relações mais

próximas e alimentava uma curiosidade pelas culturas, pela diferença e pelas maneiras de ser e existir no mundo.

Durante meus estudos na universidade, a minha formação acadêmica propiciou o interesse em estudar o ser humano e suas diferenças e particularidades. Com a formação em psicanálise pude enveredar pelo percurso do particular, no campo do subjetivo de onde há a possibilidade de se falar das diferenças e olhar para si mesmo de um lugar singular, com diálogo coletivo e cultural; esse lugar de um saber sobre si que é constante na relação com o outro. Em 2005, devido ao meu interesse em trabalhar com expatriados em diferentes contextos culturais, vinculei-me a uma instituição internacional. Realizei cursos na Costa Rica e Estados Unidos sobre adaptação cultural, linguística e cuidado integral do expatriado. Logo após, viajei para países da Europa, África e Oriente Médio para levantar necessidades, conhecer projetos e oferecer apoio psicológico aos líderes de projetos internacionais. Essa experiência contribuiu para minha definição enquanto profissional e interesse em pesquisa.

Além da experiência no exterior com projetos humanitários em interface com direitos humanos, a atuação na clínica sempre esteve presente, onde realizo atendimentos e apoio psicológico a estrangeiros. Atuo também na ONG Casla – Casa Latino Americana no apoio a estrangeiros e refugiados, como coordenadora da equipe de psicologia. Cada experiência profissional estava, de algum modo, relacionada com o universo da multiculturalidade e das diferenças.

Ao estudar a condição do estrangeiro e, principalmente, um potencial de sofrimento do sujeito nesta condição, atrelado à minha experiência com projetos sociais e trabalhos humanitários em contextos de diferenças culturais, étnicas, políticas e/ou religiosas, pude amadurecer e desenvolver o referente projeto com o tema proposto. Meu interesse em realizar a presente pesquisa se deu quando alguns pacientes

indicavam sofrer com as dificuldades de adaptação da experiência migratória mais do que outros. Alguns indicavam ser referente às perdas e dificuldades de adaptação cultural, porém, para outros, a experiência se configurava como traumática. O que me levou a interrogar se a migração poderia possibilitar a edição de certos impasses psíquicos referentes ao processo de subjetivação de cada sujeito que corroboravam com um maior ou menor sofrimento.

Os motivos que levam um sujeito a migrar são muitos. Migrações voluntárias ou forçadas. Em minha experiência me deparei com profissionais que respondiam à demanda da organização a qual estavam submetidos, outros afirmavam ser uma conquista e objetivo pessoais nas possibilidades de plano de carreira na instituição. Alguns visavam ganho financeiro, outros o reconhecimento familiar, havia aqueles que buscavam melhor qualidade de vida, alguns por valores altruístas, outros por militância política. Há ainda aqueles que eram forçados a migrar devido desastres naturais, guerras e perseguições que ameaçavam suas vidas.

Alguns sujeitos relatavam experiências de guerra e terror que vivenciaram, *a priori* uma experiência entendida por Freud em Introdução à psicanálise e às neuroses de guerra (1919a) como traumática, porém, o que ficava evidente na clínica muitas vezes, era um sofrimento sim, mas com condições de falar da dor, dar um novo sentido a ela e se utilizar de mecanismos psíquicos na elaboração da vivência.

Segundo Freud (1920, p.42), “no caso de bom número de traumas, a diferença entre sistemas que estão despreparados e sistemas que se acham bem preparados através da hipercatexia pode constituir fator decisivo na determinação do resultado.” Por outro lado, alguns sujeitos que tinham suas viagens planejadas, algum tipo de apoio tanto legal, financeiro ou até mesmo vínculo profissional, e que a princípio julgaríamos ter

uma experiência “menos sofrida” considerando a questão social, indicavam em seu discurso uma desestruturação psíquica e uma experiência subjetiva de muito sofrimento.

Em minha experiência no exterior, atendi no consultório casos de expatriados que estavam interrompendo seus planos e carreiras precocemente devido ao intenso sofrimento psíquico, apesar de haver um grande investimento em treinamento e suporte a este funcionário por parte da organização. Assim, independentemente do motivo da migração, forçada ou voluntária, e independentemente das possibilidades e oportunidades no novo país, alguns sujeitos sofriam a ponto da experiência ser desestabilizadora a esses indivíduos, o que me levou ao objetivo da pesquisa e que esteve sempre presente nos meus questionamentos: compreender as possíveis causas do sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro.

Com o considerável aumento nos últimos anos de refugiados que procuram nosso país e cidade para recomeçarem suas vidas, foi possível a delimitação da população a ser pesquisada – migrantes humanitários e refugiados. Faz-se necessário aqui pontuar a diferença do tipo de migração que norteia a pesquisa da migração voluntária, quando o sujeito escolhe sair de seu país para trabalhar, estudar, viajar, ou seja, quando não há um motivo impositivo ou ao menos que referencia um perigo iminente à sua vida.

A população pesquisada se enquadra no *estatuto de refugiado ou de ajuda humanitária*, ou seja, apátridas que solicitam asilo de proteção. Estão incluídos também, sujeitos em *condição de refúgio*, que no caso podem vir a possuir um estatuto legal de estrangeiro estudante, mas que se encontram em situação de vulnerabilidade social e/ou que a migração condiga com uma busca pessoal de fuga de uma realidade anterior. No Capítulo referente ao método, serão explanados os passos realizados para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa e como foi alcançado o objetivo proposto.

Um indivíduo que migra entrará em contato com uma nova cultura e precisa abrir mão de tudo que lhe é conhecido e mergulhar em um mundo que requer novas representações. Isso significa vivenciar uma experiência de luto e desamparo na qual a não compreensão deste ambiente dificulta o seu ajustamento transcultural e potencializa a vulnerabilidade psíquica e social da estrangeiridade. Viver no exterior, especialmente em um meio cultural muito diferente, é uma experiência que mergulha o indivíduo na confusão. No primeiro capítulo será realizada uma articulação com o social, o sujeito e a interface com a migração na contemporaneidade.

A experiência de inserção em outra cultura obriga o sujeito a passar por certa desorganização psíquica, a qual se torna a primeira causa das dificuldades enfrentadas no estrangeiro, momento em que o sujeito se vê perdido, desamparado, sem ser capaz ainda de compreender as novas regras sociais, a língua, os enigmas das relações humanas sempre faltantes e ainda mais estranhas no país que o recebe. Muitas vezes sente-se só, sem apoio, vivência em que o sujeito se encontra impossibilitado de dar uma resposta e sentido à situação. Mudar de país significa, entre outras coisas, construir uma nova vida, dar significados diferentes ao que era familiar, renomear, e se deparar com inúmeras perdas.

O luto seria, portanto, inerente a esta condição de estrangeiro que aqui apresentamos. O luto é, de modo geral, segundo Freud (1917a), reação perante a perda, tanto de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupou esse lugar ideal, como a pátria e a liberdade. O luto é assim, uma resposta psíquica à perda de um objeto investido libidinalmente na trama representacional do sujeito.

Segundo Grinberg e Grinberg (1982), a experiência migratória e a constelação de perdas que a migração leva o sujeito a vivenciar pode vir a ser traumática caso não tenha condição psíquica para elaborá-la. De qualquer maneira, é uma das experiências

na vida que poderá trazer algum sofrimento psíquico àquele que a vivencia. *A priori*, o desamparo é inerente a esse fenômeno. Perda da língua materna, dos costumes, da família, amigos, perda do conhecido, perda da falsa sensação de pertencimento e de unidade. A migração, então, é uma das contingências da vida que expõe o indivíduo a estados de desorganização interior.

A perda de objetos confiáveis no ambiente pode desestabilizar alguns sujeitos que sucumbem frente a isso. Seria uma dificuldade em lidar com a perda dos objetos. Essa relação com objetos, segundo a psicanálise, faz editar algo de sua constituição, o sujeito se depara com o desamparo original, termo utilizado por Freud (1926) em Inibições, sintomas e angústia. Assim, no Capítulo 2 se fez necessário abordar a origem do sujeito e como isso se dá na visão psicanalítica, além da construção do conceito de objeto segundo esta teoria. Será abordado também, a importância do exílio subjetivo na constituição do sujeito, operações de alienação e separação, a importância da separação da relação primeira mãe e filho. Separação que possibilita que o sujeito possa se haver com o próprio desejo: o deslocamento territorial, o êxodo, a separação da terra natal, da língua materna e o encontro com outra cultura.

Toda relação com o Outro na psicanálise é faltante, da ordem do enigmático, da estranheza, tanto do sujeito consigo mesmo quanto com o Outro. A relação do sujeito com o outro e do sujeito do inconsciente é matriz diante do lugar e da posição subjetiva que ele tende a se colocar diante do olhar terceiro. Na migração, a perda dessa posição subjetiva, de um lugar de “pertencimento”, pode ser traumática: são impasses ao eu ideal e ideal de eu. Esses dois conceitos serão trabalhados no capítulo 2, referente à origem do sujeito. As perdas e o sentimento de solidão estão presentes na experiência migratória, há uma busca do sujeito de tentar dar um sentido a este momento de desamparo, de se sentir parte. O capítulo 3 abordará a questão da angústia e desamparo:

desejo e pertencimento ou desejo de pertencimento. Dependendo de como o sujeito vivencia essa experiência, ela pode vir a ser traumática. O sujeito pode, além das perdas, perder-se. Serão também esclarecidos neste capítulo, os conceitos de luto, melancolia e trauma.

Assim, fica clara a necessidade de estudarmos a migração como um processo único de cada sujeito, com sua experiência e bagagem individual, a qual se propõe o presente trabalho.

Método

No ano de 2013, houve uma grande demanda à ONG CASLA - Casa Latino Americana, instituição que representa a sociedade civil do Estado do Paraná no CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados, para que os migrantes que chegavam em Curitiba pudessem aprender o português e assim, em uma tentativa inicial, buscar reduzir o choque e impacto culturais, possibilitando uma maior mobilidade e autonomia dos estrangeiros. O número de refugiados cresceu significativamente, e estabelecer parcerias passou a ser prioridade. Houve a necessidade de buscar apoio em serviços e órgãos especializados no ensino do português para estrangeiros. A Secretaria de Educação e o Centro de Línguas da UFPR foram contatados. A pedido da ONG CASLA e da Associação de Haitianos de Curitiba, o Centro de Línguas da UFPR – Celin, vinculado ao DELEM - Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas da UFPR, recebeu uma demanda de imigrantes refugiados para cursos de português como língua estrangeira (PLE), sendo que o projeto de PLE para intercambistas já era realizado no Celin, denominado PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Esse número de imigrantes aumentou consideravelmente e então surgiu a proposta de um Projeto de Extensão Universitária cujo título é PBMH - Português Brasileiro para Migrantes Humanitários, coordenado pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. O objetivo é ensinar português brasileiro para imigrantes humanitários, proporcionando-lhes uma integração maior na sociedade brasileira.

As plurais demandas e interesses convergiram para o início do projeto de extensão PBMH, que aos poucos foi agregando outros departamentos e frentes no apoio aos migrantes humanitários devido às múltiplas necessidades encontradas. Em seguida, questões referentes aos direitos humanos e direito internacional, se fizeram presentes e urgentes. Se iniciou a parceria com o projeto de extensão do curso de direito da UFPR,

em seguida o curso de história, informática e então da psicologia. Hoje o projeto se intitula Programa Política Migratória e Universidade Brasileira. A participação do curso de psicologia é intitulada Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política na Rede de Atendimento aos Migrantes, coordenado pela Professora Elaine C. Schmitt Ragnini, com a intervenção de alunas do curso de graduação em psicologia da UFPR no diagnóstico institucional, com objetivo de colaborar na comunicação entre as diferentes frentes de trabalho, instituições parceiras e redes de apoio. Oferece também apoio na empregabilidade dos estrangeiros. Através do vínculo de pesquisadora no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPR foi possível a interlocução com outras frentes de atuação no apoio a migrantes humanitários que passaram a se articular a partir do vínculo inicial CASLA/ Celin. Como parceria, a minha pesquisa de mestrado, vinculada ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental, colabora com os atendimentos clínicos, entrevistas individuais e em grupos de apoio.

A investigação contempla a percepção do participante sobre o seu sofrimento na condição de estrangeiro. As informações obtidas pelos atendimentos clínicos e entrevistas compõem a base empírica da pesquisa que busca fazer um levantamento e compreender as dificuldades e impasses dos imigrantes. Para as entrevistas utiliza-se um questionário de quatro questões que possibilitam o levantamento das informações do sujeito e sua experiência migratória bem como suas dificuldades. Em toda intervenção é prioritário conservar a idéia central da pesquisa como norteadora da investigação: o sofrimento do sujeito em condição de estrangeiro. Sendo assim, o método utilizado na pesquisa é o clínico, centralizado na subjetividade do participante.

Segundo Coelho e Santos (2012) cabe ressaltar que a escuta e a atividade interpretativa, enquanto método próprio à psicanálise, não se restringem à situação de análise. Reconhecendo a indissociabilidade entre a experiência analítica e a pesquisa,

implica na possibilidade de o pesquisador realizar um trabalho pautado na escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função da questão que se pretende investigar. Desta forma, as ferramentas utilizadas para coleta de dados são a análise de casos e entrevistas semi-dirigidas, porém, a leitura é guiada pela escuta flutuante, privilegiando o saber do sujeito, sua subjetividade, construindo a partir de sua fala, o método clínico.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UFPR e aprovado sob número 31300514200000102.

Durante a etapa de coleta de dados, houve um acontecimento singular vinculado à UFPR. Um aluno do programa de intercâmbio do Celin, natural do Camarões, faleceu em um incidente numa praia próxima à Curitiba onde estavam os alunos estrangeiros em um passeio conjunto. Sendo parte de do grupo de estudantes de diferentes países que estudam o português por um ano e prestam uma prova para iniciar as aulas na Universidade, tendo assim uma parceria com a Universidade, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR solicitou um trabalho de apoio com esta turma. Entendendo ser um grupo considerado vulnerável social e psiquicamente por serem jovens e estrangeiros numa condição de luto de potencial traumático, a demanda foi acolhida e incorporada como uma etapa de coleta de dados da pesquisa.

Este estudo é composto de três etapas básicas. Os resultados contribuirão na discussão e possível definição de futuras estratégias de intervenção, como continuidade deste trabalho.

ETAPA 1 – Revisão histórica não sistemática

Apoiada em livros didáticos, revistas técnicas e artigos publicados em sites de pesquisa. Após a formulação da pergunta de pesquisa, houve um levantamento de referências bibliográficas baseadas em Freud e Lacan, principalmente referentes à

constituição do sujeito, luto e trauma, alguns artigos atuais em banco de dados como Scielo e PePSIC sobre psicanálise, migrações e exílio (palavras-chave). Entendemos a pesquisa psicanalítica como uma construção da teoria articulada à escuta, à observação de campo, onde o pesquisador, assim como o analista, se despe de conhecimentos prévios para estar sensível ao conteúdo trazido pelo sujeito. A partir desta articulação, durante a pesquisa, os passos e a elaboração teórica vão sendo construídos. Segundo Silva (1993, p.24), “é então que se deve ir aos livros e contatar a idéia nova com o que já foi articulado. Deixar que os conceitos possam ser redescobertos, oferecendo uma contribuição nova, e não a comprovação de uma teoria”.

ETAPA 2 – Coleta de dados

Sujeitos: Estudantes PEC-G e PBMH.

Procedimentos durante a coleta de dados:

- a) A pesquisadora telefonou para os voluntários que responderam à divulgação realizada pelo Celin e fez os agendamentos para as entrevistas;
- b) Explicação dos objetivos da pesquisa enfatizando o compromisso de sigilo;
- c) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- d) Gravação das entrevistas ou preenchimento do roteiro, permitindo o acompanhamento dos registros pelos respondentes;
- e) Exploração da motivação dos voluntários para serem atendidos individualmente. Ao final da entrevista lhes foi perguntado se gostariam de ter atendimento clínico;
- f) Agendamento dos atendimentos clínicos para os voluntários que tinham demanda;

g) atendimentos clínicos individuais para os participantes que o desejaram. Os atendimentos foram registrados logo após o término das sessões;

h) Discussão dos atendimentos em supervisão, omitindo dados que pudessem favorecer a identificação dos participantes.

- Questionários semi-abertos (questões norteadoras) utilizados nas entrevistas individuais:

Estudantes PEC-G – individual

- 1) Por que razões você escolheu fazer um intercâmbio?
- 2) Quais impressões você teve ao chegar no país?
- 3) Pensa em retornar para o seu país de origem?
- 4) Quais dificuldades você encontra na condição de estrangeiro?

Estudantes PBMH - individual

- 1) Quais eram as expectativas a respeito da realidade que te acolheria?
- 2) O que norteou a escolha do Brasil como país para a migração?
- 3) Qual a experiência que marcou sua chegada?
- 4) Quais dificuldades você encontra na condição de estrangeiro?

- Grupos:

Estruturaram-se dois grupos de cinco encontros.

Grupo 1 - Considerando serem as últimas semanas de aula antes da prova de proficiência em português e férias, os alunos foram convidados a participar, sem

obrigatoriedade. Os encontros aconteceram na dependência do próprio Celin. Estratégia utilizada por haver um vínculo por parte dos alunos, evitando mudanças em um momento delicado no qual a perda real de um colega poderia colocar em questão as perdas e mudanças simbólicas e imaginárias que os estrangeiros estavam vivenciando, podendo se considerar um fator de risco.

Grupo 2 - O segundo grupo se configura no início do projeto pedagógico do PEC-G, incluído na grade curricular nas cinco primeiras semanas de acolhimentos dos estudantes estrangeiros, após este período, são incluídos nas salas com outros estrangeiros. Os alunos foram convidados a participar, sem obrigatoriedade, porém, diferentemente do primeiro grupo, foi incorporado à grade horária dos estudantes. Os encontros aconteceram na dependência do próprio Celin, mesma estratégia utilizada por haver um vínculo por parte dos alunos.

Os grupos foram pensados em atividades disparadoras e de maneira livre para contribuírem conforme desejavam. A duração de cada encontro era de aproximadamente 60 minutos nas sextas-feiras, das 17h às 18h, e o segundo grupo das 9:30h às 10:30h. Os participantes foram convidados a assinar o TLE (Termo de Livre Esclarecimento) para que o conteúdo pudesse ser utilizado na pesquisa. Além disso, foi ofertada a possibilidade de participarem de entrevistas individuais e atendimentos clínicos caso tivessem interesse e necessidade. Participaram 12 estudantes no primeiro grupo e um destes solicitou atendimento individual. No segundo grupo foram 4 participantes e não houve solicitação de atendimento individual. Totalizando assim, 16 entrevistas.

- Entrevistas e atendimentos clínicos

Foram realizadas 16 entrevistas com jovens de 19 a 25 anos vinculados ao PEC-G dos seguintes países: Gana, Benim, Haiti, Camarões, Togo e Jamaica.

Um sujeito solicitou atendimento clínico, totalizando 3 encontros e foi interrompido devido ao seu retorno para o país de origem.

A partir do vínculo Casla / Celin e programa PBMH, houve um sujeito solicitante de atendimento clínico que totalizou 4 encontros até o momento e uma entrevista individual. Sujeitos na mesma faixa etária, 19 a 25 anos, dos países Haiti e Síria. Para evitar quebra de sigilo, a entrevista será analisada junto com as entrevistas do segundo grupo.

ETAPA 3 – Análise dos dados:

Durante a etapa de coleta de dados havia o convite por parte da pesquisadora para que os estrangeiros participassem da pesquisa, tanto no grupo realizado quanto nas entrevistas individuais. Percebe-se, assim, uma resposta desses sujeitos à demanda do pesquisador. Sendo assim, um ponto importante, que inclusive foi discutido em supervisão, é a origem da demanda para a psicanálise. No caso, fica claro que não é a do sujeito, não há uma demanda de análise. Houve apenas dois casos de atendimento clínico. Um deles, uma estudante do sexo feminino vinculada ao PEC-G, 21 anos, natural de Gana que, porém, retornou ao seu país após apenas três encontros e o atendimento foi interrompido. O segundo caso, migrante vinculado ao PBMH, sexo masculino, 24 anos, totalizando quatro encontros, com uma frequência esporádica.

Como psicóloga clínica com abordagem psicanalítica, faço uso dos idiomas para atender estrangeiros que se encontram no país e que venham a desejar apoio psicológico. Um ponto interessante que me faz questão é oferecer uma escuta em um

idioma que seja um facilitador ao sujeito que fala, que lhe pareça propício e interessante. Mas, ainda assim, é um Outro suposto saber que claramente não sabe da minha raiz e que denuncia o não saber da língua mater. Neste caso, como fica a transferência analítica? Ponto fundamental em um processo de análise. No caso da clínica em uma língua favorável, mas ainda assim não a materna, como se dá o advir inconsciente se ao falar traduzindo já está em processo egóico? Questões que foram retomadas e aprofundadas na conclusão.

Estes dois pontos, que podemos talvez associar como resistências, foram fatores de impossibilidade para a construção de um estudo de caso clínico como ferramenta para explicar os dados coletados dos atendimentos clínicos da pesquisa. Sendo assim, a escolha da autora para a articulação da teoria e prática foi através de vinhetas clínicas.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Cada entrevista teve uma duração aproximada de 45 minutos. As informações permitiram a identificação dos fatores e motivos que corroboraram o sofrimento do sujeito em condição de estrangeiro. Também permitiram a comparação dos dados identificando experiências bem sucedidas e aquelas que apresentavam discrepâncias em relação à proposta da migração.

Para este estudo foram analisadas as entrevistas, buscando identificar os conteúdos significativos das falas dos sujeitos. O método escolhido foi a análise de conteúdo psicanaliticamente orientada, baseado na redução em unidades significativas. Segundo Guist-Despraires e Levy (2005) mantém-se centrada na ordenação de conteúdo, com a finalidade de tornar os discursos mais acessíveis para fins coletivos, utilizando procedimentos sistemáticos para descrição do conteúdo dos discursos. A

análise do conteúdo se organiza em 3 etapas (Bardin, 2009; Guist-Despraires & Levy, 2005):

1) Pré – análise: fase de organização com o objetivo de operacionalizar e sistematizar as idéias apreendendo o sentido geral. Leitura de todos os dados colhidos retomando a hipótese e objetivo da pesquisa na elaboração das unidades que orientem a interpretação e análise.

2) Exploração do material: Delimitação e redução das unidades de significado; Agrupamento por temas como categorias de contexto para a compreensão das unidades de significado;

3) Interpretação dos resultados: realização da descrição das categorias e *insights* contidos nas unidades de significado sintetizadas no terceiro passo.

A delimitação dos fatores mais frequentes e preponderantes foram identificados a partir da análise qualitativa. Essa etapa limita as generalizações, constituindo-se numa análise que privilegia as percepções pessoais e as interações entre os diversos níveis. Segundo Guist-Despraires e Levy (2005) não existem situações que não solicitem o interlocutor a analisar o que recebe, selecionando e interpretando o que parece ser mais importante. No caso da análise do conteúdo é uma ordenação sistemática para analisar as fontes de conteúdos (verbais e não verbais) tramitando entre a objetividade e a subjetividade do sujeito.

As respostas foram confrontadas entre os diversos níveis permitindo caracterizar os conflitos não percebidos. A partir das respostas dos sujeitos foi possível verificar em que medida os diversos fatores potencializaram os efeitos dos eventuais impasses que surgiram no âmbito da experiência migratória dos participantes do programa de intercâmbio PEC-G e PBMH.

ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS

Os registros das sessões não são feitos em áudio ou videogravação. Eles são, em princípio, armazenados na memória do pesquisador. Em seguida, logo após o término do atendimento, são feitas anotações nos prontuários individuais dos sujeitos da pesquisa, visando conseguir uma melhor aproximação do ocorrido (são reservados dois horários de atendimentos, subsequentes, no CPA). Não se pretende a reprodução na íntegra do discurso do participante, mas, na medida do possível, respeitar a literalidade e a sintaxe do discurso ou parte dele. Também são tomadas notas das impressões pessoais do pesquisador, dos lapsos linguísticos e esquecimentos dos participantes e são feitas possíveis interpretações do discurso sob a teoria de referência. Este processo ainda está em construção.

Assim como Silva (1993) adverte, para a utilização do material clínico para a pesquisa é preciso levar em consideração que se trata de um recorte, limitado por um determinado ponto de vista, e é reconhecendo esse limite que será mantida a objetividade na investigação. Importante ressaltar a participação do sujeito no fenômeno que observa, ou seja, os aspectos singulares do processo.

As informações descritas visam responder o objetivo geral dessa pesquisa: compreender o sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro.

Os registros são feitos pelo pesquisador, individualmente, conforme a data do atendimento e respeitando o sigilo. Após o término da pesquisa os prontuários ficarão armazenados no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPR.

Capítulo 1 - Migração e Contemporaneidade

A partir do objetivo proposto: compreender o sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro, interessa-me como psicóloga clínica investigar como o sofrimento aparece nessas pessoas e quais são os dispositivos que utilizam para lidar com eles. Segundo estudo de Hovey (1999), a partir de uma amostra de imigrantes latino-americanos, verificou-se que a religiosidade foi considerada um fator protetor importante frente ao suicídio. Esta questão da religiosidade como uma ancoragem remete a uma função protetiva, a uma ferramenta psíquica defensiva, requer um aprofundamento teórico que pode revelar um dos elementos importantes utilizados pelo sujeito para dar um sentido à sua vida e experiência, permitindo se enraizar, encontrar um lugar estável. A crença, a religião, podem operar como um dispositivo transacional, ponto que será abordado na discussão do trabalho.

Koltai (1998) desenvolveu sua pesquisa em psicologia sobre a questão do estrangeiro com um viés da psicanálise e da política. Descreve que a perda da pátria corresponde à perda de um ser querido, referindo-se a Freud (1917a) em Luto e melancolia. A figura do estrangeiro se situa na fronteira do subjetivo singular com o social. Fixa-o numa alteridade que implica uma exclusão. Pontos fundamentais para a discussão do processo de desenraizamento da migração.

A condição de estrangeiridade deve manter-se ao longo da investigação como pano de fundo das discussões possíveis para se pensar sobre possíveis intervenções diante dos sofrimentos que esta condição pode provocar. A esse respeito, sobre a condição do estrangeiro, constam algumas pesquisas registradas oficialmente. Tem-se registro da pesquisa de Natahi (2007) na qual a autora discute a experiência do estrangeiro, na vivência da migração na atualidade. Ao conjugar o familiar e o estranho, o natal e o estrangeiro, leva aquele que migra a interrogar as ficções simbólicas que o

ligam à comunidade. Sintoma de uma forclusão da problemática do estrangeiro, a ideia de uma comunidade compacta, fechada sobre si mesma.

No livro *Política e psicanálise*, Koltai (2000) explora, a partir de conceitos psicanalíticos, a condição de estrangeiro enquanto conceito-limite entre o político e o psicanalítico, como algo que faz fronteira entre duas disciplinas, dois campos teóricos: a psicanálise e as ciências humanas. A figura do estrangeiro é abordada como algo que se situa na fronteira do subjetivo singular com o social. Este olhar singular ao sujeito é abordado no trabalho de pesquisa da autora Escobari (2009), em sua dissertação de mestrado, na qual articula os deslocamentos psíquicos e territoriais. A partir da perspectiva psicanalítica, autores têm estudado esta estreita relação entre o sujeito e a sociedade, articulando a constituição da subjetividade à construção do laço social.

Rosa (2009) pontua em seu trabalho, a preocupação com a marginalização dos migrantes. Ao se depararem com as dificuldades de lidar com a perda, agravadas pela vulnerabilidade social, estes terminam por ser instrumentalizados por uma manipulação e controle, por parte da sociedade. Questiona também sobre os espaços e processos migratórios, através de leis e organizações que corroboram e lucram com o enfraquecimento do migrante, capturando os fluxos, uniformizando, procurando extinguir diferenças, fomentando identidades. A imposição de uma política globalizante, apoiada no consumo e no individualismo, opera de modo a impedir as divergências, o estranhamento, o novo, gerando no sujeito impotência, alienação de si e de valores que lhe sejam singulares, forçando-o a uma dura batalha para se afirmar, correndo o risco da marginalização. Quando se trata do refugiado, ainda pouco se encontra de estudos psicanalíticos relacionados à clínica, embora o exílio forçado devido às guerras e conflitos civis armados configure um fenômeno atual.

Questões históricas são então, relevantes para se entender o multiculturalismo, pois, desde a II Guerra Mundial, as relações multiculturais não só têm se alterado, mas também se intensificado. É resultado de uma série de mudanças decisivas, uma reconfiguração estratégica das forças e relações sociais em todo o globo. A globalização favorece um tipo de homogeneização da cultura, entretanto, concomitantemente, há a proliferação das “diferenças”. Tradicionalismo e modernidade se misturam. Não se podem conservar intactas as formas antigas e tradicionais de vida, e tampouco uma assimilação global homogênea. (Hall, 2003)

Segundo Agamben (2009) a única forma de compreender as raízes da profunda crise de legitimidade pela qual passamos hoje é por intermédio de uma rigorosa arqueologia das raízes da modernidade que passa pela política, teologia, história e escatologia. Para o autor, a decadência das nossas instituições democráticas atesta o fracasso da tentativa da modernidade de fazer coincidir legalidade e legitimidade. A hipertrofia do direito com um excesso de legalidade formal acaba por proporcionar a perda da legitimidade substancial. Nossas sociedades parecem ter perdido a legitimidade e a legalidade.

Sendo a migração e a mobilidade humana fenômenos contingentes das sociedades, não posso deixar de mencionar o que ocorre nos dias atuais para contextualizar a migração e, por conseguinte, o sujeito que participa da pesquisa.

1.1 Contextualização do fluxo migratório no Brasil

Muitos estão saindo de seus países por motivos de guerra, sem ter para onde ir, e buscam em outros países um amparo. Hoje, as fronteiras estão se fechando. A crise no mediterrâneo tem levado barcos de imigrantes a se arriscar na travessia e muitos estão falecendo nesta viagem apenas de ida.

Um marco simbólico do fim da Guerra Fria e da divisão do mundo entre Ocidente e Oriente foi a queda do Muro de Berlim. A queda representou a unificação e a troca entre as nações. Nos últimos anos, o que se tem visto são divisões físicas na tentativa de contenção e separação. Os muros não estão caindo, mas se erguendo. Entre os Estados Unidos e o México, Coreia do Sul e Coreia do Norte, Arábia Saudita e Iêmen, Palestina e Israel - apenas alguns exemplos de que os muros continuam se proliferando. A Agência Italiana de Notícias (ANSA – Brasil), em julho de 2015, divulga a aprovação de lei do Parlamento da Hungria autorizando a construção de um muro na fronteira com a Sérvia.

O Parlamento da Hungria aprovou a controversa lei que autoriza o governo a construir um muro na fronteira com a Sérvia para conter o fluxo migratório proveniente da região dos Bálcãs. O projeto também estabelece a aceleração de procedimentos de expulsão de imigrantes e limita o direito a asilo no país, que é bastante procurado por nativos de nações balcânicas por pertencer à União Europeia. A lei é uma resposta ao recorde de 67 mil imigrantes e solicitantes de refúgio que já entraram na Hungria em 2015, mas foi duramente criticada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur). (ANSA, 2015)

Notícias em jornais do mundo afirmam: “No último mês, foram registrados ao menos quatro naufrágios de barcos que partiram do país. (...) a Grécia reforçou seus controles de fronteira com mais 1,8 mil policiais.” (BBC, 2014) Muitos barcos estão chegando clandestinamente na Europa, na tentativa de fuga de perseguições e guerras, mas encontram barreiras. Segundo a ONU (2015) a crise no Mediterrâneo é uma tragédia de proporções épicas, a maior crise humanitária da nossa era. Estima-se em mais de 1800 mortes em naufrágios só este ano. Apesar dos esforços de alguns países em impedir a construção de muros e a buscar um diálogo sobre medidas e estratégias para lidar com o conflito, é fato que não há ainda perspectivas de soluções.

O último relatório da ONU- ACNUR mostra dados preocupantes:

O número de pessoas fugindo do conflito na Síria e pedindo refúgio nos países vizinhos ultrapassou os 4 milhões, confirmando que esta é a maior crise de refugiados que o mundo testemunha em quase um quarto de século sob o mandato do ACNUR. (...)“Esta é a maior população refugiada por um único conflito em toda uma geração. É uma população que precisa de apoio global, porém está vivendo em condições terríveis e afundando na pobreza”, afirmou o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres. Tragicamente, e sem a perspectiva de resolução da guerra na Síria – agora em seu quinto ano –, a crise está se intensificando e o número de refugiados está aumentando. O marco de 4 milhões de refugiados foi alcançado há apenas 10 meses do registro de 3 milhões. Pelas taxas atuais, o ACNUR prevê que o total de sírios refugiados até o fim de 2015 seja de 4,27 milhões. (ACNUR, 09 de julho de 2015)

Estes dados, apesar de parecerem distantes da realidade brasileira, estão cada dia mais presentes, já que o Brasil é um dos únicos países a receber famílias de refugiados e apátridas. O Brasil, no contexto global, é signatário dos principais tratados de direitos humanos e tem investido em políticas humanitárias em resposta à maior crise desde a última Guerra Mundial.

Muito embora essa abertura ao acolhimento pelas políticas sociais exista, as leis de migração no âmbito jurídico, no entanto, são ainda restritivas e em vigor desde a época da ditadura com o foco de proteger o país da “ameaça” do estranho/estrangeiro. A posição subjetiva que se dá a um migrante humanitário, ao refugiado e ao apátrida, parece já apontar para um impasse na relação do sujeito diante do olhar de quem o acolhe e como o faz. Uma posição já subjugada e que representa uma ameaça a esse lugar de acolhimento.

Há uma urgência em rever políticas públicas migratórias, já que o Brasil acolhe muitos migrantes, porém muito pouco pode lhes oferecer. Demora com burocracia e dificuldades que se relacionam com a realidade de um país que nem mesmo consegue responder ao seus “filhos” e que ficam ainda mais evidentes na realidade do estrangeiro. O estrangeiro denuncia as faltas e fragilidades deste pai(ís) “adotivo”. Por muitos anos

os migrantes foram “invisíveis” a este “Pai”, mas agora, com a situação global de refúgio, esta “alienação” e ausência não são mais possíveis. Algo há de se fazer. O migrante denuncia e convoca o Outro em sua urgência.

O estado do Paraná hoje é referência em apoio ao migrante. No mês de abril de 2015 houve o lançamento do Plano Estadual de Políticas Públicas para Promoção e Defesa dos Direitos dos Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná. Segundo dados do DEDIHC – Departamento de Direitos Humanos e Cidadania (2015) a partir das propostas extraídas de Conferências, as Secretarias de Estado e órgãos que possuem interface com a política para migrantes e refugiados consolidaram objetivos de atuação e ações com suas respectivas metas, parcerias, prazos e indicação orçamentária, com o propósito de converter os anseios da sociedade em políticas públicas que venham a intervir positivamente na realidade dos migrantes, refugiados e apátridas.

Creiasco e Duarte (2014) afirmam que as políticas públicas devem visar a aceitação da diversidade por intermédio de leis e projetos que favoreçam novos laços sociais que possibilitem ao sujeito ampliar sua visão dos limites de si mesmo e do outro. Advertem para a importância da implementação de dispositivos de enfrentamento subjetivo às pequenas e grandes diferenças narcísicas.

Um movimento em parceria da sociedade civil com o ministério público articulado com o apoio do ACNUR, tem caminhado para que a legislação seja revista e que ações concretas de acolhimento e apoio sejam efetivas. No mês de julho, saíram do Estado do Acre 20 ônibus com imigrantes para outros estados segundo fonte informal da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos humanos do PR. Os estados receptores afirmaram não estarem preparados para a demanda. Há muito pouco, ou quase nada, a ser oferecido atualmente para apoiar este sujeito e auxiliá-lo em sua inclusão social.

Em Curitiba projetos vinculados às universidades e organizações não governamentais, têm oferecido aulas de português, já que o ministério de educação não possui ainda um material disponível para o ensino do português para estrangeiros. Apoio do direito em questões do âmbito jurídico. Ações na área da comunicação e história no apoio à sensibilização da comunidade de acolhimento. O Governo Federal em parceria com o ACNUR e instituições não governamentais, confeccionou em diferentes línguas, pela primeira vez, uma cartilha para informações básicas aos solicitantes de refúgio sobre os passos para a documentação e contatos importantes no território nacional.

No âmbito da psicologia para o favorecimento de dispositivos de enfrentamento dos refugiados, um núcleo foi idealizado e constituído no estado do Paraná: NUPSIM – Núcleo de Psicologia e Migrações. O NUPSIM está hoje vinculado à Comissão de Direitos Humanos do Conselho de Psicologia do Paraná e conta com diferentes instituições que se organizam em variadas frentes de atuação da psicologia, fazendo parte da Rede de apoio aos migrantes do Plano Estadual. Além disso, houve uma abertura para que a psicologia seja representada no Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná – CERMA/PR, o que indica a necessidade que outras áreas encontram na falta de respostas às demandas subjetivas.

O que nos chama a atenção é pensar que um país cuja base de sua constituição perpassa por diferentes colonizações e com o apoio da mão de obra estrangeira, muito pouco se ocupou sobre esta temática. O que pode representar um “choque” ao sujeito que chega. O Brasil é um país com muitas diferenças culturais. Parte disso se dá pela sua história e colonização. Faz se importante contextualizar sobre a história e cultura do estado do Paraná, já que seria um árduo trabalho fazê-lo em uma perspectiva nacional, e, de certa maneira, não é o objetivo da pesquisa trabalhar o choque cultural, mas

descrever como cada sujeito lida em sua subjetividade com tal questão. Sendo assim, apenas será exposto alguns detalhes sobre a história como pano de fundo para trabalharmos em seguida a questão do sofrimento.

O sul do país tem basicamente uma história de colonização europeia. A descoberta pelos Portugueses e Espanhóis, e a mão de obra escrava e indígena é comum às outras partes do território brasileiro. Porém, uma parte significativa de produção no estado do Paraná foi a criação de gado e uma estrutura de pequenas propriedades, diferente dos latifúndios cafeeiros. O que atraiu imigrantes para a região sul. Na metade do século XIX a grande demanda da cafeicultura na região paulista, favoreceu a revenda de escravos e mobilização para essa região. Com a crise da sociedade pastoril do Paraná, muitos migraram para São Paulo e Rio Grande do Sul. O número de escravos diminuiu consideravelmente na região. No início do século XIX, então, o Paraná recebe imigrantes nesse “preenchimento” de vazio demográfico: alemães, poloneses, italianos, ucranianos e em menores grupos, suíços, franceses e ingleses. A vinda de colonos atendia assim ao problema, agravado pela diminuição da mão-de-obra escrava. Nas últimas décadas do século XIX, a construção de estradas de ferro e linhas telegráficas empregou colonos trazidos por sociedades de imigração. No fim da década de 1880, 30% da população Curitibana era constituída de estrangeiros. (Andreazza & Nadalin, 1994)

Fica evidente em nosso estado, uma certa hegemonia “branca”, e no caso da migração atual, a grande maioria é vinda do Haiti e de países da África como: Gana, Benin, Togo, Sudão. Uma grande demanda de imigrantes negros, que se “chocam” com a realidade do sul. A maior parte dos entrevistados não imaginava encontrar esta realidade. Muitos não esperavam se sentir tão “estranhos/estrangeiros” já na questão da cor da pele. Choque também na percepção sobre esta característica. É comum ver entre

os migrantes negros, africanos e haitianos, um certo “orgulho” como eles mesmos dizem, revelado por um cuidado extremo com as roupas, com a moda, se sentem “bonitos” como alguns se referenciam em detrimento do negro ‘brasileiro’, “mexem” com as mulheres na rua, características provavelmente relacionadas à cultura, mas o interessante em ser citado aqui, é a construção histórica desses países, divergente da relatada sobre a do estado do Paraná.

No caso do Haiti, apesar de também ter sido colônia européia, foi o primeiro país latino-americano a tornar-se independente. Em 1687, no período de grande riqueza para a França, o Haiti acumula uma população de 536 mil habitantes, sendo que deste total, 480 mil são escravos, o que representa 90% de toda a população local, ou seja, um enorme contingente de mão-de-obra trabalhando ininterruptamente para produzir riqueza para a sua metrópole. No último quarto do século XVIII com os ideais de liberdade da Revolução Francesa, negros e mulatos se unem, é declarada a abolição da escravidão nas colônias, em 1804 é proclamada a independência do Haiti. O país foi a primeira colônia latino-americana a conseguir a independência e abolição da escravatura sendo que todo processo de revolução e libertação foi conduzido pelos próprios escravos, estes conseguiram, além de realizar a libertação de seu país, realizar também, a própria libertação. Com a Revolução, o Haiti se torna a primeira república negra do mundo. (Soares & Silva, 2006)

Segundo Mata (2015) o Haiti não foi apenas o primeiro país da América Latina e do Caribe a tornar-se independente da metrópole, mas também o primeiro a abolir a escravidão. Parece que esta marca libertária do Haiti teve posteriormente graves consequências nas suas relações políticas e econômicas com o resto do mundo. O que é evidente é que o primeiro país do Caribe independente e a abolir a escravidão é atualmente um dos mais empobrecidos do mundo. Ainda segundo o autor a migração

haitiana não começa nem neste século XXI, é um país que vem sofrendo catástrofes naturais, econômicas e políticas faz muitos séculos. Ao mesmo tempo em que a ocupação militar americana tentou evitar a possibilidade de que uma explosão popular derrubasse o regime militar, freou o máximo êxodo haitiano em direção a seu território. A manutenção do regime militar gerou, pois, situações de instabilidades, contatos e relações que proporcionaram motivos de fuga dos haitianos para os Estados Unidos.

Ou seja, apesar de toda a instabilidade e dificuldade, é um povo que resiste, com uma história política significativa e importante. Da mesma maneira, os países do continente africano que resistiram em guerras civis e lutas emancipatórias.

Interessante salientar que essas características de serem guerreiros, batalhadores, mas ao mesmo tempo alegres, é percebido por aqueles que o recebem. É comum ouvir de empregadores ou de profissionais que trabalham nas instituições de apoio, e que estão dispostos a conhecê-los, este mesmo discurso. Porém, na contra partida, a grande maioria da população que os recebe em sua “hegemonia branca”, nas pesquisas e entrevistas que são feitas com esta população fomentando discussões, o discurso é oposto, muitas vezes com certo preconceito. Não raras as vezes, os haitianos relatam se sentir subjugados com as informações que a mídia passa sobre eles. Sentem como se fossem “coitados” – palavra utilizada por um sujeito da pesquisa – quando então não se reconhecem neste lugar.

Narrativas históricas de um país sofrido, mas de uma história de bravura e resistência se chocam com uma posição de exclusão e destituição. Se chocam com a promessa feita por brasileiros no Haiti que lucram com a vinda destes para nosso país. Promessas de trabalho, de lucro, de um recomeço idealizado que em muitos casos não condiz com a realidade que os espera. Até mesmo, pelo fato do Brasil também se haver com suas crises e dificuldades próprias.

É comum ouvir críticas por parte dos brasileiros de que os estrangeiros estão roubando seus empregos, que ameaçam a segurança do coletivo, que tiram a vaga dos brasileiros na rede de saúde. Encontram assim, projetando no estrangeiro, uma resposta simples para questões complexas. Os problemas e dificuldades encontradas na gestão do país e políticas públicas insuficientes para dar uma resposta ao que lhes falta são "amenizados" ao encontrar na figura do estrangeiro uma falsa resposta. Segundo Zizek (2015) não se pode deixar levar pelo discurso de que os estrangeiros roubam os empregos ou representam uma ameaça aos valores dos nacionais, em uma análise atenta, fica claro que esse discurso apresenta uma racionalização. A explicação é que a presença do estrangeiro perturba. Um mal-estar que representa um "curto-circuito" na relação do sujeito com o objeto-causa. O que incomoda no outro estrangeiro é que parece nutrir uma relação privilegiada com o objeto – tesouro, que não tenho e julgo tê-lo tirado de mim.

Bauman (2001) relata que quando estranhos se encontram parece um "desencontro". Não há uma retomada a partir de um encontro anterior, nem lembranças compartilhadas, nada que sirva de guia. O encontro de estranhos é um evento sem passado. Ou seja, não há um amparo simbólico no qual o sujeito possa se situar para compartilhar o evento presente, sendo assim, também não lhe dá pistas de como caminhar rumo a um encontro futuro.

Toda produção de sentido se dá na possibilidade de ser reconhecido nas relações com os outros que também são faltantes. A relação com o outro é uma relação de incompletude em sua essência, mas de compartilhamento simbólico e reconhecimento. Douville (2004) afirma que os sujeitos sofrem a tensão do entrecruzamento e o hiato entre a verdade subjetiva de cada um e o que este sujeito herdou em termos de estrutura

de parentesco, de registros de história e de narração de memória coletiva. A vida se revela na interface do sujeito com a cultura.

Uma mudança de pátria, como no caso da presente pesquisa, pode dificultar a possibilidade de enraizamento, de se sentir parte. As mudanças também significam reconhecer um lugar outro, com sua história e construção simbólica própria. Entendemos esta experiência como um momento de sofrimento, em que o deslocamento favorece um não-pertencimento associado à angústia de não encontrar um sentido, ou seja, a falta de sentido, a dificuldade de articular seu sofrimento em um discurso.

Dunker (2011) afirma que o sofrimento tem a ver com um reconhecimento coletivo, o sofrimento é indissociável de uma experiência que mobiliza sistemas sociais de valores, narrativas e expectativas fracassadas de reconhecimento. Assim, a migração é um momento no qual o indivíduo se encontra desamparado e sem possibilidade ainda de articular seu sofrer e ser reconhecido em seus sentimentos, já que é estranho/ estrangeiro nesta terra. Ser estrangeiro designa um não fazer parte, falar outra língua e estar impedido de se comunicar designa a insuficiência das palavras, momento de desestruturação e muito sofrimento.

1.2 Mal - estar e laço social

O sujeito encontra-se sem lugar, deslocado. Freud (1930) utiliza o termo *unbehagen* para designar este mal-estar de não fazer parte. Segundo Dunker (2015) o pesadelo de não ter seu sofrimento reconhecido é proporcional à dificuldade de nomeação do mal-estar. O centro causal do mal-estar é a perda da experiência, a dificuldade de lembrar e subjetivar a experiência. Se mostra na finitude dos corpos e na precariedade dos acordos humanos. Para o autor, o mal-estar tem sua dimensão indiscernível, que escapa à nomeação. Não é apenas uma sensação desagradável, mas o sentimento existencial de perda de lugar, dimensão de indeterminação. Um tipo de

sofrimento que não se pode nomear perfeitamente e cuja natureza é indissociável da relação com o outro.

As relações humanas são marcadas pelas diferenças, pelo não consenso, ou seja, são faltantes e marcadas pela incompletude. Nas sociedades tradicionais a falta era camuflada pela estabilidade da estrutura de parentesco que conferia às pessoas um lugar, um destino, referências dadas pela comunidade e que dificilmente se modificavam. O cidadão contemporâneo é então mais órfão de filiação simbólica, mais desamparado da autoridade paterna e mais carente de ser (Kehl, 2002). Lacan (1938, p.60) empregou o termo “declínio social da imago paterna” para se referir à condição do homem moderno que perdeu esta proteção de um pai capaz de dar um destino.

Muito embora o sujeito na contemporaneidade tenha conquistado certa autonomia de fazer escolhas e decidir por si, agora precisa arcar com as escolhas feitas sozinho, na mais angustiante solidão. Os sujeitos se encontram desamparados, sem referenciais e modelos simbólicos estáveis. Não estar alienado diante do Outro possibilita ser enquanto sujeito, mas também o desafio de encontrar por si as respostas de suas inquietudes. Segundo Kehl (2002),

o homem contemporâneo quer ser despojado não apenas da angústia de viver, mas também da responsabilidade de arcar com ela; quer delegar à competência médica e às intervenções químicas a questão fundamental dos destinos das pulsões; quer enfim, eliminar a inquietação que o habita em vez de indagar seu sentido. Mas não percebe que é por isso mesmo que a vida lhe parece cada vez mais vazia, cada vez mais insignificante. (Kehl, 2002, p.8)

Essa falta de sentido é o sintoma emergente da contemporaneidade. O homem se vê cada vez mais sobrecarregado e ansioso em “dar conta” de um ideal, de ter para ser e não de “tecer” seu próprio destino. Ideal de eficiência, de felicidade e de negar a falta constituinte do sujeito, que se encontra cada vez mais solitário, angustiado. A sociedade

contemporânea pensa a cura do sofrimento como eliminação do mal estar e da angústia de viver. Em uma época na qual a medicalização ganha cada vez mais força na promessa de remissão dos sintomas, a espiritualidade cresce com promessas de cura, libertação e inclusive ganhos financeiros. No capitalismo, com o discurso de ser enquanto ter, fica cada vez menos possível e cada vez mais difícil o espaço para o sofrer, para o erro, a falha, a falta e o mal-estar do ser.

Apesar da linguagem viabilizar o compartilhamento social, as relações humanas são sempre conflituosas. O assujeitamento ao coletivo possibilita a ilusão de unidade. Estar diante de um Outro absoluto e sem falhas é evitar indecisões e incertezas. Esta é a origem de muitas tragédias sociais com atos de intolerância, exclusão, segregação, racismo, na tentativa de afastar o que coloca em questão a falsa unidade narcísica. Segundo Pacheco Filho (2009), para evitar saber da falta o sujeito busca no coletivo se assegurar dessa fantasia e ilusão de unidade, igualdade. Estar diante do Outro alienado é estar enquanto objeto e não enquanto sujeito. A singularidade e subjetividade se diluem. Evita-se o pensar, a incerteza e a indecisão, o Outro logo tomado como um saber totalitário. O autor denomina esse ser sem sujeito como “tendência totalitária à alienação do laço social” (p. 146). Vemos então a origem das tragédias sociais: o totalitarismo, o fundamentalismo religioso, o genocídio e a xenofobia. Tudo e todos que ameaçam a falsa unidade e o narcisismo são tomados como ameaça. Qualquer um que seja diferente é rechaçado, excluído na tentativa da manutenção do grupo homogêneo.

Dunker (2015) trabalha em seu livro um tema muito interessante a que chama de a lógica dos condomínios. Faz uma leitura dos dias atuais em que vivemos em condomínios para nos proteger. Por conseguinte, vivemos com pessoas da mesma classe social, com estilo de vida muito parecido, protegendo-nos de quem está fora do condomínio. Nós nos fechamos em um entre nós narcísico em que o diferente é visto

como ameaça. Posições contrárias e escolhas diferentes são vistas como algo a ser julgado e punido, aquele que pensa diferente e faz outras escolhas é excluído e rejeitado.

Segundo Hassoun (1998) o estrangeiro personifica a fronteira do familiar e do estranho, se situando à margem "segura" e sua existência permite a ilusão do grupo se fechar em um reconfortante entre-nós. O estrangeiro é aquele que, finalmente descoberto, situará a fronteira, o fora do dentro. O estrangeiro, o diferente, coloca em questão essa alteridade. Essa situação de desamparo, gerando uma forte angústia, leva o sujeito a uma busca idealizada de unidade.

Nesse encontro com o estrangeiro (estranho) nos confrontamos com a própria estranheza e com a impossibilidade de satisfazer a própria falta. No caso, o que está despontando como causa de mal-estar é o que não faz parte do grupo. O estrangeiro então recebe um fardo árduo. Fica então evidente que o estrangeiro pode vir a ocupar este lugar de ameaça, sendo aquele que ameaça o narcisismo do grupo que o recebe. Para que exista um conjunto é necessário ao menos um elemento fora para delimitar a diferença. O estrangeiro é este um, o de fora, o de outro lugar, o diferente que causa estranhamento e que, para a "segurança" do conjunto, muitas vezes pode ser alvo de violência.

Kehl (2002) afirma que apesar desta busca pela falsa unidade e igualdade "confortável", é justamente isso o que faz emergir o "desconfortável". O semelhante é sempre um semelhante diferente e invade nosso campo narcísico. Pontua ainda que, por ser semelhante e tão diferente ao mesmo tempo, o próximo vem sempre nos deslocar de nossa identidade, uma ilusão narcisista, pois traz inevitavelmente a questão de quem se é diante do outro. Para Cremasco e Duarte (2014), no grupo parece existir pouca tolerância às diferenças e uma não aceitação do que coloca em risco os elementos identificatórios do grupo ou que não pertencem a ele. Em muitas situações a injustiça

social acirra ainda mais o narcisismo das pequenas diferenças. A hostilidade é dirigida àquele que então ameaça esta identificação. No caso, o estrangeiro.

1.3 Desamparo e vulnerabilidade social

A diferença cultural confronta o sujeito com a ruptura de tudo aquilo que em si e na cultura corresponde à manutenção da relação de unidade e igualdade. (Käes, 2005) Todo indivíduo apresenta a necessidade de sentimento de segurança, proteção e de orientação, instalado com o processo de identificação ao seu grupo de pertencimento, em que, no caso do estrangeiro, este laço encontra-se fragilizado. A perda do sentimento de pertencimento pode gerar grande ansiedade. (Zugueib Neto & Cremasco, 2011)

Freud (1921) no texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, trabalha essa sujeição do indivíduo ao coletivo. Pontua inclusive, o quanto alguns podem se comportar muito diferente na esfera grupal do que o faria no particular. Há uma obediência à autoridade. Compara ainda a um estado de “fascinação” do indivíduo diante do grupo que responde a um líder. O grupo é tão obediente à autoridade quanto intolerante à diferença, ao progresso, tendo um respeito ilimitado pela tradição. Sob influência da sugestão, o grupo é capaz de grande abnegação e devoção. O indivíduo então baseia-se na fantasia e ilusão de completude.

Os vínculos com o grupo baseados no amor, que diz do amor por si mesmo, o narcisismo, permitem a produção de espaços de afirmação identitária a partir das relações libidinais de identificação. Porém esses vínculos baseados no narcisismo só são realmente capazes de sustentar relações sociais à condição de dar espaço à constituição de diferenças intoleráveis alojadas em um exterior que será objeto contínuo de violência. (Safatle, 2015)

Assim sendo, as fronteiras serão continuamente defendidas pelo grupo, como fundamento para os processos de reconhecimento. O que resiste ao laço social, o diferente, o estrangeiro, encarna a impossibilidade de harmonia e satisfação. A agressividade até então recalcada, é projetada neste estranho. O outro, dentro do grupo, mas que nega, que não pertence ao coletivo, é segregado. Ao mesmo tempo em que é este que possibilita que o grupo se identifique e se estabeleça. Douville (2014) afirma que o laço social designa como a coletividade mascara uma falta estrutural na relação do sujeito com o Outro. O laço social seria uma lógica e um dispositivo para não se haver com o desamparo.

Para Safatle (2015) o afeto que nos abre para os vínculos sociais é o desamparo. É da recusa de um desamparo que expressa coordenadas sócio-históricas bastante precisas que vem a mola de tal desejo de alienação social. “Estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me despossei dos predicados que me identificam” (p.26) Afeto que confronta com uma impotência, uma des-identificação. O desamparo tem algo de desabamento e de vulnerabilidade vinda do fato de estar fora, mas dependendo de um Outro que não sei como responderá. Estar desamparado é estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é a atualização dos possíveis do sujeito.

Ainda segundo o autor é da afirmação do desamparo que vem a afirmação. Não é algo contra o qual se luta, mas pode ser transformado em forte potencial libertador. Se estar desamparado é estar diante de situações que não podem ser atualizadas, há a possibilidade de autonomia através do abandono da fixação à situação anterior.

Apesar do mal estar e da angústia, a alteridade é justamente a possibilidade de ser enquanto sujeito, de se separar da alienação diante do Outro. Pode ser uma fonte de grande aprendizado e experiências compartilhadas. (Re)conhecer o estranhamento, o diferente, significa certa desestabilização de si. Pois é no outro que projeto a minha

própria estranheza, que não é reconhecida e é então recalçada. Freud (1919) fala no texto O estranho, *unheimlich*, do "estranho que vive em minha casa". Esse processo de (re)conhecer aquilo que há de mais estranho em mim mesmo é a possibilidade de crescimento e autonomia. Mas o homem moderno e a sociedade contemporânea evitam justamente isso, pois essa autonomia passa pela castração, pelo reconhecimento de que se é faltante, de que as relações humanas são sempre de incompletude, de que não se é completamente satisfeito. A separação possibilita o ser desejante e cuja base estrutural é a falta, e é disso que se tenta não saber. Projeto no outro o que não consigo admitir em mim mesmo.

Que leitura podemos fazer desta crise humanitária? Retomando o conceito de objeto a, poderíamos fazer um paralelo com o que resta das relações humanas? Seria o “dejeito” produzido pela sociedade contemporânea e que denuncia a sua falta? A questão que fica é o quanto o migrante ao qual nos referimos carrega consigo o peso e o preço de uma sociedade que privilegia o valor de objetos e coisas e não mais o sujeito que “tece” seu destino.

Junto às causas sociais é preciso ter presente a subjetividade que se expressa na experiência da migração. Sem a pretensão de inviabilizar estudos do fenômeno migratório enquanto questão político-social importante, mas estabelecendo um recorte desta dimensão e possibilitando questões que dizem respeito ao sujeito e principalmente de seu discurso referente à sua própria experiência. O sujeito é um sujeito do social, mas o modo segundo o qual cada sujeito toma seu lugar na história grupal é uma questão singular (Douville, 2004). Segundo Žižek (2015) nos tornamos membros de uma comunidade não só quando nos identificamos com sua tradição simbólica explícita, mas também quando assumimos a dimensão que sustenta essa tradição, os fantasmas, a

história secreta das fantasias traumáticas transmitidas por meio das lacunas e distorções da tradição simbólica explícita.

O sujeito precisa então pertencer a um sistema simbólico que lhe possibilite uma leitura e um lugar no mundo. É preciso que haja uma apropriação subjetiva, marcas singulares que possibilitam a constituição e individuação do sujeito. Trabalharemos a partir de agora, a origem mítica, a constituição do sujeito. A partir do conceito de objeto *a* na teoria lacaniana, base para construção e alinhamento dos capítulos seguintes.

Capítulo 2 – Gênesis: A origem

Gênesis ou **Génesis** do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação". A gênese da vida. O termo Gênesis é utilizado para o primeiro livro da base da narrativa sobre a Origem em uma visão mitológica da criação na cultura judaico-cristã. Narra um início da humanidade, a origem daquilo que é impossível de ser alcançado, é indizível, ou seja, não há palavras, não há maneira de responder em uma totalidade sobre a origem da vida. Porém todo ser humano em sua existência apresenta a necessidade de um saber. Saber de sua origem, do início, saber de sua história, saber de si. Os mitos confortam por falar de algo que justamente não se alcança. Uma resposta ao que falta. Desde o início da civilização, em todas as culturas e sociedades se define um mito de origem.

As histórias de uma cultura, as narrativas e os mitos são passados de geração em geração, como também os signos e significantes, o mundo do simbólico, da linguagem da qual o sujeito é constituído, sendo que os primeiros significantes marcam o indivíduo em sua subjetividade. Winograd e Mendes (2012) definem o mito como alegoria, como metáfora ou como uma anterioridade inacessível e não-localizável na história do sujeito – expressa uma tentativa de pensar o que estaria entre, ou melhor, o que conjugaria o pré- -psíquico (anterior à ou mais-aquém da interioridade psíquica individual) e o pós-psíquico (ulterior e exterior ao psiquismo individual). São narrativas de acontecimentos ocorridos num tempo primordial que pretendem ilustrar as origens. Os mitos contam como o homem se tornou o que ele é hoje e o que determinou sua organização, suas regras sociais e sua ética. Referenciam um lugar, um fazer parte, uma história na qual o sujeito encontra um sentido e lhe dá significados em um social. A questão da origem é fundamental não só do ponto de vista psíquico, mas de referência e habitação no mundo. De ter um lugar, uma raiz, necessidade intrínseca do ser humano de se sentir parte.

Em todas as sociedades é possível encontrar um mito, uma narrativa com intuito de dar um sentido à origem da humanidade. Os participantes da pesquisa relatam se apegar a crenças no momento de desorganização psíquica devido experiência do choque cultural. Questão que será retomada nos próximos capítulos. Há uma necessidade de um mediador simbólico, no caso, se referem à religião, em sua maioria cristãos (católicos ou protestantes). Tomando esse dado como referência, o mito da gênese na cultura judaico-cristã, remete a uma proibição seguida de uma separação após a criação da humanidade.

O primeiro capítulo da Bíblia – Gênesis - relata a criação do mundo e a origem do homem, através de uma nomeação, em seguida há a imposição de uma lei, de não comer da árvore do bem e do mal. O capítulo 2 cita a proibição “e tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia que dela comeres, certamente morrerás”. (Gn 2:7)

Para que não morra precisa ser exilado, banido, sofrer a separação deste Outro, e viver com o sacrifício de sua própria escolha. Em seguida, a separação “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal, ora, para que não estenda sua mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden” (Gn 3:22-23) Não há possibilidade de ter os dois. Se escolher o saber, perde o paraíso. Se escolher obedecer e não comer, está sujeitado. A possibilidade da escolha remete a uma consequência - há uma perda de qualquer maneira.

Narrativa que marca a origem, a separação e o exílio como consequência da possibilidade de autonomia, para vir a ser sujeito. Tomada aqui como mito em uma

cultura específica dos sujeitos pesquisados. Freud se utilizou de mitos para articular com a teoria e conceitos que estava construindo.

Freud (1913) em Totem e Tabu referencia o mito da origem articulando-o com a figura do Pai e a sua função importante de lei na constituição do sujeito. Ao Pai da horda, que possui todas as mulheres, é dada a autoridade sobre os filhos e, assim, estabelece a ordem na civilização. Quando os filhos resolvem matá-lo e comem suas partes, se identificam com ele e podem, a partir de então, ocupar o seu lugar e privilégios. Porém, a violação da proibição no sistema totêmico é vingada com a própria morte.

Assim, os filhos, se sentindo culpados pelos seus atos e desejos, não assumem este lugar. Se separam deste Pai e a lei passa a ser internalizada simbolicamente, permitindo assim que sigam seus caminhos e façam suas próprias escolhas, que principalmente vivam e não paguem com a própria vida. Para viver é necessário renunciar ao lugar do Pai. Há também, neste caso, uma perda.

Perpetua-se o totem, a lei, a proibição e a origem herdada. A transmissão da cultura e memória é preservada de uma geração a outra. Porém, este legado é reatualizado em cada geração. Trata-se de um retorno a um ponto de origem, mas que originará uma outra narrativa. A transmissão da cultura é efeito de uma temporalidade complexa que envolve a reescrita do passado no presente (Fucks, 2007).

Esta herança cultural, esta narrativa que busca dar um sentido à origem do indivíduo, imaginariamente poderia dar uma resposta ao seu existir no mundo, designando um lugar de unidade e completude nesta relação com o outro. Porém, apenas revela que não há um saber todo, não há um sentido original, e sim uma falta de sentido. Em toda relação de existir no mundo, há uma falta que denuncia a

incompletude. A referência aos mitos postula que o existir enquanto sujeito, remete a uma separação, uma ruptura desta unidade imaginária.

O sujeito se constitui na relação com o outro, implica o reconhecimento deste. Porém este outro é também faltante, e assim, algo se perde, algo que não é nomeável, algo que cai. Não há totalidade neste encontro. A migração é uma das experiências da vida que coloca as perdas em evidência - perda do lugar de pertencimento e perda das representações familiares que corroboram para a impossibilidade de dar um sentido à experiência. Possibilita a reedição da separação da relação primeira constituinte do sujeito. Assim, o desamparo original, que será trabalhado no capítulo 4, sendo editado no momento de perdas que a experiência migratória possibilita, pode vir a ser um momento de muito sofrimento dependendo de como o sujeito vivenciou as primeiras relações de perdas em sua constituição. Faz-se necessário, neste momento, abordar com maior clareza a origem do sujeito para a psicanálise.

Iniciamos o capítulo com o mito da gênese da vida. Como, então, entendemos a origem do sujeito?

2.1 Gênese - a origem do Sujeito

O sujeito ao qual se refere e interessa à psicanálise é o sujeito do inconsciente. Para Lacan (1964, p.193) “se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O sujeito emerge da relação significante - a linguagem funda o sujeito, dividindo-o. A fala implica o sujeito dirigir-se a um Outro. Outro diz respeito ao universo da linguagem, “lugar em que se situa a cadeia de significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (Lacan, 1964, p.194). O significante que marca o

sujeito, constituindo sua singularidade, é denominado traço unário. A marca original no sujeito refere a esta inscrição como Significante 1 (S1), “significante mestre” ou “verdade”, o primeiro registro que organiza a cadeia de significantes. Os significantes precedem a existência do sujeito. Ao nascer o bebê já encontra um mundo marcado pelo simbólico. Sendo assim, desde o nascimento, antes mesmo da entrada do sujeito na linguagem, já se encontra submetido num mundo da linguagem, dos significantes. Este mundo, a cultura e os pais demandam e desejam algo do bebê.

A diferença entre outro e Outro é importante. “O sujeito depende do significante e de que está primeiro no campo do Outro” (Lacan 1964, p. 195), Outro não como pessoa, mas como sede do código. Segundo Quinet (2011) não se situa propriamente nem fora nem dentro do sujeito, mas faz parte da ordem simbólica, da mesma ordem da cultura em que está inserido. Outro ao qual o sujeito se aliena para entrada na linguagem, já que embora habite em um mundo marcado pelo simbólico em um primeiro momento, ainda não fez sua entrada no discurso. Lacan (1956) inicia o Seminário IV - A relação de objeto, introduzindo o esquema da relação do sujeito com o Outro e representa o Outro com “A” maiúsculo - é dele que se trata na função da fala. E com “a” minúsculo o outro, que é o eu. Distingue o pequeno e o grande Outro; assim, o pequeno outro (a) é o igual, o semelhante da espécie humana, e o grande Outro é do campo simbólico, da linguagem.

Para a psicanálise essa verdade original, S1, esta origem, nunca pode ser alcançada, é mítica. O que existe é apenas um saber sobre a verdade, o S2, que diz algo de S1, mas não é o mesmo. Por isso, no presente trabalho utilizamos os mitos para falar da origem, em uma associação à origem do sujeito também mítica na psicanálise.

Segundo Figueiredo (1998) todo o processo de constituição da subjetividade perpassa pelo encontro da criança com a alteridade do adulto, com o adulto na sua

estranheza. Esta alteridade do adulto, fonte estrangeira de mensagens, não seria constituída apenas pela diferença entre o adulto e a criança, trata-se da diferença do adulto para consigo mesmo, ou seja, da alteridade implicada no/pelo inconsciente do adulto como corpo estranho e estrangeirice própria. É esta alteridade do próprio, este inconsciente que torna o adulto enigmático para si mesmo e, mais ainda, para a criança.

Os enigmas do mundo adulto convocam a criança ao importante desafio de traduzir e simbolizar as mensagens enigmáticas. Uma parte destes enigmas será resistente ao trabalho tradutivo. Tensão frente a este Outro enigmático, porém tão necessário para o apoio e cuidado desse bebê ainda incapaz de cuidar de si. Lacan (1949) conceitua esse momento como o estágio do espelho, que tem uma função importante na constituição do sujeito. Diz que diante do espelho e ainda sem controle de si, o bebê é sustentado por um suporte humano, supera os entraves desse apoio para resgatar um aspecto instantâneo da imagem. Entende-se o estágio do espelho como uma identificação. Ele busca na imagem especular a possibilidade de se ver por um momento como integrado. Lacan coloca como uma tensão entre a insuficiência de uma imagem despedaçada e a antecipação de sua totalidade. Essa imagem jubilatória, que tranquiliza, encontrada por esse ser ainda dependente, manifesta a matriz simbólica. Essa relação de reciprocidade é chamada, então, relação em espelho, momento em que a criança reconhece sua própria imagem. Ilustra o caráter de conflito, a distância de suas tensões e a identificação com a imagem (Lacan, 1956). É o momento que ilustra o caráter de conflito da relação dual. A criança aprende que há uma distância entre suas tensões internas e a identificação com a imagem, tensão frente à imagem unificada e a impotência motora. (Lacan, 1956, p. 14-15).

A questão então é encontrar uma autenticação nesta imagem sustentada pela mirada do Outro. A definição colocada por Chemama (1993) como essencial é que a

criança, carregada pela mãe, cujo olhar a olha, vira-se para pedir reconhecimento. Estamos falando então, da identificação imaginária, ou seja, o narcisismo primário, o eu ideal elaborado a partir da imagem especular. Identificação da criança com o semelhante e constitui a matriz, base das identificações secundárias.

Essa relação é de semelhança, o eu ideal, a imagem de si mesmo, que é outorgada pelo olhar do outro. É necessário que haja um outro, que sua imagem e mirada representem à criança um amparo. Dá um lugar a este sujeito ainda impotente e o ampara em sua necessidade. É nessa relação que se estabelece a base da matriz identificatória, nesta imagem especular do espelho, imagem em que se antecipa o que se deseja ter: unidade, integração, domínio de si. Se vê fascinada, mas trata-se de uma imagem ideal, um ideal de unidade e completude que jamais será alcançado, mítico.

A relação com o outro é então de ambiguidade, tanto de necessidade para sua sobrevivência e entrada na linguagem, quanto de impossibilidade de completude. “A relação imaginária é uma relação essencialmente alienada, interrompe, desacelera, inibe, desconhece a relação da palavra entre o sujeito e o Outro, na medida em que é um outro sujeito capaz de enganar.” (Lacan, 1956, p.10).

Estamos todos, assim, diante do outro semelhante e do Outro, seja família, classe social, nação, tradição, sistema linguístico etc, este Outro anterior ao eu que precede a emergência do sujeito, em que a criança localiza o próprio desejo. Lacan (1953) afirma que o desejo do homem é o desejo do Outro e, assim, se encontra alienado diante deste desejo.

Durante o estudo do seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan (1964) aborda esta relação primordial como a primeira operação para compreender a lógica na constituição do sujeito, denominada alienação, operação fundante do sujeito.

O motivo que levou Lacan a transmitir um ensino psicanalítico através da linguagem matemática está em defender que a formalização matemática teria o objetivo de passar informações de maneira unívoca, formalizando a estruturação do sujeito inconsciente a partir da lógica. Repensa a lógica clássica aristotélica e a modifica, introduzindo novos elementos. A máxima que inaugura o pensamento moderno afirma que o homem "é porque pensa". A psicanálise amplia esta afirmação, articulando a existência do inconsciente. O sujeito é também sujeito do pensamento inconsciente, colocando em questão a verdade do cogito, expressão da obra do filósofo René Descartes (1595 – 1650), "penso logo existo". Lacan (1964) contesta que o sujeito é enquanto pensa.

A perspectiva lacaniana amplia o conceito do sujeito cartesiano pelo conceito de inconsciente, o assujeitamento a esse pensar. Ou seja, o sujeito é onde não pensa. Formaliza a estruturação do sujeito do inconsciente a partir da lógica, recoloca em questão as relações entre o saber e o ser, a partir do Outro. (Pisetta & Besset, 2011) Quais são as escolhas do sujeito já que se constitui a partir do Outro e se suas referências iniciais (significantes) advêm do outro?

No Seminário XI Lacan (1964) aplica a negação no cogito de Descartes objetivando justamente a formalização da perda. "Penso logo sou". O cogito transforma-se em uma disjunção "ou não penso ou não sou". Ou seja, que ambos não podem ser verdadeiros ao concomitantemente. Não se pode pensar e ser ao mesmo tempo. Pensar e ser excluem-se. Introduce-se assim, no cogito, uma exclusão. Não há união do pensamento com o ser.

A primeira operação, portanto, é a alienação, a escolha forçada. Nesse primeiro tempo do Édipo o desejo da mãe é ter o falo, a mãe põe a criança no lugar da sua falta em uma tentativa de completude. Assim, a criança se imagina ser o falo para satisfazer a

mãe. Segundo Lacan (1964), é a alienação do sujeito frente ao Outro (A), operação forçada de alienação diante do Outro, já que o bebê precisa desse suporte por ainda ser imaturo, o que possibilita a entrada na linguagem. No primeiro tempo o pai está velado.

O sujeito para existir precisa perder. Algo da relação com o Outro é faltante, incompleta, não é representável, pois o Outro é faltante e não há possibilidade de completude da falta. Esta relação de incompletude será melhor trabalhada no próximo capítulo. Algo então se perde para que possa se haver com o próprio desejo, com a própria questão de "quem sou eu?", "o que eu desejo?", e não mais apenas responder ao desejo deste Outro que demanda - sair desta posição de objeto, estar em falta para ser desejante. A interdição é necessária para a separação desta alienação, possibilitando o advir do sujeito.

A partir da articulação feita por Escobari (2009), associamos o termo pátria com pai, há uma relação etimológica entre as palavras pátria e pai, oriundas do radical em latim *pater*: Pai, título de respeito dado aos heróis, chefe, dono da casa. É muito comum ouvir nos relatos dos estrangeiros que na migração, quando se encontram em outra pátria, se permitem fazer outras escolhas, se sentem separados o suficiente para ser e fazer diferente, ou seja, se haver com o próprio desejo e não mais com a necessidade de responder ao que a sua família ou cultura o demandavam, podendo responder de um outro lugar. Em um distanciamento da língua materna, encontram na nova pátria/*pater*, pai, uma interdição, uma separação deste desejo do Outro. Passamos então à segunda operação utilizada por Lacan (1964) denominada separação, para entender como, a partir desta, o sujeito se torna desejante.

2.2 – Êxodo: a separação

A segunda operação é a separação, bem como o segundo capítulo bíblico denominado Êxodo, que marca a saída, transitoriedade do povo judeu, seu exílio e

travessia para a terra prometida. Do latim tardio *exōdus*, do grego *ἔξοδος*, composto de *ἔξ*, "fora", e *ὁδός*, "via, caminho", significando partida. Um marco histórico na tradição judaico-cristã, considera-se um evento importante na constituição do povo judeu, antes aprisionado como escravo para o êxodo à liberdade.

Moisés, adotado pelo Faraó do Egito, via seu povo sendo escravizado. Recebe um chamado para guiar o povo de Israel, cativo no Egito, para a liberdade. Sai para Canaã liderando o povo pelo deserto em um exílio, uma travessia da escravidão para a liberdade, para a posse de uma nova terra. O mito inicial de Adão e Eva é também marcado pelo êxodo, o exílio do Jardim do Éden.

Assim, o mito que funda a sociedade judaico-cristã está também vinculado à idéia de separação. Lacan, como já citado, aborda a operação alienação/separação como essencial e fundante do sujeito. As saídas dos mitos relatados e a saída da relação da criança com a mãe no Complexo de Édipo postulam a importância da separação do Outro como a oportunidade de ser. Estar separado da "língua materna", da mãe simbolicamente, pode ser uma oportunidade de muito crescimento e de encontro com o próprio desejo. Pela separação é possível o sujeito se haver com o seu desejo, que está para além do que o Outro diz e deseja, do que faz surgir como sentido. A separação é um ponto de corte da relação primeira narcísica. O segundo tempo do narcisismo é um elemento importante na formação do sujeito, pois se refere à entrada do sujeito na linguagem, o acesso ao simbólico como estruturante deste primeiro momento imaginário.

Lacan (1957) chama a atenção para o elemento mais importante que vem perturbar o narcisismo primário que é o complexo de castração. O narcisismo secundário compreende o ideal do eu, a lei, o simbólico que regula a estruturação imaginária do eu. A função paterna interdita a criança da posição de completude da falta

que acreditava estar em relação à mãe. A castração possibilita a questão de quem se é frente ao desejo do Outro.

Em um segundo momento, concerne ao pai uma função de representar a proibição do incesto, de lei. Lacan (1957, p. 152), no Seminário V, define este termo como “aquilo que se articula propriamente no nível do significante. Trata-se do que chama de Nome-do-Pai, o pai simbólico que representa o Outro como sede da lei. Para que haja algo que faça com que a lei seja fundada no pai, é preciso haver o assassinato do pai, o pai morto, isto é, o símbolo do pai.” Isso é expresso no mito citado no capítulo anterior.

Lacan (1957), quando fala do segundo tempo do Édipo, coloca o pai como proibidor. É aquele que tira a criança do lugar de falo mediante dupla proibição, para a mãe e para a criança. “Não te deitarás com tua mãe (...) dirigido à criança e (...) não reintegrarás teu produto (...), endereçado à mãe” (Lacan, 1957, p. 209). A lei da proibição do incesto planta a questão "ser ou não ser o falo". Havendo uma intervenção efetiva do pai, a eficácia da função paterna é um corte. O autor representa o sujeito então, cortado, barrado, por \$, em que todo o sujeito é faltante. A barra designa o sujeito do inconsciente definido pela divisão, vazio. Ponto este importante, o corte que permite que algo caia, um resto, objeto *a*, tornar-se *a* causa de desejo. O que instaura a diferença, a divisão, então, é a castração, e isso produz uma fenda que jamais se fecha, indicando a divisão do sujeito. Segundo Quinet (2011), essa divisão, essa fenda, é a própria característica do sujeito do inconsciente, colocando em questão qualquer ideal de completude. É neste ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito.

Se instaura no sujeito, então, a falta. Esta falta torna-se perda, pois sempre algo se perde, algo que não é nomeável, que marca a incompletude das relações e dos sujeitos. Essa perda se transforma em causa de desejo. Ao perder a posição de objeto de

desejo do Outro, pode ganhar a própria possibilidade de desejo. Assim, na relação com o Outro também faltante, há a possibilidade de ser. O adulto vive na alteridade entre o eu ideal e ideal de eu, na busca do equilíbrio entre seu desejo e o desejo do Outro que o constitui, entre o familiar, o confortável e aquele estranhamento da insatisfação, do terror projetado externamente para diminuir a angústia da eterna falta. O conceito de angústia será melhor trabalhado no próximo capítulo, por ora nos interessa articular a falta constituinte do sujeito com o seu desejo. Lacan conceitua o objeto a como causa de desejo e como objeto da falta. Essa segunda articulação será melhor elaborada no próximo item.

O Pai onipotente é aquele que priva, interdita, estabelece a lei. Deus Pai separou Adão e Eva do paraíso, privou-os de uma vida eterna, Da mesma maneira, no mito relatado por Freud, o Pai privou os filhos do incesto. Um outro ponto importante é o pai que se revela como aquele que tem o falo, é a saída do complexo de Édipo, onde a identificação com o pai chama-se ideal de eu. Lacan (1957) afirma que o pai é internalizado no sujeito, instituindo o campo simbólico que organiza o imaginário. Embora a saída do complexo de Édipo seja diferente para o menino e para a menina, interessa-nos aqui o Nome do Pai, a estruturação simbólica que se organiza a partir da castração. Assim, o imaginário é instituído na relação com o outro, de igualdade (eu ideal), e o registro simbólico de alteridade, diferença, compreende a questão cultural, o ordenamento social, a denúncia de que não se é semelhante (ideal do eu).

A castração instaura as diferenças e a separação do vínculo narcísico mãe-filho. Pela eficácia da lei se instaura a falta, produz um sujeito sexuado e desejante. A função paterna, portanto, destitui a criança do lugar que acreditava estar e ser, o desejo da mãe, para se deparar com outras perguntas. Quem sou? O que desejo? O que sou ante o

desejo do outro? A castração possibilita o desejo e sua origem está perdida, já que a possibilidade de completude é mítica. Assim sendo, nunca será satisfeito.

2.3 - O Real: da falta ao desejo

O desejo segundo Quinet (2011) é propriamente a falta, aquilo que não se tem, é sempre desejo de outra coisa. Desliza na cadeia significante, é metonímico. Porém, quando falamos de desejo em psicanálise, falamos de desejo inconsciente, diferente do querer. Desejo que o pensamento não define, pois não há representação para o desejo, para a falta. A definição de desejo no Dicionário de Psicanálise é a “falta inscrita na palavra e feito da marca sobre o ser falante (...), é uma falta articulada na palavra”. (Chemama, 1993, p. 42)

Darriba (2005) trabalha o conceito da falta em uma construção da Coisa freudiana ao objeto a, enfatizando que a dimensão do desejo não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera. A falta do objeto não impede, por si só, que ela seja interpretada do ponto de vista da perda do objeto. Pontua a diferença entre Lacan e Freud, em que a falta não remete à perda do objeto primordial como na teoria freudiana. Para Freud o objeto da primeira experiência de satisfação do bebê está associado à Coisa, que está perdida. Este objeto de satisfação nunca será reencontrado, porém é o impulso para a busca da realização do desejo, na tentativa de reproduzir essa primeira experiência de satisfação. É, então, o objeto perdido.

Quinet (2003) define o termo freudiano como o objeto da primeira experiência de satisfação que corresponde à Coisa e que não se tem acesso. A Coisa em psicanálise é o objeto perdido, que jamais existiu. No entanto, o sujeito busca reencontrá-lo, sem conseguir, constituindo a falta estrutural do desejo. Para Lacan (1959) a falta não é

relacionada à perda de um objeto primordial, mas está na origem da experiência do desejo, é condição de possibilidade deste.

Ainda segundo Darriba (2005), a Coisa é condição da experiência do desejo. Como inacessível implica que ela só possa ser representada por “outra coisa”. A concepção de um objeto “sempre outro” implica pensarmos que não há objeto que se sedimente naquele lugar, o que acaba por configurar um vazio. Então, continua Darriba, por um lado o conceito da Coisa representa um vazio, por outro, a face do objeto revelada como sempre outro. Daí o objeto que tem a falta como base. Lacan (1959) enfatiza a falta do objeto e formula o conceito de objeto da falta – objeto a. “O que é buscado no complemento é o idêntico, e o idêntico é o impossível (...). Por que é o impossível? (...) Porque precisamente aquilo que é impossível é ter um objeto complementar do sujeito” (Rabinovich, 2004, p.24).

Desta forma, é impossível um objeto complementar do sujeito, objeto que não pode ser encontrado. A Coisa ausente indica a fenda aberta no real. Lacan (1959) define a Coisa como “aquilo que do real padece do significante” (p.157), aquilo que não se nomeia, e define o real como o vazio que corresponde à falta de significante que pudesse representá-la, o que não pode ser apreendido pelo simbólico, que não pode ser nomeado.

Se a falta é constituinte do sujeito a partir da sua divisão operada pelo Nome-do-Pai na castração e a Coisa remete a esse vazio irrepresentável pelo simbólico, algo então se perde, há um resto, o objeto a. Não há objeto complementar, algo que a complete, e sobre isso o sujeito não quer saber. Lança-se, então, na busca de algo que o satisfaça apesar de ser impossível. O que é o desejo que move o sujeito nessa impossível tarefa?

o Outro existe como inconsciência constituída como tal. O Outro concerne ao meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado na maneira mais pregnante, porque para mim não há outro

desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. É por isso que, para mim, não só não há acesso ao meu desejo, como sequer há uma sustentação possível de meu desejo que tenha referência a um objeto qualquer (Lacan, 1962, p.32)

Segundo o autor, “o desejo do homem é o desejo do Outro” (Lacan, 1962, p.31) e o que falta ao sujeito como objeto de seu desejo, concerne ao que falta ao Outro e ele não sabe. Por isso não há um objeto possível de sustentação do desejo. Segundo Lustoza (2006) podemos dizer que o objeto que falta ao sujeito é o desejo do Outro. O sujeito se oferece então como causa de desejo do Outro. Porém não está ao seu alcance satisfazer por completo o desejo do Outro. A satisfação sempre parcial deixa escapar um resto, necessário para o relançamento do desejo. O sujeito procura então reativar a falta no Outro, manter o Outro faltante e desejante. A autora trabalha o desejo na dimensão imaginária e simbólica segundo Lacan. No sentido imaginário alude à necessidade de que ele se ampare em algo situado fora de si, modelando-se à imagem e semelhança de um outro. Identificando-se a essa imagem e assim, poderá extrair uma certa orientação para sua conduta. O outro servirá como um ponto de apoio para saber como deve agir, pensar e sentir.

O outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante (...) é a identificação ao outro, que no caso normal, permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal do mundo em geral. Está aí o que lhe permite ver no seu lugar, e estruturar em função, desse lugar e do seu mundo, seu ser (...) O sujeito vê o seu ser na reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao *Ich-Ideal*. (Lacan, 1953, p.148)

Segundo Lacan, a identificação ao outro, semelhante, permite ao sujeito se situar no mundo. A partir da imagem, o sujeito se vê em relação com o outro e estrutura seu ser no mundo, dando um sentido a este. Nessa relação com a imagem cativante do outro e que representa uma unidade que lhe falta, o sujeito se ampara e se situa, podendo estabelecer comparações a partir disso. “A fascinação é absolutamente essencial para o

fenômeno da constituição do eu. É na qualidade de fascinada que a diversidade descoordenada, incoerente, da despedaçagem primitiva adquire sua unidade” (Lacan, 1954-55, p.70).

Se no plano imaginário o semelhante, o outro, possibilita a identificação, uma imagem para amparar a sua “despedaçagem”, se situa no mundo, o plano simbólico, da alteridade, por sua vez, organizará pela linguagem o plano imaginário, possibilitando dar um sentido ao que falta. Segundo Lustoza (2006), na dimensão simbólica caberá ao Outro a função de oferecer as coordenadas a partir das quais o imaginário se estruturará.

Assim, o que o sujeito quer é o que o Outro quer/ deseja. O que faz falta ao sujeito é aquilo que falta ao Outro, pois assim se referencia em sua existência dando um sentido à sua falta. Ampara-se no reconhecimento do Outro. O Outro tem como função ratificar o valor da imagem. (Lacan,1962) “O sujeito necessita que o Outro o reconheça” (Lacan, 1962, p.33).

Ao se deparar com o Outro do país que o recebe, perde esse reconhecimento do Outro que o constituiu. Muitas vezes, no novo valor que é atribuído à sua imagem o sujeito não se reconhece e não consegue consentir. Muitos migrantes falam de um preconceito quanto à sua cor/raça/credo e/ou do lugar que percebe ser colocado diante do Outro. Frequentemente subjugados e destituídos, relatam o quanto isso os ameaça subjetivamente. É um tipo de sofrimento comum relatado pelos participantes da pesquisa. Estar em outro país, uma cultura outra, possibilita-se conhecer um novo jeito de existir, de escolher outra coisa. Pode ser também um momento traumático, de perda de referenciais identificatórios e de não se (re)conhecer no diferente modo de viver e existir, no desejo e olhar deste Outro, aumentando o sofrimento do não pertencimento, de se sentir só e sem amparo.

Falar de deslocamento territorial, o êxodo, a separação da terra natal, da língua materna e o encontro com uma outra cultura, é falar da separação da pátria e encontrar em um novo país – pai(s) – como uma possibilidade de corte, da relação com a cultura materna, dos referenciais identificatórios. É onde os estádios vivenciados pelo sujeito em sua constituição, a sua subjetividade, o seu modo de ver e entender o mundo, seu jeito singular de existir, a sua verdade e visão de mundo são colocados em questão neste momento de separação. Assim como na relação do bebê com o Outro, algo se perde, nem tudo é interpretado e há algo de estranhamento - na migração o sujeito também se encontra em um momento de estranheza. Ou seja, o deslocamento territorial está articulado com o deslocamento psíquico, com a separação do familiar, deste Outro que o significou e constituiu, deste lugar de reconhecimento, para a travessia de um país outro, um êxodo, uma trajetória singular e oportunidade de saídas diferentes de existir. A separação da língua “mãe” e a interdição na relação com outro pai/país pode representar oportunidades de crescimento e (re)conhecimento ou de grande sofrimento.

Segundo Rosa (2009), a migração pode abalar os referenciais do sujeito, a sua própria imagem tomada aqui como ficção de si mesmo. Os abalos identificatórios afetam especificamente o Eu, seja no registro imaginário (eu ideal), seja no registro simbólico (ideal do eu). Podem ter conotação de liberdade, mas também ser desorientadores. Um momento em que o sujeito se encontra só. Rosa e Tatit (2012) advertem ainda para a solidão que pode favorecer uma maior segregação do migrante. A solidão pode ser uma defesa do sujeito diante do mal-estar da falta constitutiva que eclode neste momento de faltas e desorientação. A solidão, o desamparo, é uma versão do que chamamos de separação ou castração, uma vez que nessa experiência, o objeto ao qual poderíamos nos identificar para cobrir nossa falta e a nossa falta no Outro é

finalmente deslocada de sua função encobridora. A experiência de separação não é livre de angústia.

Ao se sentir desamparado e não encontrar possibilidades de dar um sentido à experiência o estrangeiro sofre, se desestabiliza. Há uma tentativa de buscar no Outro, neste novo paí(s), uma filiação simbólica, uma “adoção”, se sentir parte. Qual é o preço a se pagar pelo amparo do Outro, pelo pertencimento a um grupo?

Capítulo 3 – Desejo e pertencimento ou desejo de pertencimento

O migrante é convocado a se adaptar e a participar da comunidade que o recebe. A partir de então, é levado a ocupar um lugar de renúncias de sua própria língua, de sua cultura e das expressões de seu próprio desejo para se fazer aceitar, agradar e seduzir. Trata-se de um país/Pai de um outro clã, de um outro totem, para quem o migrante pede filiação. Resta ao estrangeiro uma escolha: aceitar seu domínio ou se opor. Sendo assim, a posição subjetiva que escolhe, de se assujeitar ou não, terá um preço a ser pago de qualquer maneira. Pode ser uma dívida por ter sido “adotado”, e então pode haver uma cobrança do próprio migrante pelo desejo ao qual renunciou, ou de um eterno sacrifício para pagar uma dívida impagável (Calligaris, 1992). Caso exista uma renúncia ao assujeitamento, pode vir a encontrar dificuldades em estabelecer laços, e assim, um sofrimento relacionado ao não se sentir parte.

Somos todos então constituídos na relação com o Outro estrangeiro, e diante das mensagens deste estranho, diferente, somos desafiados a interpretar, reconhecer. É nessa relação primeira que Freud (1926) encontra o paradigma da situação originária do desamparo, experiência na qual o sujeito se encontra sem recursos de sobrevivência por si mesmo, dependendo completamente dos cuidados do outro, que o alimenta, ampara, cuida, porém é também, um Outro enigmático, faltante, ameaçador à criança ainda indefesa. A situação é de desamparo diante do desejo deste Outro. A angústia de desamparo manifesta-se quando a criança se sente ameaçada por esse desejo obscuro e desconhecido.

É neste Outro olhar que encontramos amparo, reconhecimento e pertencimento. Paradoxalmente, algo se perde nesta relação, aquilo que não é traduzido e também, um lugar de unidade. Como colocado no capítulo anterior, a separação possibilita a falta que se faz perda, condição da estruturação subjetiva. Ao se separar de seu país, o

migrante se depara no momento da migração com o diferente, com outro lugar, outro idioma, outro modo de ser, se depara com a própria falta e condição de incompletude. A perda primordial sendo editada na constelação de perdas que a migração leva o sujeito a vivenciar é uma das muitas experiências na vida que trará um sofrimento psíquico àquele que a vivencia. *A priori*, o desamparo e o luto são inerentes a esse fenômeno. Perda da língua materna, dos costumes, da família, amigos, perda do conhecido, perda da sensação de unidade, do lugar de pertencimento e de amparo, perda de seus próprios ideais, perda do lugar de reconhecimento diante do Outro.

No capítulo anterior trabalhamos o objeto que tem a falta como base, o objeto a, sendo causa de desejo. O sujeito deseja o que o Outro deseja na medida do que lhe falta. O objeto a é ao mesmo tempo falta e o que aciona o desejo. Há um momento em que exerce uma terceira função – a angústia. Por um lado a falta causa desejo, por outro cria angústia da castração, mostrando aí o mal-estar do sujeito (Quinet, 2011). A angústia faz função quando a falta vem a faltar (Lacan, 1962). Ou seja, quando essa possibilidade de relançamento do desejo é impedido. Veremos a seguir o objeto a como função de angústia. Abordaremos sobre este afeto, a angústia, aquilo que não engana e que é constantemente atualizado na experiência migratória durante o ajustamento cultural e presente nos discursos dos migrantes.

É comum a todos os participantes da pesquisa se referir ao momento da migração como uma experiência de grande sofrimento, dor e desorganização psíquica. Um momento de caos, como alguns se referem. É um momento de grande angústia, onde o migrante se encontra desamparado.

3.1 - Angústia e desamparo

O estrangeiro é desafiado a interpretar este novo ambiente e dar um sentido a este caos. Porém, se encontra desamparado nesta difícil tarefa. A palavra desamparo é utilizada por Freud em momentos diferentes de sua obra. Em Projeto para uma psicologia científica (1895) e Estudos sobre a histeria (1893), se utiliza do termo, porém apenas a partir de 1920 trabalhará o desamparo enquanto conceito. Há um percurso teórico-clínico que transforma a palavra desamparo em um conceito metapsicológico que, para Freud, faz parte da condição inerente ao ser humano. Ou seja, a condição de fragilidade e imaturidade do recém-nascido que depende de um outro para suprir suas necessidades e interpretar, dar um sentido a ela, coloca o bebê na dependência de um amparo do outro. A partir de Além do princípio do prazer (1920) e Inibições, sintomas e angústias (1926), Freud articula o desamparo ao conceito de angústia.

A palavra alemã utilizada por Freud, *angst* (angústia), foi traduzida no inglês como *anxiety* (ansiedade), e que em inúmeras passagens há uma troca destes dois termos. Freud passa a definir o desamparo como um estado de impotência motora para a base da angústia do homem diante da precariedade de sua existência.

O determinante fundamental da ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática, e a essência disso é uma experiência de desamparo por parte do ego face a um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar. A ansiedade como um sinal é a resposta do ego à ameaça da ocorrência de uma situação traumática. Tal ameaça constitui uma situação de perigo. Os perigos internos modificam-se com o período de vida, mas possuem uma característica comum, a saber, envolver a separação ou perda de um objeto amado, ou uma perda de seu amor – uma perda ou separação que poderá de várias maneiras conduzir a um acúmulo de desejos insatisfeitos e dessa maneira a uma situação de desamparo. (Freud, 1926, p.85)

A ansiedade/angústia para Freud é uma expressão da experiência de desamparo. Aparece como uma reação à perda do objeto e/ou medo de separação do objeto investido libidinalmente. Edita então a ansiedade primeva do nascimento – a separação da mãe –, considerado um trauma por Freud. “A primeira experiência de angústia pela qual passa um indivíduo é o nascimento, e objetivamente falando, o nascimento é uma separação da mãe” (Freud, 1926, p.129). Ele afirma que a situação do bebê ainda dependente do outro, ao sentir falta da mãe em sua ausência por ainda não saber se irá voltar, é uma situação traumática.

Para Freud (1926), o primeiro determinante de ansiedade é a perda do objeto. Posteriormente, a experiência ensina à criança que o objeto pode estar presente, porém aborrecido com ela, e então a perda de amor do objeto se torna um novo perigo e mais duradouro determinante de ansiedade. Freud então estabelece uma relação entre a angústia/ansiedade, o perigo e o desamparo. A ansiedade é então uma reação a uma ameaça de perigo que pode levar à vivência de desamparo. Vivência que se repete sempre que houver a ameaça de perda de objeto. A angústia funcionaria como uma reação ante a perda e como um sinal quando a possibilidade da perda ameaçasse a se instaurar.

Ainda segundo o autor, a situação primeira de desamparo se repete nas vivências ou situações posteriores. Ela se repete nas diversas formas de angústia e separação que acompanha e vivencia o indivíduo, do seu nascimento à morte. Assim, a angústia do desamparo se torna típica da condição humana. A migração é uma das experiências na vida que edita esta condição.

Freud (1926, p. 160) firma então a posição de que a angústia/ansiedade “(*angst*) tem relação com a expectativa, é ansiedade por algo. Tem uma qualidade de indefinição

e falta de objeto. Em linguagem precisa empregamos a palavra medo (*Furcht*) (...) se tiver encontrado um objeto”.

Neste ponto, há uma divergência importante na teoria freudiana e lacaniana. Lacan (1962), no Seminário X, A angústia, discorda da posição freudiana acerca da falta de objeto. Para Lacan (1962) a angústia não é sinal de uma falta de objeto como coloca Freud (1926). A falta é constituinte do sujeito, como trabalhado no capítulo anterior, em que Lacan conceitua o objeto a como objeto da falta, objeto causa de desejo e também o objeto função da angústia. Sustenta uma posição contrária a de Freud, afirmando que a angústia não é sem objeto.

Para o autor o sinal da angústia revela a situação de desamparo da perda do lugar de amado diante do Outro. Pois é diante deste desejo do Outro, que o sujeito se organiza e se ampara, dando um sentido à sua própria falta e desejo. Desamparo designa um estado e a angústia um afeto, entendendo o afeto como aquilo que não foi recalçado. “Ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalçado. O que é recalçado são os significantes” (Lacan, 1962 p. 23).

A angústia surge quando algo põe em questão a falta do sujeito. A falta está relacionada ao desejo conforme trabalhado no capítulo anterior, pois é esta que dá suporte ao desejo.

Portanto, esse desejo é na medida em que sua imagem-suporte é equivalente ao desejo do Outro. (...) Esse Outro é conotado como A barrado, por tratar-se do Outro no ponto em que ele se caracteriza como falta. No lugar do Outro encontramos uma imagem refletida de nós mesmos, ela é autenticada pelo Outro mas não é totalidade, já é incompletude, ou seja, caracteriza-se por uma falta que orienta e polariza o desejo (Lacan, 1962, p. 34).

É na medida que se reconhece a incompletude do Outro, e de que também é faltante, que há a possibilidade do sujeito se constituir enquanto desejante. O lugar da falta no Outro orienta e polariza o desejo (Lacan, 1962).

Segundo o autor, o sujeito encontra no ponto de falta do Outro o suporte de seu desejo. A imagem refletida não é totalidade, é incompletude, e a partir disso, se orienta. O desejo nunca será completo ou satisfeito, é justamente manter a falta que permite mover o desejo. Segundo Melman (2003), o sujeito se caracteriza por uma demanda, pelo testemunho de uma insatisfação, só se mantém enquanto sujeito com a condição de permanecer insatisfeito. Se mantém na ex-sistência com a condição de que o objeto a seja mantido à distância.

Na angústia a falta no Outro que possibilita o sujeito se situar vem a faltar. “A angústia está ligada a tudo o que pode parecer no lugar da falta” (Lacan, 1962, p.57). A angústia então ocorre quando desaparecem as coordenadas simbólicas que possibilitavam ao sujeito situar-se. Se o Outro é o universo do simbólico ao qual o sujeito se ampara para dar um sentido à sua leitura do mundo e desejo, a angústia é o afeto que sinaliza a falta de sentido, o que resiste à simbolização. Por isso o objeto a faz função de angústia, pois é justamente o resto que resiste à operação de simbolização. O impasse na simbolização é o que Lacan (1964) chama objeto a – real “Real traumático e inassimilável” (p. 57). É o objeto sem o qual não há angústia e angústia “é o afeto sentido pelo sujeito, em uma vacilação, quando é confrontado com o desejo do Outro.” (Chemama, 1993, p. 14)

Lacan (1962) aponta uma relação essencial da angústia com o desejo do Outro, pois ao desejar ser reconhecido, se fazer desejado pelo Outro, o sujeito é reconhecido como objeto. Obtém o que deseja, mas não consegue suportar este lugar. Lacan (1962) afirma:

Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é (...) o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. (...) A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a (...) demanda que não pode falhar. (p.64)

A falta tem função estruturante e tudo o que possa se manifestar neste lugar é desorientador; quando a demanda não pode falhar, não há possibilidade de desejo, de ser. É o que nos deixa dependente. Lacan (1962) afirma que a angústia surge quando *uma coisa qualquer* aparece no lugar do objeto *a* causa de desejo. Segundo Chemama (1995) não é então o sinal de uma falta, mas de uma falha nesse apoio indispensável que é a falta. A angústia faz função quando a “falta vem a faltar” (Lacan, 1962, p. 52). Ou seja, quando a possibilidade de ser, é impedida. Quando a demanda do Outro não pode deixar de ser respondida, o sujeito é tomado como objeto.

toda demanda, (...) tem sempre algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo. Também é isso que explica a faceta angustiante daquilo que dá a essa falsa demanda uma resposta saturada (...) se a demanda é estruturada pelo significante, não deve ser tomada ao pé da letra. (...) Há sempre um certo vazio a preservar, (...) é de sua saturação total que surge a perturbação em que se manifesta a angústia. (Lacan, 1962, p. 76)

Ou seja, segundo o autor, a existência da angústia está ligada ao fato de que toda demanda tem sempre algo de enganoso, que preserva o lugar do desejo. O angustiante é quando se dá uma resposta saturadora a essa falsa demanda. Segundo Rosa (2009), a falta no Outro, necessária para que o sujeito na tentativa de ser desejado pudesse situar a sua própria falta, na angústia, essa falta vem a faltar, provocando correlativamente o não relançamento do desejo do sujeito. Não é então a falta de algo, mas a ausência da falta

que ancora e relança o desejo ao movimento. A experiência da angústia se trata, assim, não da perda de objeto, mas da possibilidade de ser invadido por este. É a presença perturbadora do Outro, sem possibilidade de ausência, que angustia. É o que deixa o sujeito dependente do Outro, sem possibilidade de ser.

Na urgência de decifração, o sujeito se interroga sobre o que ele é e o que representa no desejo do Outro, mas não encontra resposta. Então pode imaginar que o outro, situado no lugar do Outro enigmático, deseja apenas a sua morte. Ao tentar encontrar uma resposta, lança mão de recursos imaginários para encontrar uma resposta simbólica. Trata-se de uma operação que deixa um resto, sob a forma de uma incessante divisão. Resto, objeto a, resto de angústia. Afeto que seria o sinal do real por assinalar a emergência do desejo do Outro. O Outro real apresenta-se como caprichoso arbitrário. Em suma, inconsistente. (Lustoza, 2006)

A conseqüência da falta da regra, daquilo que pode ser simbolizado, faz o que antes era claro tornar-se confuso. A angústia, segundo Lacan (1962, p. 87), é quando aparece o que já estava ali, em casa, *Heim* não reconhecido que aparece inapropriadamente, aquilo que manteve-se *unheimlich*, inabitado, segredo, mistério. É o surgimento do *unheimlich* que representa o fenômeno da angústia. Lacan (1962) afirma que a angústia é o corte que abre a possibilidade do inesperado, daquilo que estava, mas não era conhecido, por isso a verdade da angústia é *aquilo que não engana*, o que está fora de dúvida. O que se trata de evitar, na angústia, é a certeza assustadora.

“O Eu não é senhor na própria casa” (Freud, 1917b, p.153). Esse estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que há de mais exterior e íntimo, de mais estranho e familiar. Freud (1919) afirma que o estranho é aquela categoria do terrorífico que remete ao conhecido e familiar, um familiar que se tornou alheio, que fora pelo processo de recalque excluído, centro pulsátil da experiência do sujeito. O sujeito

aparece como estrangeiro para si mesmo. Essa alteridade que escapa e escandaliza é de uma estranha proximidade de mim mesmo, uma estranheza inteiramente íntima – *unheimlichkeit* (Freud 1919).

O inconsciente surge nas lacunas do discurso, como o totalmente inesperado, o estranho. Para a psicanálise o estrangeiro é o próprio eu. A experiência da migração coloca esta questão do familiar e estranho em evidência. O sujeito se depara com a própria estranheza no encontro com o outro também estrangeiro e faltante. (Souza 1998)

Segundo Rosa (2009), a dimensão lógica do migrante encena algo comum a todos, pois todos somos sujeitos exilados, desenraizados de nós mesmos, constituídos pelo desconhecimento enigmático da dimensão inconsciente.

Estar em outro país e se deparar com toda gama de dificuldades, desde a impossibilidade de falar a língua do país, compreender e ser compreendido, até as mais corriqueiras atividades como se locomover, procurar ajuda, como se comportar, é desorganizador. Assim, a autonomia do sujeito se encontra prejudicada, se percebe em uma condição regredida, como um bebê que não consegue ainda estar e sobreviver por si, precisando de amparo. Se depara constantemente com suas falhas e falta. Esse lugar que o recebe, além de não lhe proporcionar ainda um amparo simbólico, também não lhe reflete uma imagem de unidade. Ao contrário, reflete o “despedaçamento” de si, partes irreconhecíveis de si mesmo.

Estar no estrangeiro é estar diante de um espelho que revela ao sujeito suas dificuldades e incapacidades. Esse outro estrangeiro espelha muitas vezes ao sujeito, uma imagem que não lhe dá suporte, mas que evoca toda sua estrangeirice própria. Sua diferença é estampada e seu desamparo infantil é evocado. É como se olhar em um espelho que devolve o pior de si mesmo. O enigmático do lugar e o enigmático de si mesmo estão em evidência.

O sujeito se encontra incapaz de se situar neste momento que podemos denominar regressivo, que remete às primeiras relações narcísicas, em que o bebê se vê ameaçado pela alteridade do Outro. Cremasco e Duarte (2014) o encontro com o outro é cheio de obstáculos e convoca o sujeito a entender que os outros existem como sujeitos de seus próprios desejos e não como objetos de satisfação. No encontro com o outro descobrimos a própria estranheza.

Segundo Lustoza (2006) a angústia de ser objeto de um olhar que não retorna ao sujeito qualquer sentido, qualquer mensagem, é o encontro com o desejo do Outro real, contraditório, enigmático, em que não pode ser simbolizado, "domesticado". O que causa tal mal-estar é a impossibilidade de discernir, de supostamente “entender” ou “saber” do que o Outro demanda. O angustiante é justamente que o sujeito não possa formular um saber permitindo localizar o que o torna desejável ao Outro. Sendo assim, o sujeito se encontra exposto ao enigmático desejo do Outro. Para a autora a falta de sentido impossibilita o sujeito de responder por uma interpretação qualquer, atestando assim uma destituição subjetiva. O Outro pode então consumi-lo como objeto, não restando recurso ao sujeito para “domar” o Outro. Para a autora a perspectiva do Outro inconsistente, incoerente, impossibilitado de ser representado, será vivida como uma abolição de si mesmo.

Se o Outro é o universo ao qual o sujeito se ampara para dar um sentido à sua leitura do mundo e desejo, a angústia é o afeto que sinaliza a falta de sentido, o que resiste à simbolização. A angústia ocorre quando desaparecem as coordenadas simbólicas que possibilitavam ao sujeito situar-se. Tanto a falta que daria suporte à falta do sujeito (Outro/país que o recebe) e a falta que dava suporte (Outro /país de origem), faltam, na experiência de migração. O sujeito se encontra então, deslocado psiquicamente, nem lá nem cá, perdido, sem a possibilidade de dar um sentido à sua

falta e na iminência de perder-se, desorganizar-se. Esse é o sofrimento mais arcaico do sujeito em condição de estrangeiro.

Assim, podemos dizer que o que angustia é estar diante de um Outro caprichoso e arbitrário, estar à sua mercê e ser tomado como objeto, desvanecendo enquanto sujeito de desejo. O sujeito se encontra exposto ao enigmático desejo do Outro. “O sujeito experimenta ali exatamente o ponto em que está desamparado enquanto objeto diante do desejo do Outro, encontrando-se, usando uma metáfora, nas mãos de, à mercê do desejo do Outro” (Rabinovich, 2005, p.94).

A angústia revela a não autonomia do sujeito, em que o sujeito está em posição de objeto. Lacan (1962) afirma que o sujeito, ao se confrontar com o enigma do desejo do Outro, é reduzido a esse objeto que ele oferece ao Outro, e o efeito é o advento da angústia por não suportar este lugar de não ser sujeito. O excesso de presença do Outro, como se não fosse possível ao sujeito ser sem estar nesta posição de objeto, bordejando a morte do desejo. É justamente a ausência, a falta de garantia deste Outro que denuncia o desamparo e o perigo de desaparecimento enquanto sujeito. O desejo do Outro exige que o sujeito entregue-se de forma incondicional. A presença que traz a possibilidade de estado de não ser, do inominável do real do qual não se tem referência e por isso, tão ameaçador. Uma ameaça a que o sujeito, na impossibilidade do recurso simbólico, responde com angústia (Lacan, 1962). Quando se alcança operar o simbólico o afeto deixa de ser angústia.

Como dar sentido àquilo que é irreconhecível? Tanto externamente como aquilo que não é familiar/reconhecido pelo próprio sujeito, o que está *unheimlich* e que retorna no advir cruel e verdadeiro. Como da falta de sentido passar ao sentido da falta? No processo de separação sempre se perde algo. A elaboração do luto se faz então necessária como uma defesa diante de todas as perdas relacionadas à realidade da

experiência migratória, como a perda de objetos de investimento: amigos, familiares, comidas, pertences. Porém, há a iminência da possibilidade de perder-se enquanto sujeito, quando o real emerge e a falta de sentido desestabiliza o sujeito, o que pode configurar uma experiência traumática.

Logo, o migrante sofre com a falta de sentido. Estar em um lugar Outro e se deparar com outras maneiras de significar, se expressar, viver, se deparar com perdas e ainda não ter recursos linguísticos e simbólicos para nomear esta experiência, é se haver como ser faltante, se deparar com o real, com o que não é nomeável, e assim a angústia se faz presente no momento em que a falta de sentido se faz presente.

A migração coloca ao sujeito a necessidade de uma elaboração. Assim, não apenas poderá superar a crise como terá uma qualidade de renascimento e verdadeiro crescimento. Caso contrário custará recuperar-se do estado de desorganização e sofrerá diferentes formas de patologias psíquicas ou físicas. (Grinberg & Grinberg, 1976). Não é em si uma experiência traumática, mas pode vir a se tornar uma. Mudar de país significa, entre outras coisas, construir uma nova vida, dar significados diferentes ao que era familiar, renomear, ressignificar, se deparar com inúmeras perdas. Não apenas a perda de objetos de identificação, mas também a perda da posição de ser amado pelo objeto, da posição subjetiva diante do olhar do Outro.

A migração, então, é uma das contingências da vida que expõe o indivíduo a passar por estados de desorganização interior e o confronto com o desafio de elaboração do(s) luto(s) inerentes ao processo. As vicissitudes do luto podem ser interpretadas como uma passagem, um processo de separação, a luta e a dor de ex-sistir.

3.2 – Luto e melancolia

O luto é, de modo geral, segundo Freud (1917a), reação perante a perda, tanto de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupou esse lugar ideal, como a pátria e a

liberdade. O luto está vinculado à perda, é uma resposta psíquica à perda de um objeto investido libidinalmente na trama representacional do sujeito. Neste momento há uma introversão da libido, um fechamento narcísico como modo de proteger o Eu no seu trabalho de desinvestimento do objeto para poder reinvestir em novos. Freud considera que o processo de luto está concluído quando há essa possibilidade de investimento do Eu em outro objeto.

Sendo assim, há um tempo necessário para a elaboração do processo de luto. A sociedade hoje, porém, evita o contato com a dor, com a angústia, negando o sofrer. Muitas vezes há neste imperativo de felicidade, um impedimento ao trabalho de luto. A negação do sofrimento dificulta a possibilidade de representação, e a falta de compreensão da dor, impede sua elaboração.

No momento do choque cultural, nem sempre há espaço para a escuta do desejo do estrangeiro ou de respeito ao seu silêncio e tempo. O estrangeiro é convocado a uma urgência de se adaptar, aprender a língua, apressar a sua elaboração. Há uma tentativa social e institucional em resolver esta questão, em ver resultados nas ações de apoio ao migrante, muitas vezes, negando as perdas das quais ainda estão enlutados. Ações comuns e coletivas, como aulas de português, encontrar alojamentos e pouso, verificar documentações, orientações culturais, em uma resposta às necessidades visíveis ao migrante, desmentindo o seu processo de luto, já que o sujeito apresenta peculiaridades em seu processo subjetivo de elaborá-lo.

Em um determinado momento da pesquisa fui convocada à coordenação da escola de idiomas para ser questionada sobre B., que, segundo eles, “não aprende como os outros, não responde no tempo esperado ao aprendizado do português”. Questionavam inclusive se haveria um déficit cognitivo em B. Ao se depararem com o fato de que cada um responde em um tempo diferente e o processo de elaboração da

perda para a possibilidade de uma (re)construção do novo é de modo singular, se preocuparam. Houve inquietações pertinentes ao cumprimento da grade curricular.

Assim, muitas vezes o sujeito não encontra um espaço singular para elaborar o luto. Freud (1917a) aponta que o luto é uma reação psíquica à perda, um trabalho do sujeito que não deve ser considerado uma condição patológica. Mas coloca como necessário um tempo de desinvestimento de cada lembrança referente ao objeto perdido, um reconhecimento da dor e o teste da realidade em que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica livre outra vez.

Freud (1917a) diferencia o luto da melancolia. A melancolia também pode constituir uma reação à perda de um objeto amado, mas pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal. O sujeito pode até saber o que ou quem perdeu, mas não sabe claramente o que perdeu nesse objeto. Há algo de enigmático na melancolia, não se sabe ao certo o que está absorvendo tão completamente o sujeito, que neste caso, apresenta uma diminuição da auto-estima e grande empobrecimento do ego. “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (Freud, 1917a, p. 251).

Para alguns, a perda de um objeto altamente significativo, como no caso do estrangeiro que se depara com inúmeras perdas, pode levar o psiquismo a ter que enfrentar uma alta dose de excitações. Um psiquismo que não estava preparado, podendo haver um luto prolongado, não necessariamente uma posição melancólica, mas um tempo perpetuado como um espaço defensivo. Pode haver uma tentativa de tributo, de rememorar e prolongar a existência do objeto amado, pois o terrível é a perda da lembrança. Berta (2012) adverte sobre o fato de a repetição como recordação não ser o mesmo do que a compulsão de repetição. Esta, por sua vez, é entendida como sintoma,

sendo que a repetição da recordação pode, no caso do estrangeiro, contribuir com a elaboração.

Zizek (2013) trabalha no texto *A melancolia e o ato*, a melancolia como um apego às raízes perdidas. No processo de perda há sempre um resto que não pode ser integrado pelo trabalho de luto e a fidelidade é a fidelidade ao resto. O luto é um tipo de traição, um “segundo assassinato” do objeto que foi perdido, e o sujeito em uma recusa de renunciar ao seu apego, permanece fiel ao objeto, em um momento de melancolização não entendida aqui, pelo autor, como patologia. Coloca ainda que a modernização capitalista ameaça certos grupos étnicos de que seu legado será engolido pela cultura global e para resistir a isso, mantem o apego melancólico a suas raízes perdidas. A melancolia, para Zizek, é uma posição altamente pós-moderna, posição que permite sobreviver em uma sociedade global, mantendo a fidelidade às raízes.

No grupo realizado foi perceptível e comum a todos os participantes uma necessidade de comparações e resgate de tradições de seus países de origem. Alguns inclusive vestiam algumas peças de roupas típicas juntamente com as roupas comuns ao Brasil. Sentiam-se bem e ao mesmo tempo uma certa nostalgia de rememorar as histórias infantis, as músicas regionais, o dialeto, e nestes encontros eram sempre muito emotivos. Esta nostalgia segundo Viñar (1992) confere ao tempo vivido um caráter descontínuo, um antes e um depois, uma necessidade de se adaptar, criar, aprender, mas não ao ponto de não mais querer retornar para seu país. A migração rompe com a frágil harmonia do falso sentimento de unidade, de se sentir parte. Há muitas vezes a idealização de um retorno, pois retornando se acredita voltar ao que se era e ao que se acreditava ter. Porém, os que permaneceram em seus países não vivenciaram a experiência de desenraizamento e, por isso, não compartilham mais das mesmas lembranças. O estrangeiro se encontra, então, em um momento de desenraizamento

solitário. Não pertence mais ao que era e tampouco se sente parte do que o presente lhe apresenta. Um nem lá nem cá. Sentimento de perda e falta insuportável, mas ao mesmo tempo livre para se (re)lançar desejante.

É uma experiência que possibilita o corte à posição alienante, mas também pode representar a ilusão da completude. Aqui se faz uma articulação importante e que me levou ao tema da presente pesquisa. É nessa tênue possibilidade que se manifesta o mais íntimo de cada sujeito. A diferença marcante em que alguns vivenciam uma experiência transformadora e libertadora apesar do luto, de se perder objetos, de sofrer e ex-sistir, possibilitando-se um sentido à falta. Percebe-se um deslocamento solitário que tinha como efeito o rompimento com algumas posições subjetivas cristalizadas e alienantes em que o deslocamento territorial parece indicar uma possibilidade de movimento desejante do sujeito. Segundo Rosa (2013), a solidão, a recusa ao laço, pode se manifestar contra uma posição alienante ao desejo do Outro. Pode se perceber dois movimentos na migração. Em um, o movimento de recusa a essa alienação, a esse laço social, assim sentindo-se livres, capazes de recomeçar. Segundo a autora, após o esvaziamento desse ideal alguns pacientes se deparam com a própria falta e um sentimento de solidão se manifesta.

Outros, em um movimento contrário, se encontram na errância perturbadora e angustiante da falta de sentido e buscam ancorar seu desejo no desejo do Outro, na possibilidade de se perder enquanto sujeito. Nesses casos, em uma tentativa de se manter estável e dar sentido à sua experiência, o estrangeiro pode buscar no outro a sensação de completude, de um lugar perdido. Segundo Zigueib Neto e Cremasco (2011), todo indivíduo apresenta necessidade de sentimento de segurança, proteção e de orientação, instalado com o processo de identificação ao seu grupo de pertencimento. A situação de desamparo contingente à estrangeiridade pode gerar uma forte angústia,

levando o sujeito a uma tentativa de busca idealizada da unidade se refugiando em guetos e com pares, sem participar de uma cultura ‘outra’ que lhe causaria mais estranhamento ainda.

Nesta impossibilidade de dar um sentido, no momento em que se depara com a falta e o real, a experiência é de angústia e desamparo, o que leva o homem à religião, ao mito, à idealização da qual resulta a figura de Deus. A religiosidade conduz à persistente necessidade que o bebê apresenta de ajuda e que mais tarde, frente às dificuldades da vida, sente a situação como vivenciou na infância. Em uma recusa à falta de esperança, busca a renovação da proteção infantil (Freud, 1910).

É interessante neste ponto retomar a questão da estrangeiridade, em que na fala de quase todos os sujeitos pesquisados o tema da fé e da religião estão presentes em algum momento de seus relatos. Muitos intensificam sua busca pelo transcendente, outros iniciam essa trajetória que antes não lhes parecia importante. Isso nos leva a refletir sobre essa necessidade de dar um sentido ao que é indizível, confuso, enigmático, ao que é colocado em questão na migração: a própria falta, o vazio.

A religião, no momento em que as perdas e mudanças são intensas, é uma das poucas situações que se mantém a mesma, estável. O sujeito vai ao culto e sabe como se dá o ritual a ser seguido, como relatado por T. “Eu vou na missa aos domingos. No meu país eu não ia muito e quando cheguei aqui não entendia o que o padre falava, mas eu sabia como funcionava a liturgia e isso me conforta. (...) Muitas vezes, quando não sei o que fazer ou como resolver uma situação, eu peço a Deus para me ajudar”. Além de um lugar, um ritual conhecido, que não lhe causa maior estranhamento, Deus que sabe de tudo, sabe também ouvir e entender as suas palavras, onipotente, supostamente pode ajudar e dar uma direção neste momento de confusão e impotência.

Em outros casos, participar da comunidade de fé lhe dá um lugar de pertencimento, de unidade. K. relata: “Vou na mesma igreja que eu ia em meu país, somos irmãos independente da língua e da cor”.

Freud (1927) relaciona cultura e religião como garantias frente às incertezas da vida e do futuro, em que a condição de desamparo se materializa. Kehl (2002) aponta que a grande falta que nos caracteriza como desamparados era antes camuflada pela estabilidade das estruturas simbólicas de parentesco, que conferiam às pessoas um lugar, um destino e que raramente eram modificados ao longo da vida. Na atualidade, o sujeito é mais órfão de filiação simbólica, a destituição do teocentrismo possibilitou ao homem colocar-se como centro dos interesses e decisões de sua própria vida, possibilitando uma maior liberdade de ser e pensar e de se haver com a angústia da própria falta, da ameaça à castração.

Em *Mal-estar na civilização*, Freud (1930) coloca a civilização como destinada a dar amparo, proteger o homem e ao mesmo tempo capaz de destruí-lo. Aponta que o desamparo, apesar de intrínseco à condição subjetiva, para alguns representa a perda do amor da pessoa de que se é dependente e pode ser tão significativa como se perdesse também a proteção frente aos perigos da vida. A ameaça da perda pode ser como a ameaça da própria vida, da própria perda de si, de perder-se. Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939) aponta que existe no homem uma necessidade de referência que lhe dê uma direção. Quando se vê abandonado por tudo e por todos, inclusive pelos próprios deuses criados por ele, se depara com o seu desamparo mais radical. O sujeito cede aos ideais civilizatórios onde se aliena, sua singularidade é esvaziada e submetida à unificação do desejo, das escolhas e dos modos de apreender o mundo. Rosa e Tatit (2012) afirmam que a solidão é tomada como manifestação de um recalcado que retorna para dizer do mal-estar no laço.

O movimento do deslocamento pode ser uma vivência de suspensão das certezas simbólicas e imaginárias do Eu (Rosa, 2009). Quando essas ancoragens, esses subterfúgios, também faltam e o sujeito se vê sem recursos, a angústia faz função. Viñar (1992) aponta para a dificuldade do sofrimento vivido por esses excessos. A condição de ser sujeito está vinculada à perda irremediável do objeto primordial segundo o modelo freudiano, e a experiência se organiza através desta. Ou ainda, se o sujeito se constitui enquanto objeto para sempre perdido, que se transforma em falta e esta é a causa do desejo em Lacan, o que acontece quando a realidade age duplicando e atualizando esta perda original ou a falta da condição humana?

No caso do migrante há uma cobrança social e uma urgência para que o tempo de elaboração das perdas seja breve, desconsiderando muitas vezes as condições mínimas para a assimilação psíquica. Para alguns, a recusa do sofrimento obstrui a possibilidade de representação. Já afirmamos que o real é o que não há palavras para simbolizá-lo, é o inassimilável, que não é representado simbolicamente. “O real seja apresentado na forma do que nele há de inassimilável – na forma do trauma” (Lacan, 1964, p. 57). Na teoria lacaniana trauma e real estão associados. O que não pode ser nomeado, o encontro com o real, é o trauma.

3.3 – Trauma

O real é o que resiste à representação, não sendo o mesmo que realidade. O real, o objeto a, como já elaborado no capítulo 3, se relaciona com o simbólico. Segundo Lacan (1964), o real é o inassimilável:

A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro (...) de uma forma que (...) a do traumatismo. (...) Na origem da experiência analítica, o real seja apresentado na forma do que nele há de inassimilável – na forma do trauma. (Lacan, 1964, p. 57)

Segundo Vieira (2008), há em qualquer trauma um fator subjetivo. Independentemente do que tenha ocorrido, algo singular precisa entrar em ação, já que nem todos os expostos à mesma experiência, serão traumatizados. O traumático é entendido como algo da ordem de uma experiência, cuja dimensão requer intenso trabalho psíquico e que não encontra condições de ser operada. A falta de compreensão da dor é uma das variáveis de dificuldade na sua elaboração (Iaconelli, 2007). É o caso das perdas que por alguma razão não puderam ser nomeadas, indicando, assim, ser singular de cada sujeito.

Os estrangeiros em seus relatos comumente afirmam se sentir perdidos, a experiência tem a conotação de desespero, em que muitas vezes não encontram palavras para nomeá-la. B., um dos entrevistados, representou em seu desenho uma escada formada por letras desconexas rumo à descida e ao nada, “ao fundo do poço”, e relatou que não encontra maneira de se expressar. Até o inglês que lhe era comum apesar de não ser sua língua materna parecia estar desaprendendo, ou seja, palavra alguma lhe era suficiente. É a angústia da falta de sentido, quando a palavra lhe falta. Uma outra participante, devido ao caso do colega que faleceu, teve uma reação regressiva. Durante as semanas seguintes à experiência traumática ficou muda, não queria sair da cama e aceitava apenas o apoio de um dos colegas. Negou qualquer ajuda psicológica e quando retornou ao grupo ficava com um lenço na mão e o cheirava como um bebê com seu “cheirinho”.

Durante o período da pesquisa a guerra na Síria se intensificou e muitos vieram ao Brasil em busca de refúgio. O Brasil é um dos poucos países que aceita a vinda da família e não recusa suas solicitações. Porém, muitos destes migrantes recusaram apoio psicológico. Alguns agendavam, mas não compareciam. Soubemos por parte de

parentes que mesmo em grande sofrimento e com a iminência de morte optaram por retornar à guerra.

Outro acontecimento importante relatado foi a morte de um membro do grupo. Alguns professores conjecturam a possibilidade de ter sido um suicídio. Relatam que o rapaz estava em grande sofrimento, que falava pouco e parecia estar depressivo. Não podemos atestar aqui nenhum julgamento quanto ao fato, porém, o índice de suicídio é alto em meio a migrantes e refugiados segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014).

Alguns sujeitos desta pesquisa se encontram como Rosa (2009) relata em sua prática na clínica com estrangeiros: sob o efeito dilacerante da exposição à manifestação violenta da face obscena do Outro e impactados pela angústia em sua dimensão traumática, que muitas vezes impede a construção de demanda para atendimento clínico.

Freud (1920), em *Além do princípio do prazer*, conceitua o traumático como um estímulo muito intenso que resulta em uma dificuldade de elaboração por parte do aparelho psíquico. Ele estabelece a diferença entre neurose traumática e neurose, considerando a “neurose traumática comum como consequência de uma grande ruptura que foi causada no escudo protetor contra os estímulos.” (p. 42). O trauma encontraria o sistema despreparado para se defender, a determinação do resultado dependendo do sistema estar preparado ou não para elaborar. As neuroses traumáticas indicam uma fixação no momento do acidente traumático, sofrem como se o excesso pulsional da situação ainda não tivesse sido findada, repetem a situação em sonhos. Ocorreria após desastres, acidentes ou risco de vida. Afirma então que as neuroses de guerra podem ser neuroses traumáticas.

Em *Introdução à psicanálise e às neuroses de guerra* (1919), Freud já havia afirmado que as neuroses de guerra são neuroses traumáticas, em que o ego humano defende-se de um perigo que o ameaça de fora, que ameaça a vida. Sendo assim, há algo da experiência traumática que está para além do medo e dano físico.

Em *Inibições, sintoma e angústia* (1926), Freud faz novas contribuições quando postula a angústia como um sinal não apenas ao perigo real, mas a algo que diz respeito à constituição do sujeito. Associa o medo da morte com o medo da castração, ao desamparo diante da perda do objeto primário, conforme já trabalhamos anteriormente.

Sendo assim, segundo Jacques (2012) em sua experiência no atendimento com soldados que retornaram de experiência de guerra, o acontecimento traumático pertence à ordem do excesso insuportável. O trauma de guerra provoca um esgarçamento no simbólico. Inundados pelo excesso pulsional inassimilável, ficam submergidos na experiência traumática. Quando a barbárie impera, encontram-se livres de quaisquer amarras normativas, e para alguns sujeitos, é uma condição em que falham suas defesas protetoras, advindo o trauma. A autora afirma que o sujeito se encontra com a identidade e a imagem despedaçadas, sente-se ameaçado, arremessado de volta ao desamparo, donde advém a angústia.

Fica claro, então, que cada sujeito lida de maneira diferente quando vivencia uma experiência ameaçadora. Ao se deparar com experiências de guerra, desastres naturais, violência, exílio, migração, o sujeito se depara com um resto que não é nomeável - o trauma, que não consegue representá-lo na cadeia simbólica, o confronto com o real inominável. “O homem se constrói a partir de suas ilusões e projetos, e uma das dimensões é o fato de remodelar permanentemente este jogo de ilusões. (...) O exílio faz abortar este movimento e o destrói, para retomá-lo na estranheza do não-familiar. Daí sua dimensão de traumatismo” (Viñar, 1992, p.111). Segundo Vieira (2008), é

justamente o fato do sujeito apresentar-se esmagado pelo evento que parece carimbá-lo como traumático. Trata-se do momento que o sujeito não construiu ainda uma resposta da qual possa falar de seu sofrimento. Ou seja, não consegue articular seu sofrimento em discurso.

Somente o sujeito que conseguir rearticular a perda na cadeia de representações e atualizar o acontecimento pode recompor processos e reinvestir em novos objetos. Em psicanálise não há hipótese última em relação à verdade do sujeito. A possibilidade de ressignificação do vivido nos permite outorgar novos sentidos, fazer novas ligações, provocar novas traduções e reordenamentos, dando origem a uma nova história ou um novo conceito (Pereira, 1999). Quando é possível nomear, a angústia deixa de ter função. É disto que se trata a angústia para Lacan (1962), a ameaça de aproximação do objeto a, do real, daquilo que não se nomeia. As experiências que trazem tal dimensão são aquelas descritas pelos migrantes como o “caos” em que falta o sentido, em que perde-se aquilo em que se ancorava, a validação do Outro que dava suporte à falta no relançamento do desejo. Experiências que podem ser ditas traumáticas, que desestabilizam o sujeito ao ameaçarem sua constituição enquanto tal.

A angústia deixa de ter função quando o real é nomeado, quando se opera o simbólico. Como fica a questão do migrante que vivenciou uma experiência de horror, no caso de um desastre natural ou mesmo de guerra em seu país, e não pode ainda nomear, dar um sentido à experiência ou até mesmo se reconhecer nesta situação? O sofrimento é agravado pelo não pertencimento e acolhimento do país que o recebe? Que palavra pode circular quando o horror marca um indivíduo, um grupo ou um povo e ainda não possui espaço para poder falar e simbolizar esta experiência? Até o momento abordamos a questão da subjetividade na experiência migratória. Porém, a prática nos revela que os sujeitos da pesquisa se sentem ainda ameaçados pela condição na qual se

encontram diante do olhar enigmático do Outro. Já abordamos a angústia que faz função ao sujeito diante deste que o recebe.

No capítulo seguinte, os resultados serão explanados. A oportunidade de articular a experiência em um discurso foi realizada através das entrevistas e atendimentos clínicos. Em seguida, será articulada a discussão sobre esses relatos. A discussão abordará as limitações da clínica com estrangeiros, a questão da língua e traduções, bem como a dificuldade do sujeito em justamente articular um discurso sobre a experiência vivida quando esta ainda lhe causa estranheza e horror.

Capítulo 4 – Resultados

Foram realizados dois atendimentos e 17 entrevistas. Sendo que as entrevistas foram realizadas em dois grupos, com 12 e 4 participantes respectivamente e uma individualmente. Avaliaremos neste capítulo os resultados dos dados coletados nas entrevistas realizadas e nos dois atendimentos clínicos. Primeiramente, através das entrevistas realizadas serão avaliados os dados identificando os conteúdos significativos das falas dos sujeitos entrevistados, separados em unidades de significado.

5.1 Entrevistas: as unidades de significado

Nesta parte do capítulo as entrevistas serão analisadas através das unidades de significado. Para tanto, as unidades selecionadas foram separadas em cinco categorias: a escolha pelo Brasil, dificuldades encontradas, diferenças culturais, expectativas e pontos positivos da experiência. O conteúdo contribuirá para a discussão dos resultados no próximo capítulo.

- Descrições das unidades

- *A escolha pelo Brasil*

Nesta unidade reunimos todas as falas dos participantes que revelaram de alguma forma as razões que orientaram a escolha do Brasil como país de formação superior vinculado a programas de intercâmbio.

- *Dificuldades encontradas*

Essa unidade relata as impressões dos participantes a respeito da experiência com outra cultura. Nesta unidade compilamos a sequência de dificuldades relatadas

pelos estudantes com relação ao fato de serem estrangeiros. Essas dificuldades apareceram em diferentes âmbitos e com graus de importância variável entre os participantes. O objetivo desta unidade foi o de apresentar falas que de alguma forma pudessem ser vinculadas ao conceito de estrangeiridade conforme percebido no presente trabalho, enquanto perdas relacionadas.

- Diferenças Culturais

O objetivo dessa unidade de significado foi o de evidenciar se ocorreu e de que forma aconteceu para os diferentes participantes a integração na cultura e nos grupos locais para além da vivência acadêmica. Trata-se de uma unidade dedicada aos relatos que se referiram às diferenças culturais que foram percebidas pelos estudantes intercambistas com a cultura brasileira.

- Expectativas

Essa unidade apresenta as falas sobre o que os estrangeiros apresentam como meta, como objetivo e o que esperam da experiência de intercâmbio, além do que desejam construir em suas vidas através desta vivência.

- Pontos positivos da experiência

Nesta unidade foram compiladas as falas sobre os pontos que contribuem de maneira positiva ao sujeito, mesmo experiências de perdas ou que referenciam algum sofrimento, mas que possam ser interpretadas como um aprendizado.

Grupo 1

O primeiro grupo iniciou em setembro de 2014 com a presença de 12 participantes de 19 a 23 anos de diferentes países da África. Como já citado, o grupo se configurou pela demanda do Celin e do Proec (Programa de Extensão e Cultura da UFPR) devido ao incidente com um dos alunos. Em um fim de semana em que estavam na praia um rapaz faleceu afogado. Sendo assim, com a preocupação em relação ao grupo, que podemos considerar uma vulnerabilidade psíquica por estarem em condição de estrangeiro, as instituições solicitaram um apoio para o enfrentamento desta situação de luto e perda. Entendendo que o momento da migração é de inúmeras perdas e que esta situação concreta potencializa a edição dos lutos e possíveis identificações, a demanda foi então acolhida. Foram cinco encontros em que as atividades realizadas objetivavam oferecer um espaço para falar do sofrimento e a livre associação de idéias.

Foi realizado no fim do ano de 2014, de maneira que os participantes já conseguiam se comunicar em português e estavam a poucas semanas de realizar a prova de suficiência da língua. O grupo e as entrevistas foram, então, feitos em português, sem a necessidade de intérpretes.

Aqui serão apresentadas as características relevantes dos sujeitos e as unidades de significado colhidas a partir das entrevistas realizadas em grupo como descritas no método. Nas unidades de significado os cursos e países de origem serão omitidos para preservar as identidades dos participantes.

- *Unidade 1 - A escolha pelo Brasil para estudar*

A. “Vim para o Brasil por causa da vaga, mas não conhecia muito daqui.”

T. “Eu passei aqui e em Portugal, mas queria vir para o Brasil, achei que seria mais fácil, que seria mais parecido com minha cultura.”

R. “Eu queria ter ido para a França, mas lá ficava difícil o custo e também não deu certo, então vim para o Brasil.”

X. “Eu me inscrevi para o Brasil por causa do visto mais fácil, mas não conhecia Curitiba”.

U. “Eu queria estudar fora e foi a vaga que abriu.”

H. “Das opções do convênio, aqui era mais barato para viver.”

- *Compreensão da Unidade 1*

Das falas registradas percebemos que a escolha de estudar no Brasil foi feita em sua maioria com base nas possibilidades oferecidas. Alguns alunos dizem sempre ter desejado estudar fora do país de origem e o Brasil foi a vaga que lhes foi ofertada. Um estudante desejava estudar na França em primeiro lugar, porém o fato de não ter sido aceito o fez optar pelo Brasil. Um aluno disse ser mais simples obter o visto de estudo para o Brasil e os outros concordaram. Três alunos relataram ter sido uma opção possível devido às condições financeira da família. Uma aluna afirmou ter se candidatado ao Brasil por gostar da cultura e pelo imaginário de que seria uma adaptação mais fácil, já que sempre ouviu que os brasileiros são hospitaleiros. O que pode ser observado é que na quase totalidade a escolha não passou pelo desejo do sujeito de vir para o Brasil, mas sim pelas opções restritas e necessidade de apenas sair de sua terra em busca de novas oportunidades.

- *Unidade 2 – Dificuldades encontradas*

O primeiro encontro foi iniciado com materiais diversos como folhas, lápis coloridos e canetas hidrográficas, juntamente com a consigna “Com este material vocês devem representar, da forma como desejarem, como estão se sentindo hoje”. A partir

das representações e das falas foram levantadas dificuldades encontradas. As palavras colocadas pelo grupo foram:

H. “Vontade de nada”, “fiz o caos.”

A. “Saudades da mãe.”

T. “Muita confusão e angústia.”

C. “Saudades da família.”

L. “Saudades da comida da mãe e da terra.”

S. “Medo de não passar na prova.”

B. “Desejo de ser abraçado.”

E. “Solidão, vontade de chorar.”

R. “Medo, tristeza.”

X. “Paixão, alegria, gosto de ficar só, assim não preciso corresponder ao que esperam de mim.”

U. “Desejo de morte, destruição.”

Após o momento das interpretações dos desenhos, discutimos o que foi levantado e o fato de, na maioria das vezes, o que foi desenhado não ser interpretado pelos demais da mesma maneira. Foi perguntado ao grupo como era ser interpretado diferente, não ser entendido ou compreendido.

Nesse momento, falaram de suas experiências enquanto estrangeiros e o processo de aprendizado da língua portuguesa. Todos sentiram muita dificuldade.

L. “É muito difícil tentar falar e não conseguir, não saber andar na cidade, não conseguir fazer amigos. Me sinto muito irritada e sozinha.”

T. “É muito difícil, dá muita saudade da família e dos amigos.”

B. “Sinto raiva quando não me entendem e me fecho, me sinto desamparado.”

Nesse momento, todos concordam com os relatos.

- *Compreensão da Unidade 2*

Nesta unidade podemos perceber que as dificuldades encontradas e relatadas, estão ligadas à condição de estrangeiro, principalmente na questão das perdas e separações que enfrentam com a experiência migratória. Quase todos relataram bastante dificuldade em fazer novos amigos. É comum a todos a dificuldade com a língua portuguesa, o que atribuem ao sofrimento e maior resistência na adaptação. Quatro alunos africanos afirmaram não gostar do jeito que são observados na rua, acreditando ser devido a cor, que denuncia que são de outro lugar, estrangeiros. Todos os alunos relataram ter sofrido muito ao ponto de perceber certa ansiedade, choro constante e diminuição da capacidade de aprender. Todos desejaram em algum momento voltar para perto da família e amigos, ou seja, sofreram por não se sentir parte. Outro relato comum e que despertou emoções e afetos profundos no grupo a ponto de alguns saírem para pegar um copo de água foi a impossibilidade de serem compreendidos em suas necessidades e desejos, de se sentirem perdidos e desamparados. Para outro aluno, sua maior dificuldade se refere à questão financeira, fator com o qual a maioria concorda, porém todos concordaram que o sofrimento da separação e do desamparo são os sentimentos mais difíceis de lidar.

- *Unidade 3 – Diferenças culturais*

No terceiro encontro muitos já haviam parado de frequentar as aulas, dois retornaram ao país de origem e, neste dia que foi abordado o tema das diferenças culturais, apenas quatro estavam presentes.

B. “Sinto muita falta da comida, da cultura, dos amigos e do clima. Aqui tem todas as estações em um dia, é muito estranho. E as pessoas não são acolhedoras, achei que seria mais fácil fazer amigos.”

X. “Eu não gosto como me olham na rua, às vezes acho que é pela cor ou por eu falar diferente, não sei direito entender o que esperam de mim e isso me irrita.”

A. “Acho que as pessoas aqui são educadas, mas fingidas. Fiz amizade com estrangeiros, mas Curitibano quase nenhum.”

C. “Achei o custo de vida caro, aqui tudo é muito caro. É difícil porque minha família me cobra para economizar, mas eu tento.”

- *Compreensão da unidade 3*

Um aluno falou no preconceito que vive enquanto estrangeiro, outros três concordam com o relato. Um aluno relata perceber o olhar de preconceito pelo seu jeito de falar, cor da pele e vestimenta, com o que os demais concordam. Relata ter sido um choque estar nesse lugar de tanto preconceito e que em seu país os estrangeiros são bem recebidos. Todos concordam com a dificuldade de fazer amigos e sentem um clima hostil por serem de outro país, de outra cor. Um aluno relatou a respeito das diferenças culturais como natureza, música, comidas típicas, e, em seguida, relataram do que sentem falta em seu país. Cabe ressaltar que as falas ao longo de todos os encontros, remetem de alguma maneira à condição de estrangeiridade e às diferenças culturais. As dificuldades como o aprendizado da língua, a dificuldade em se sentir parte e fazer amigos, a saudade dos pares e da cultura, foram relatadas em vários encontros. Sentem-se sozinhos e perdidos.

A dificuldade financeira é ainda um agravante, pois além da expectativa e cobrança dos familiares, isso dificulta também a inserção social, pois não conseguem acompanhar grupos em eventos.

- *Unidade 4 - Expectativas*

B. “Eu gostaria muito de fazer a faculdade e depois ir para a Europa fazer mestrado e trabalhar.”

X. “Eu quero continuar a estudar aqui e ter um bom emprego.”

A. “Eu quero terminar os estudos e voltar para meu país com um bom emprego lá, para cuidar do meu filho.”

T. “Eu quero trabalhar e viajar aqui no Brasil para conhecer outras cidades.”

H. “Eu penso em voltar para meu país depois de terminar medicina.”

U. “Eu quero ser feliz.”

- *Compreensão da unidade 4*

Um aluno relata que deseja terminar a faculdade e depois tentar mestrado em outro país. Outro quer continuar no Brasil e fazer carreira profissional. Dois alunos planejam retornar ao seu país e uma aluna que deseja retornar tem um filho em seu local de origem. Esse vínculo lhe é mais importante do que continuar separada. O aluno que deseja fazer medicina é o único que vem da América do Sul.

Fica claro o desejo dos estudantes em continuar como estrangeiros, separados de sua origem, ao menos por um período em que estão concretizando desejos e fazendo escolhas. Apesar do sofrimento relatado, as possibilidades e oportunidades de realização dão um sentido ao sofrimento.

- *Unidade 5 - Pontos positivos da experiência*

B. “Acho que de bom é o tempo de investir em mim, aqui posso fazer escolhas, decidir sozinho. Tenho aprendido muito. Gosto também das coisas diferentes, isso tem sido muito rico para meu aprendizado.”

X. “Tem sido bom para aprender. Sempre morei com a família e sou a primeira mulher a conseguir estudar e viajar. É um desafio e gosto muito disso. Não penso em namorar porque quero investir em mim, ter o meu tempo e fazer as minhas escolhas.”

A. “Estar longe e fazer escolhas é muito positivo.”

C. “É uma oportunidade de vida, não penso em voltar. Quero estudar e trabalhar depois.”

T. “Aqui penso em estudar e ser alguém na vida, no meu país isso é muito difícil.”

- *Compreensão da unidade 5*

Todos relatam em algum momento que estar longe da família, do lugar que tinham, apesar de sofrido é muito positivo. A oportunidade de se separar para se conhecer enquanto sujeito com suas próprias escolhas é visto por todos como um ganho.

Estar em outro lugar representa novas oportunidades, possibilita se haver com a própria vida e desejo.

Grupo 2

O segundo grupo teve início em abril de 2015 com uma configuração diferente da primeira proposta. O grupo fez parte do programa de acolhimento dos estudantes PEC-G em que se configurou como uma das atividades no calendário e estrutura pedagógica São quatro participantes de dois países diferentes do continente africano. O objetivo específico, além do objetivo da pesquisa, é possibilitar um espaço para falarem

do sofrimento no momento do choque cultural. Sendo assim, estão recém chegados ao Brasil e ainda não falam o português. O grupo tomou forma no início do projeto do PEC-G, ainda nas primeiras semanas do calendário acadêmico. Foi necessário o apoio de um tradutor para o Francês, enquanto a condução das atividades foi realizada em inglês. Apesar dos esforços e da estratégia para a realização das entrevistas, das diferentes línguas e de, além de tudo, não utilizarem as línguas maternas, fez-se possível uma questão importante a ser discutida nos resultados do capítulo a seguir.

- *Unidade 1- A escolha pelo Brasil para morar*

D. “Foi o país do convênio pelo intercâmbio, quando soube da cidade – Curitiba, nunca tinha ouvido falar, mas procurei na internet informações antes de vir.”

E. “Foi onde passei no processo de vagas”

F. “Não tinha muita escolha, o programa era para o Brasil.”

G. “Foi onde passei na prova.”

H. “Foi o único lugar que aceitou minha solicitação de visto.”

- *Compreensão da Unidade 1*

Em todas as narrativas fica clara a escolha pelo Brasil como a única opção de saída. Poderiam optar em ficar em seus países, ou, vir ao Brasil. Em três falas, fica claro o interesse em sair da realidade de seu país. Nesses casos, vivenciam em sua nação guerras civis, e sair para estudar foi a possibilidade de fuga. Um aluno demonstra maior conhecimento geral e desenvoltura para falar, inclusive transita bem entre os idiomas francês, inglês e espanhol, este relata investir nos estudos no Brasil para depois tentar um mestrado em algum país da Europa, almejando algo além de uma “única opção”. Um outro aluno relata ter sido um investimento alto familiar para que estude fora,

inclusive nunca havia saído de sua região, nem mesmo ido à capital de seu país. Afirma ser a opção encontrada para sair de sua terra.

- *Unidade 2 – Dificuldades encontradas*

A atividade proposta no segundo encontro foi a mesma do segundo encontro do grupo 1. A partir de material diverso, representarem como se sentiam no momento. Por ser um grupo menor e ainda não se conhecerem, são menos participativos no momento de se expor. A atividade se restringiu às narrativas sobre cada representação. Sobre as dificuldades encontradas, as falas foram:

H. “A língua, isso dificulta muito. A questão financeira também, pois tive que pagar um ano de aluguel adiantado já que não tenho fiador.”

E. “Sinto falta de um doce típico da minha região e não o como desde que sai do meu país.”

D. “Sinto falta da família, me sinto sozinha e triste, isso dificulta bastante meu-dia-dia.”

G. “Me sinto sozinho, é muito difícil pra mim pois não consigo me comunicar. Sinto muita tristeza. Sair da zona de conforto e pegar um caminho estreito e distante de tudo aquilo que conheço.”

- *Compreensão da unidade 2*

Nesta unidade pode-se perceber o quanto a dificuldade com a língua é comum a todos. Aqueles que não falaram sobre isto, concordaram com os relatos dos colegas neste ponto. A impossibilidade de serem compreendidos ou de compreender o novo ambiente é muito dolorido. Um aluno desenha uma escada com letras desconexas, rumo

à descida, e diz que mesmo o domínio do inglês, tem perdido, de tão sofrida que é a experiência de não reconhecimento. Neste momento todos concordam e uma aluna se emociona. Um relato tras a dificuldade financeira e todos concordam. Assim como no grupo 1, todos concordam que o sofrimento da separação e do desamparo são os sentimentos mais difíceis de lidar.

- *Unidade 3 – Diferenças culturais*

Neste encontro, trouxeram músicas e relatos sobre a cultura de seus países. Um aluno fez uma apresentação no computador sobre história e cultura de sua terra. Foi um encontro mais alegre ao lembrarem. Um aluno usava roupa típica de seu país da África.

E. “No meu país tem muita comida gostosa e a música é muito animada. Aqui a comida tem pouco tempero, mas tem sanduíches que lá é difícil achar.”

G. “Na minha terra as pessoas são menos frias, gostam de estrangeiros e isso ajuda a fazer amigos”.

H. “Aqui eu tenho mais liberdade, apesar de não ser muçulmana, no meu país eu precisava de alguns cuidados devido a cultura”.

F. “Aqui tem muita gente bonita, de olhos claros, mas são meio metidos.”

D. “Sinto falta da comida e de saber me virar.”

- *Compreensão da unidade 3*

Quando a aluna falou sobre a saudade da comida típica, todos concordaram e compartilharam sobre seus gostos. Como no grupo 1, houve um relato de sentir certo preconceito por parte do olhar dos outros por ser estrangeiro e negro, nesse momento,

outros dois alunos concordam. Uma aluna relata sentir dificuldade não por ser negra, mas por ser mulher entre os rapazes estrangeiros e percebe conversas e olhares sedutores que a incomodam. O aluno que trouxe uma música típica, também dançou e todos os seguiram no embalo. Foi um momento descontraído e que rendeu uma narrativa sobre gostos musicais parecidos já que todos são natural de algum país do norte da África. Aparece nesse encontro e nos relatos, uma certa nostalgia, uma saudade daquilo que se era e que ainda não encontra pouso em identificações na cultura brasileira.

- *Unidade 4- Expectativas*

G. “Conseguir ter foco para aprender o português e assim passar na prova para entrada da Universidade.”

D. “Espero terminar a faculdade e continuar em um mestrado.”

F. “Espero conhecer pessoas novas e muitos lugares aqui no Brasil.”

E. “Espero ter coragem para enfrentar a solidão, a mudança e o novo aprendizado.”

H. “Minha expectativa é de recomeçar.”

- *Compreensão da unidade 4*

Neste segundo grupo, encontram-se em um momento diferente do momento que o primeiro grupo vivenciava. Estão iniciando as aulas de português e têm o ano inteiro pela frente antes da prova para entrada na Universidade. Fica claro na narrativa que suas expectativas estão associadas à preocupação com o êxito no aprendizado. Todos concordam com o aluno que relata desejar coragem para enfrentar o que está

acontecendo e o por vir. Apenas um aluno planeja algo futuro. Ainda estão em um processo de reconhecimento do ambiente que ainda não sente fazer parte. Concordam com o aluno que deseja conhecer pessoas.

- *Unidade 5 – Pontos positivos da experiência*

C. “Tem sido importante aprender a viver por mim mesma”

H. “Eu cresci muito, e aprendi que da vida levamos apenas as experiências”

G. “Os encontros com vocês me ajudaram muito, pois podia falar e abrir o coração já que me sentia muito sozinho”

F. “Conhecer coisas novas, aprender outra língua, aprender é sempre muito positivo”

D. “Foi bom, eu entendi que a gente vai aprendendo ao longo do processo, e que isso pode ser muito bom apesar da dor”

- *Compreensão da unidade 5*

Neste segundo grupo um aluno relatou sobre a importância do espaço oferecido pela psicologia. Todos concordaram e relataram que haviam acabado de dizer que os ajudava muito quando se sentiam nervosos ou solitários em Curitiba. Outro complementa que gostou muito de nos ter ali porque falar daquilo que o incomodava quando ele não podia fazer isso em nenhum outro lugar, que às vezes sentia-se desanimado, mas a nossa presença ali os ajudava. G. afirma que o grupo o ajudou a enfrentar melhor o momento mais difícil de sua vida, a notícia da morte de sua mãe em seu país. Há um consenso entre o grupo de que o papel da psicologia foi positivo. D.

confirma os comentários dos colegas, frisando ainda que ali naquele espaço ela se sente bem, apesar das dificuldades que encontrou na adaptação na cidade, e encontrou no grupo o apoio nesse processo, já que no início ela ficou com meninas que não teve afinidade e precisava de um lugar em que se sentisse melhor.

5.2 Atendimento Clínico

Neste momento serão apresentados os dados de dois atendimentos clínicos. A nacionalidade será ocultada e a referência ao nome, bem como a idade dos participantes - todos dados fictícios para preservar suas identidades. A discussão dos casos será realizada no próximo capítulo.

Atendimento clínico 1

K. tem 21 anos. Solicita atendimento, pois diz estar sofrendo muito. Procura-me após um encontro do grupo que aconteceu no Celin e marcamos um horário.

K. chega de cabeça baixa, fala sussurrando e evita contato visual. Fala em inglês e é difícil lhe ouvir. Diz estar muito triste e angustiada. Conta então sua história para que eu possa “ajudá-la”. Relata que aos 9 anos foi vendida pela mãe para um homem casado que não podia ter filhos com a esposa. Esse homem lhes dava dinheiro, mas não lhe assumiu. Assim, continuava a morar com a mãe e o recebia em encontros íntimos. Teve um filho desta situação. Este homem então lhe mandou ao Brasil para estudar, pagava seus estudos, e o filho ficou com sua mãe. Relata estar muito preocupada, pois, neste período no Brasil, decidiu que não se sujeitará mais a esta situação. Ao relatar isso ao pai de seu filho, seu sustento foi interrompido. Hoje vive com uma colega e recebe ajuda de sua igreja. Relata sofrer muito pois sua mãe precisa de dinheiro e K. diz ser ameaçada por ela. Deseja agendar outro encontro para falar de seu sofrimento.

Na semana seguinte K. diz estar um pouco melhor já que o Celin e o departamento de Direito estão lhe orientando e apoiando. Conversou com uma irmã que é casada e mora em outra cidade, ela a receberá caso precise de apoio. Pensa em voltar para o seu país, pegar seu filho e mudar para casa da irmã em um primeiro momento até encontrar um emprego.

Fala da relação com a mãe, que sempre se sentiu por ela manipulada e obrigada a responder aos seus desejos. Acha que ela não se preocupava com seu bem estar, mas sim com a necessidade de sustentar a família. Associa a migração como uma oportunidade de se separar desta relação opressora. Diz se sentir capaz de fazer escolhas diferentes, pois afirma que em seu país não conseguia pensar em alternativas e não conseguia se posicionar de maneira diferente. No Brasil, buscou uma igreja que a ajuda e a acolhe. Neste momento, o que lhe permite estar bem é a fé. A paciente afirma que estar separada lhe concede oportunidades.

Deseja continuar os encontros até seu retorno. Marcamos na semana seguinte, mas K. precisou desmarcar por ter que comparecer a uma consulta agendada pelo Celin e na mesma semana soube que uma de suas irmãs havia falecido em seu país. Remarcamos o que seria nosso último encontro.

Sua viagem estava agendada para a próxima semana e K. desejava se despedir e agradecer por lhe ouvir. Afirma ter pensado nas conversas e percebe que vir ao Brasil lhe permitiu enxergar que o pai de seu filho não lhe faz bem e que não precisa se sujeitar a ele ou à mãe. Diz ter sido um período difícil, pois ele a mantinha financeiramente, mas separada percebeu que pode cuidar de si mesma. O Brasil foi o que possibilitou o corte, separar-se para fazer novas escolhas. Está decidida a (re)começar.

Atendimento clínico 2

T. responde ao convite para participar da pesquisa oferecendo seu relato. Tem 24 anos e está há 11 meses no Brasil. Chegou em São Paulo e depois veio para Curitiba pela facilidade de emprego. Tem pais vivos, é o terceiro de cinco filhos. Sua irmã mais velha também mora fora e é médica, e T. possui mais um irmão que vive em outro país, um advogado.. Diz não ter migrado para um desses países dos irmãos pela dificuldade de conseguir visto. Em seu país estudava engenharia. Tem uma esposa, a quem deseja muito trazer para junto de si. Diz sofrer muito com a saudade e procura não pensar nisso. Tem acesso à internet e telefone, o que ajuda a sentir menos a falta.

T. afirma gostar do Brasil e se sentiu acolhido. Trabalha como auxiliar de produção e já fala o português. Ele conta sobre uma situação com seu chefe. Acha que ele lhe cobra muito e lhe acusa indevidamente. Diz que seus colegas brasileiros reconhecem esta perseguição, que T. chama de racismo, considerando ser pelo fato de ser estrangeiro e negro. Diz ser a situação que hoje lhe incomoda. Aprender a língua foi um desafio e acha que ainda sabe pouco, apesar de se comunicar com a pesquisadora em português.

Ao ser questionado sobre como consegue manejar seus sentimentos, responde ter sonhos e esperança, o que o ajuda a se manter firme. Diz que “tem moral” e explica relatando que conhece muitos estrangeiros que ficam nas ruas pedindo ajuda ou na igreja, alguns até roubam, manipulam. T. conta que não quer isso para si, quer ser digno de suas conquistas.

O participante afirma ter tido uma boa educação e formação em colégio católico em seu país. Ele usa um crucifixo no pescoço. Ao ser questionado sobre sua relação com a fé, diz acreditar muito em Deus e que na migração, quando está só ou quando não sabe como resolver as situações, se apega a Deus, pede a Ele.

Ao final do primeiro encontro diz ter ganhos e perdas. O ganho está sendo conhecer outra cultura, fazer novas escolhas, ter oportunidades. A perda é se separar de quem ama.

Quando acaba, T. mostra-se interessado em mais encontros. Agendamos para próxima semana.

T. chega pontualmente como na primeira vez. Sorriso discreto, tom de voz tranquilo e comportamento gentil. Senta na cadeira mais próxima a mim. Afirma que caso seja bom para minha pesquisa, pode marcar mais vezes. Há em T. uma certa necessidade de se mostrar correto, educado, disposto. Sempre sorrindo, prioriza relatar os pontos positivos de sua experiência. Pergunto sobre sua família e responde dizendo que se dão muito bem e que sente saudades, mas que gosta de estar aqui. Relata sobre sua infância e como era feliz, sempre com primos próximos, sem muitas dificuldades. Pergunto por que escolheu vir ao Brasil. Diz ter sido uma decisão sua, principalmente em busca de oportunidades. Trabalhava em uma multinacional em seu país, e fazia o que gostava, mecânica. Aqui trabalha em uma área muito diferente da sua. Parece mais uma perda do que ganho. Pontuo a T. sobre essa diferença de posição. Ele responde que o ganho de poder fazer suas escolhas é muito maior do que as perdas da migração e que sonha em poder exercer sua profissão aqui. Relata que em seu país sempre se sentiu muito responsável por apoiar a mãe. Após a saída de seus irmãos mais velhos de casa ele se sentiu o “homem da casa”. Relata que seus pais são divorciados. Sua mãe sempre lhe cuidou muito e lhe dizia o que e como fazer. Por respeito a ela, obedecia. Quando menor, apanhava caso desobedecesse. Sendo assim, estar no Brasil é encontrar um refúgio. Estar em outra pátria é a possibilidade da interdição desta relação.

Finalizamos o encontro com esta interpretação de que estar longe, em outro país, lhe possibilita outra posição, responder de um lugar outro e se autorizar a fazer escolhas.

Estar em outro país lhe tira o jugo e o olhar do Outro, possibilitando redução da culpa. Ele deseja marcar um terceiro encontro.

Na semana seguinte, diz ter pensado sobre esta questão do olhar. Diz que aqui se sente muito olhado e isso o irrita muito. Pela primeira vez T. fala de seu sentimento de raiva e desconforto. Acha que as pessoas o olham por ser negro, pela maneira de falar, por denunciar que é de outro lugar. Diz se incomodar por não saber o que os outros esperam dele. Não sabe interpretar este olhar e como corresponder. Se sente confuso, irritado e desamparado. Fala do chefe e do quanto se esforça para entender o que deseja e corresponder conforme lhe é exigido. Porém seu esforço é em vão, pois as cobranças continuam sem motivos aparente. A impossibilidade da completude, a falha e a falta são colocadas em questão e T. se encontra com sua angústia primeira, a do desamparo.

Fala, então, de uma situação de sua infância, quando tinha aproximadamente cinco anos e seus pais ainda eram casados. Lembra que sua irmã fez “arte” e seria punida. Sua mãe então, sem perguntar quem foi o responsável pelo comportamento indevido, coloca-se a punir ambos. Seu pai se levanta e o defende da mãe. Diz ter se sentido muito bem ao ser defendido pelo pai, ou seja, precisava de um terceiro que o amparasse.

Essa memória me faz pensar sobre a necessidade que T. sente de amparo neste momento. Lembra algo de sua infância, uma memória de uma posição infantil, necessidade de um terceiro que lhe ampare, que cuide e que possibilite o imaginário da unidade e pertencimento.

Ponto ao paciente que em sua infância precisou do pai para lhe defender e que agora, em um outro país, outro lugar, outro momento, como poderia se defender? O paciente afirma que precisa se defender e elabora possibilidades. Ao final do encontro diz estar disposto a aprender a se proteger. Solicita nova sessão.

Na quarta semana o paciente diz ter pensado muito sobre o que conversamos e passou a se afastar do olhar do chefe. Diz já não se incomodar tanto e, principalmente, está decidido a dar um novo sentido a esse olhar. Consegue discernir que não é o único a receber críticas e que as consequências não são tão negativas quanto imaginava. Conseguiu inclusive perceber que o chefe o prioriza na equipe apesar das cobranças. Sente-se aliviado, menos irritado. Diz se sentir “dono de si” e capaz de assumir “sua própria vida e escolhas”.

Fala da esposa, que casou sem a mãe saber pois temia críticas e punições. Ri ao perceber o quanto sua atitude parece “infantil”. T. toma a decisão de trazê-la.

Marcamos o quinto encontro, quando falamos sobre seus planos futuros. Ele está organizando os documentos para a vinda da esposa. Seu primo chegou recentemente e estão morando juntos, logo não se sente só. Fala de colegas e de amigos que está conhecendo. T. se sente bem. Pensa em possibilidades como a mudança de emprego e futuramente fazer um curso de para entrar em sua área. Afirma que fará um curso e não poderá continuar semanalmente, talvez após as férias de fim de ano.

T. não solicitou novos encontros após o período de férias.

Capítulo 5 – Discussão

Neste capítulo pretende-se construir uma discussão do conteúdo levantado ao final da pesquisa pelos relatos, articulando com o que foi apresentado nos capítulos anteriores sobre a condição do estrangeiro e seu sofrimento, concluindo e retomando os seguintes pontos:

- O tipo de vínculo formalizado (PEC-g e tipo de visto)

Um ponto importante a ser discutido é a escolha pelo Brasil como país para a migração. Tanto nas entrevistas como nos casos clínicos, os sujeitos relatam esta escolha como uma possível “única” opção. Alguns conseguiram o intercâmbio para o Brasil a partir do programa PEC-G. Ainda que sendo um visto de estudante e que esteja presente certo interesse pelo país e por morar fora, parece não haver um desejo envolvido nesta escolha pelo Brasil como destino. No caso dos sujeitos com visto humanitário se percebe a mesma questão. Assim sendo, a formalização da escolha como vínculo humanitário ou como estudante foi a oportunidade de saída, de estar “fora” de uma realidade anterior.

Podemos pensar em alguns pontos importantes a partir destes relatos. Primeiramente, são dois vínculos legais que dão um lugar, preestabelecem uma posição subjetiva ao migrante, já apontando um impasse na relação do sujeito diante do Outro que o recebe. É um lugar em que o sujeito responde ao Outro como autoridade e em uma relação de poder e hierarquia. O visto humanitário oferecido pelo governo brasileiro dá a este Outro um lugar de “ajudador”. O programa PEC-G indica já em sua proposta um lugar de apoio: “oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos. (...) São selecionados preferencialmente pessoas inseridas em programas de desenvolvimento socioeconômico” (Ministério da educação, 2015). Há uma relação que se estabelece já

nesta posição de demanda e objeto, do desejo e do desejo do Outro. Parece haver um caráter do “Pai onipotente”, auxiliador, salvador que vem lembrar o estrangeiro de que ele não pagou o preço necessário.

Segundo Melman (1992), lembrar ao emigrado que ele não pagou o preço é uma situação conflitiva, pois pode engajar alguns em atitudes de sacrifício, ou seja, pagar sem cessar, porém sem nunca sanar a dívida. Em outros casos pode haver uma recusa a este pagamento, uma vez que o sacrifício parece ineficaz. Ou seja, além das dificuldades relacionadas às perdas, à elaboração dos lutos, às questões que são condição de qualquer experiência migratória, como já colocado nos capítulos anteriores, há ainda este lugar que o país de acolhimento dá ao sujeito que migra. Se assujeitar a este Outro em sacrifícios impagáveis é condição alienante. Estar desamparado de seus referenciais identificatórios e se encontrar em uma posição de “dívida” a este Outro enigmático, desconhecido, pode ser ainda mais desestruturante e traumático. Por outro lado, a recusa a este “pagamento” pode dificultar a possibilidade de estabelecer laços sociais e muitas vezes o refúgio nos pares e em guetos acaba sendo um opção de amparo, o que dificulta ainda mais o processo de adaptação e aumenta o sentimento de solidão, como é comum nos relatos.

Assim, as questões de alienação e separação, as dificuldades como o aprendizado da língua, a dificuldade em se sentir parte e fazer amigos, a saudade dos pares e da cultura, foram relatados em vários encontros. A presença recorrente destes elementos mostra a vulnerabilidade e fragilidade psíquica da estrangeiridade, de não se sentir parte de um grupo. Sofrem a perda de quem ficou no país e não está aqui ainda, vinculado a um grupo local. Fazer parte de um pai(s) outro é servir a um pai e se fazer reconhecer por este pai(s) estrangeiro, porém sempre como um filho adotivo. Estar em outro país, significa estar diante de um Outro ainda sem possibilidade de nomeação.

Melman (1992) coloca o país onde o estrangeiro vive como o real. O movimento migratório supõe um passo fora da filiação, e este novo pai é interpretado como um pai que ainda não o reconhece como filho. Por um lado este pai pode cobrar um preço impagável e por outro o estrangeiro demanda deste pai a satisfação imaginária da falta, eclodindo a angústia frente ao real impossível de ser nomeado, justamente por esta impossibilidade de dar um sentido à falta.

Quase todos relataram bastante dificuldade em fazer novos amigos. É comum a todos a dificuldade com a língua portuguesa, o que atribuem ao sofrimento e gera maior resistência na inclusão social. Afirmaram não gostar do jeito que são observados na rua, julgando ser devido a cor, que, denuncia que são de outro lugar, estrangeiros. Outro relato comum, o de se sentirem perdidos e desamparados junto ao sofrimento da separação, são os sentimentos mais difíceis de lidar.

- Luto e melancolia: Desamparo e dispositivos transacionais

Segundo Safatle (2015) a expressão da vulnerabilidade do sujeito no interior da relação com o Outro é da ausência de resposta articulada diante das exigências postas pelas necessidades. Há também a ausência de resposta adequada às excitações pulsionais internas, ou seja, há uma dupla articulação entre fontes externas e internas. Desamparo como experiência de desabamento, estar sem ajuda, sem recursos diante de algo em mim e no outro que não controlo, que não sei como responder.

Nos relatos registrados é claro o sofrimento diante do desamparo e da demanda de reconhecimento. O personagem que pouco a pouco construímos durante a vida, o que o outro e os outros da paisagem familiar nos deram para responder à questão sem resposta de “quem sou eu?”, se desmorona no exílio. (Viñar, 1992) Rompe com a harmonia do personagem construído pelo sujeito para dar uma certo sentido ao ser e existir no mundo.

Nesse ponto, há uma posição psíquica diante das perdas. Perdas tanto dos objetos de investimento como família, pátria, bens, quanto da perda da posição diante do Outro, já que se constitui a partir deste. Perda de seus próprios recursos simbólicos, que potencializa a vulnerabilidade psíquica a qual cada sujeito responde conforme sua estrutura e organização psíquica. Experiência de perda que no caso, entendemos como esta “experiência de desabamento” a qual Safatle (2015) se refere, e adverte que a expressão da vulnerabilidade do sujeito se dá tanto na relação com o Outro em sua ausência de resposta quanto pela própria ausência de resposta adequada às excitações pulsionais internas.

Conforme trabalhado no capítulo 2 sobre a constituição subjetiva, as marcas primeiras da gênese / origem do sujeito são indissociáveis da relação com o Outro, pois é deste que advém o significante primordial, a partir do qual a cadeia de significantes se organizará. Suas referências iniciais (significantes) advêm da relação com o social. Assim sendo, segundo Dunker (2015), o sofrimento não se dissocia de uma experiência que mobiliza sistemas sociais, é a expressão de um social ainda não reconhecido ou que deixou de ser. “Encontro no qual não se sabe mais quem é o Outro, mas também – e, sobretudo – em que a própria identidade é questionada até o limite do des-ser.” (Dunker, 2015, p. 198).

Essa relação do sujeito com o social é indissociável e o sofrimento, a angústia é uma consequência da impossibilidade de responder simbolicamente a esta experiência de não reconhecimento de si e do Outro. Freud (1926) articula o conceito metapsicológico do desamparo com a angústia, conforme trabalhado no capítulo 3. A angústia funcionaria como uma reação ante a perda e como um sinal quando a possibilidade da perda ameaçasse a se instaurar. Assim, a angústia do desamparo se

torna típica da condição humana. A migração então, reedita esta condição de desamparo.

Entendemos como um momento de encontro com o real de Lacan (1959), trabalhado no item 2.3 do segundo capítulo, que define o real como o vazio que corresponde à falta de significante que pudesse representar, o que não pode ser apreendido pelo simbólico, que não pode ser nomeado.

Logo, o migrante sofre com a falta de sentido de estar em um lugar Outro e se deparar com outras maneiras de significar, se deparar com perdas e ainda não ter recursos linguísticos e simbólicos para nomear esta experiência, é se haver como ser faltante, se deparar com o real. O que pode vir a ser uma experiência traumática não elaborada de luto, na qual alguns sujeitos se desorganizam psiquicamente. Alguns, como já colocado, chegam ao ato do suicídio. Outros, se apegam às raízes perdidas, que segundo Zizek (2015) como já citado no capítulo 3, no processo de perda há sempre um resto que não pode ser integrado pelo trabalho de luto e a fidelidade é a fidelidade ao resto. O luto seria uma traição ao objeto que foi perdido, e o sujeito em uma recusa de renúncia, permanece fiel ao objeto, em um momento de melancolização não entendida aqui e pelo autor, como patologia, mas como um apego prolongado às suas raízes perdidas.

Apesar do tempo prolongado, da nostalgia, da repetição da recordação, há a possibilidade de elaboração do luto. O luto, conforme relatado item 3.2 do capítulo 3, é uma reação psíquica diante da perda e que segundo Freud (1917a) que não deve ser considerado uma condição patológica. Adverte que há um tempo de desinvestimento de cada lembrança referente ao objeto perdido, um reconhecimento da dor e o teste da realidade em que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica livre outra vez.

Na condição de estrangeiro, alguns se permitem se desprender de sua história, de sua pátria, e de ser de lugar nenhum, pode ser de todo mundo. (Brunetto, 2013) Ao se deparar com a angústia da separação, com a desconstrução de si mesmo, pode ser possível o (re)encontro com a própria estrangeiridade. Por isso, em alguns relatos, apesar da intensa dor de se estar só, há uma certa alegria de poder ser, de poder escolher, de arriscar a errância e ser desejante.

Neste tempo de “nem lá nem cá”, de não encontrar pouso no significante e de falta de resposta à experiência, se verifica nos relatos uma certa nostalgia, um apego à cultura, aos mitos, às histórias que constituíram o sujeito. O discurso da saudade se organiza em um simbólico próprio, dando uma ancoragem neste momento de desorganização. Alguns sujeitos falam sobre a saudade e a vontade de retornar, porém “retornar ao país é a ilusão de reencontrar a paisagem estática que deixamos e que não existe mais.” (Viñar, 1992, p. 115) A experiência da migração marca um caráter descontínuo, um rompimento com o passado e a imprevisão do futuro, além disso, desnuda um presente estranho/estrangeiro, deslocado de si mesmo. Irrompe com o saber mítico: da completude, da satisfação da falta, de que um dia houve uma resposta ou sentido único ao seu existir. Por isso, o capítulo 2 se inicia com o mito da religião assumida pela maior parte dos participantes, como uma possibilidade de dar um sentido ao impossível, ao que não se nomeia neste momento de não-saber, não-ser, não-estar.

Neste momento os dispositivos transacionais são importantes. A fé, a religião, a música e os grupos étnicos, podem fazer função de mediadores simbólicos. Como já mencionado no capítulo 3, alguns sujeitos relataram buscar uma comunidade de fé para fazer parte. Sentem como um grupo de acolhimento e amparo. Outros encontraram nos grupos folclóricos e étnicos uma ancoragem simbólica e um reconhecimento. O próprio grupo ofertado pela pesquisa foi reconhecido como um espaço de pertencimento. Os

entrevistados afirmaram que em meio à solidão, o grupo era um espaço de compartilhamento, onde era possível falar da dor, “abrir o coração” como relatado por um dos entrevistados. Esses dispositivos citados fazem um papel de dialetização da diferença. Não necessariamente uma alienação diante do Outro, mas uma possibilidade de laço social e de articular o sofrer em discurso, discurso este, que encontra um reconhecimento. Sendo assim, pode deixar de insistir e até cessar.

Muitos reconheceram a importância da psicologia ou entenderam a função depois de participar dos grupos. Se referem a um preconceito cultural sobre a ação da psicologia e assim, ficam ainda mais resistentes em procurar por atendimento. Aqueles que se permitem a uma experiência clínica encontram ainda a barreira da língua. Inclusive o segundo grupo aconteceu com duas traduções: inglês e francês, e, nenhuma dessas sendo a língua materna.

- O atendimento em línguas que não a materna e a utilização de intérprete no grupo 2.

A dificuldade de comunicação está atrelada também à dificuldade de estabelecer laços, conforme relatado por alguns migrantes. Porém, segundo Melman (1992), pode-se falar uma língua estrangeira de maneira mais solta, a mãe não está interdita em um idioma que não é o materno, ou seja, pode se movimentar livremente nessa língua onde tudo pode ser dito. Neste ponto, será melhor trabalhada a questão da análise em outra língua que não a materna. Há a possibilidade de cometer lapsos e jogos de palavras? Há a possibilidade do advir inconsciente se falar em outra língua já exige um (re)trabalho egóico e tradutivo? Talvez, o falar “mais solto” dificulte a possibilidade de reconhecimento do erro, do lapso, e tenha função de um mecanismo de defesa, de uma racionalização. Mas se entendemos que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, segundo Lacan, não dizemos de uma língua. O que pode ser observado neste

momento da pesquisa, é que os sujeitos tinham um avanço na possibilidade de articular seu sofrimento, mesmo em outra língua que não a materna, já que o discurso se refere à linguagem. A possibilidade de encontrar reconhecimento pelo outro do seu sofrimento.

Articulado com esse tema está a possibilidade de saída da cultura materna e encontrar no novo país a interdição paterna. É comum nos relatos que a experiência de estar longe da família, do lugar que tinham, apesar de sofrido, é muito positivo. A oportunidade de se separar para se conhecer enquanto sujeito com suas próprias escolhas é visto por todos como um ganho. Estar em outro lugar representa novas oportunidades, possibilita se haver com a própria vida e desejo. Os sujeitos da pesquisa relataram uma associação da migração com uma oportunidade de se separar da relação opressora na qual se encontravam. Dizem se sentir capaz de fazer escolhas diferentes, pois afirmam que em seu países não conseguiam pensar em alternativas e não conseguiam se posicionar de maneira diferente. Estarem separados é a possibilidade de no (ex)ílio encontrar a travessia para (ex)istir enquanto sujeito.

Na experiência da separação da terra natal, da travessia para um lugar Outro, o sujeito precisa (re)fazer laços. O indivíduo em migração há que se fazer reconhecido, de ter um lugar diante do olhar do Outro. Neste ponto o racismo intervém. Trata-se de um jogo narcísico onde o nativo encontra-se ameaçado, ofendido por este estrangeiro que tem uma forma outra de vida, colocando em questão a unidade do grupo que o acolhe (Melman, 1992). Um aluno falou no preconceito que vive enquanto estrangeiro. Relata perceber o olhar de preconceito pelo seu jeito de falar, cor da pele e vestimenta. É um choque estar nesse lugar de preconceito - em seu país, ele conta, os estrangeiros são bem recebidos. Todos concordam com a dificuldade de fazer amigos e sentem um clima hostil por serem de outro país, de outra cor.

Cabe ressaltar que as falas ao longo de todos os encontros, remetem de alguma maneira à condição de estrangeiridade e às diferenças culturais, ou seja, com a denúncia (ex)plícita ou (im)plícita de que se é diferente, de outra parte, estrangeiro nessa terra, nesse grupo. O que é (ex)terno está (in)terno, dentro do grupo, do coletivo, mas justamente a sua (ex)sistência que possibilita a negação da harmonia do grupo. Um que resiste ao laço, que encarna o mal-estar, é (ex)cluído. As dificuldades como o aprendizado da língua, a dificuldade em se sentir parte e fazer amigos, a saudade dos pares e da cultura – foram pontos relatados ao longo dos encontros. Sofrimento do sujeito relacionado ao não se sentir parte e já não mais fazer parte do seu país.

Esse é o (des)encontro a que Bauman (2001) se refere. Encontro de estranhos que coloca em questão os narcisismos das pequenas diferenças. O estrangeiro, e no caso da pesquisa que a maior parte é uma população negra, personifica, como já trabalhado, a própria estrangeiridade / estranheza recalcada do grupo. Pois apenas renunciando às pulsões narcísicas, se faz laço social, no momento do (des)encontro, essas renúncias infantis são evocadas e a agressividade projetada na figura do estrangeiro. Onde vemos os casos de racismo e xenofobia.

Segundo Douville (2004) a posição do minoritário em exclusão, designa o lugar daquele que não pode fazer reconhecer a sua fundação simbólica, daquele que se sente desdido, negado pela língua dominante, angústia da não atribuição, posição de sujeito estigmatizado. O que estas situações limites que são os exílios mostram claramente, é a precariedade das aparelhagens simbólicas que sustentam a dignidade da palavra do sujeito no campo e no jogo social.

Questões estas do contato com o social, importantes, além desta precariedade da aparelhagem simbólica, as dificuldades na relação com o grupo de acolhimento, demoras burocráticas, dificuldades financeiras e as experiências singulares que

vivenciaram nos seus países como motivo de saída, potencializam a vulnerabilidade psíquica e social do migrante. Hoje, o que se tem buscado combater é o tráfico humano internacional, condições de trabalho escravo, violência e abuso contra mulheres e crianças, entre outras situações as quais muitas vezes o migrante se encontra incapaz de combater ao se deparar. Estão à mercê de um Outro enigmático.

Há ainda poucas ações de acolhimento e pouca estrutura para o apoio e inclusão do imigrante no Brasil. As ações que tiveram início após a grande demanda dos haitianos a partir de 2010, são, em muitos casos, voluntárias. Então nesse momento, se confundem as demandas. Com disposição para responder às necessidades do estrangeiro, e em uma atitude de interesse, pouco se dá espaço para ouvir o que o sujeito em condição de estrangeiro demanda.

- A demanda e o encaminhamento

Em algumas situações, em que os sujeitos demonstravam um sofrimento acentuado e uma certa desorganização psíquica, as demandas das instituições para a psicologia eram incisivas. Queixas da “falta” de compromisso com os horário, com o trabalho, com a eficiência no aprendizado da língua por parte dos imigrantes... faltas... faltas que evocam a própria falta daqueles que se disponibilizam a “ajudar”. Pedidos para “resolver”, para “ajudar” a se adaptar, para “ensinar” como deve se comportar, enfim, a negar a subjetividade e o tempo destes sujeitos em elaborar suas próprias questões. Sem a intenção de criticar o compromisso e intenção dos colaboradores, mas apenas pontuando que em muitos momentos, uma demanda de abreviação do tempo de luto do sujeito é uma demanda que justamente lhe nega a possibilidade de se (re)organizar. É justamente lhes emudecer enquanto sujeitos. Neste momento, a psicanálise adquire um papel importante. Segundo Douville (2004) a situação psicanalítica com esta população não é apenas o dispositivo que permite a emergência

do recalcado, mas também a ocasião na qual se dizem enfim as palavras banidas e os significantes da filiação que foram atacados pelas violências da história. Segundo o autor, é uma condição para que o sujeito não seja privado de sua palavra e de sua demanda, mas que ele tampouco possa permanecer fechado em sua palavra e em sua demanda. Há algo para além do dizer e todos, onde quer que estejam, tentam se ligar a um lugar de direção e de escuta suposto neste além. O que importa é que a situação psicanalítica possa fazer dizer as passagens, as travessias da alteridade, os cruzamentos criativos da língua saindo de uma posição de exclusão.

No segundo grupo e nos atendimentos, foi comum o relato de que a possibilidade de serem ouvidos sem pressões e cobranças, sem expectativas, lhes foi pacificadora. T. mesmo após interromper o atendimento individual, mantém contato e diz que conversar lhe acalmava. Trouxe sua esposa para o Brasil e entrou em contato para compartilhar, da mesma forma o fez quando soube do falecimento de seu pai. Mesmo não sendo um processo de análise, a experiência psicanalítica ofereceu um espaço de elaboração, de travessia, de subjetivação. Subjetivação refere-se ao processo de apropriação discursiva, através do qual o mal estar é singularizado. (Dunker, 2015)

Neste ponto, pretendeu-se articular a questão do sofrimento do estrangeiro diante da realidade pesquisada e como a teoria explanada nos capítulos anteriores pode lançar luz para a compreensão da experiência singular dos sujeitos participantes. A angústia da falta de sentido em que muitas vezes o sujeito se vê paralisado. Muitos vivenciaram situações de horror como guerra, desastres e violência, sendo marcados pelo traumático. A clínica do traumático pode ser entendida como um trabalho de luto que não se finda justamente pelo fato de que não se organiza. Não há no momento, a possibilidade de articulação do sofrimento em um discurso, os sujeitos estão tomados pelo rompimento de uma história em que o afeto da angústia não encontra pouso no significante.

Podemos denominar como um momento de melancolização. Alguns sujeitos demonstraram apego pela língua e indicaram maior dificuldade em renunciá-la para aprender o português, alguns mantiveram o sotaque, a amizade com os pares, escutavam as músicas típicas, “mantendo a aparência de fidelidade às nossas raízes perdidas. (...) a melancolia e o riso não são opostos, (...) mas dois lados da mesma moeda.” (Zizek, 2013, p.102) Um apego nostálgico às raízes como momento de lembrar e manter estável o que já se perdeu.

Por fim, para concluir o presente trabalho, será feito um breve apontamento sobre o sofrimento do estrangeiro, a psicanálise e seu papel.

Capítulo 6 – Conclusão

Neste último capítulo para concluir o trabalho pretende-se apontar sobre as contribuições da psicanálise e seu papel na clínica com estrangeiros, bem como resgatar os pontos trabalhados sobre angústia e desamparo e sobre as possibilidades de se haver com a própria falta que diz respeito ao sofrimento na estrangeiridade.

Se haver com a própria falta pode ser uma oportunidade de fazer advir o próprio desejo. Apesar do sofrimento, pode ser uma experiência de ato criador. De pertencer a si mesmo independente de onde se encontrar, de desejo e pertencimento. Ou, para alguns, a possibilidade da falta faltar pode ser uma experiência traumática, de grande angústia, e de refúgio no Outro. Há um desejo de pertencimento, essa alienação a um Outro estrangeiro pode ser então, ainda mais desestruturante, já que este não lhe retorna ainda sentido para se amparar.

No momento da desestabilização, do caos, – palavra utilizada por alguns migrantes para significar o momento de desamparo e separação na migração – se amparar no Outro é seu desejo. Sujeitando-se ao Outro que, suposta e imaginariamente, saberá como orientar, acolher e dar suporte. Desejar o que o outro deseja na tentativa de encontrar o “todo”, a unidade para sempre perdida. Como na relação narcísica em que o bebê pensa ter o objeto de amor ou ser o objeto de desejo da mãe. A separação possibilita o ser desejante e cuja base estrutural é a falta e é disso que se tenta não saber, ou, saber nada. Assim, as questões de alienação e separação, as dificuldades como o aprendizado da língua, a dificuldade em se sentir parte e fazer amigos, a saudade dos pares e da cultura e a presença recorrente destes elementos mostra a vulnerabilidade e a fragilidade psíquicas da estrangeiridade. Neste caso, potencializa-se a vulnerabilidade psíquica e social, pois o estrangeiro pode vir a se submeter a relações abusivas, relações

de trabalho escravo, na ânsia de se sentir parte, se sujeita diante do Outro vindo a estar em posição de objeto.

O estrangeiro é também aquele que situará a fronteira, o fora do dentro no grupo que o recebe. Ameaça também a unidade narcísica do grupo que o recebe. Segundo Hassoun (1998), sua existência permite a ilusão do grupo se fechar em um reconfortante entre-nós. O estrangeiro é o diferente para quem o recebe, coloca em questão a unidade, a identificação do grupo que o acolhe. Segundo Souza (1998), o estrangeiro também personifica para o grupo esse outro, um outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outro costume, outra língua, outro modo de estar, outra maneira de gozar, o outro do familiar, que não faz parte, o que é de outra parte, enigmático. Todo encontro no mundo humano é sempre faltoso, é sempre da ordem do tropeço, um encontro com o real traumático e inassimilável. Assim, o migrante em sua estrangeiridade é inclassificável, sem lugar, nem cidadão nem estrangeiro. Situa-se na fronteira entre o ser e o não ser. Não faz parte do grupo atual, porém já não pertence ao lugar de onde saiu, separando-se deste outro que o constituiu e significou.

Para o senso comum aquele que parte é percebido, pelo que fica, como alguém que gozará de alegria nesse lugar de estrangeiridade que vai ocupar. Aqueles que partem são percebidos pelos que ficam como ocupando uma condição favorecida, unicamente de benefícios e vantagens. No entanto, existe um sofrimento intrapsíquico que é experimentado por aquele que se encontra na condição de estrangeiridade e é esse sofrimento que a psicanálise se propõe a escutar. A psicanálise tenta à sua maneira responder com sua escuta à complexidade dos problemas advindos desse lugar que na diferença cultural confronta o sujeito com uma situação totalmente desconhecida e que pode ser vivida como ameaçadora (Mallard e Cremasco, 2013).

Retomando a pergunta que norteou a pesquisa: Quais as causas do sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro? E, a partir de então, o objetivo: compreender o sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro, podemos, juntamente com a articulação teórica e a pesquisa empírica realizada, afirmar que o sofrimento desse sujeito está associado à falta de sentido que pode advir da perda da posição subjetiva diante do Outro. A perda de referenciais simbólicos pode ser vivenciada com angústia e sofrimento. O desamparo e a impossibilidade de dar uma resposta ao novo podem ser vivenciados como a perda de si mesmo.

A desorganização psíquica que se associa ao sofrimento do estrangeiro pode advir do fato dele estar vulnerável diante de um Outro que não lhe proporciona ainda um amparo somando-se ao fato dele não poder contar mais com o amparo do país que deixou. Um não ser e não estar ao qual o sujeito responde com angústia da falta de sentido.

O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro está então vinculado à experiência de *não-reconhecimento* e de perdas que a migração possibilita. Experiência esta que convoca o sujeito a elaborá-las. A perda da pátria, da família, de objetos de investimento, do lugar de pertencimento e reconhecimento, de tudo o que até o momento, fazia sentido e fornecia ao sujeito um amparo simbólico para seu (ex)istir. Potencialmente essas situações configuram uma experiência de sofrimento, mas a falta de sentido, a erupção do real, a experiência *unheimlich*, pode também se configurar como traumática caso não haja condições de nomeá-la. O sujeito pode vir a perder-se neste processo de desestabilização.

O deslocamento territorial, o (ex)ílio, leva o sujeito à travessia para esse lugar Outro. Algo como um “entre”, entre cá e lá, entre um passado e futuro, entre um ser e não ser. Um momento presente em que muitos sujeitos não se sentem parte por ainda

não conseguem dar uma resposta para este lugar de (ex)istência. A não compreensão, a desorganização psíquica diante da falta de sentido é respondida com angústia. Estar diante do Outro sem saber como responder ao que lhe falta para, a partir disso, poder se situar, pode ser desestruturante para alguns. Experiência que o sujeito sofre e reage, na qual não se reconhece inteiramente.

Na busca de um lugar para recomeçar, sendo muitas vezes, a única possibilidade de sobrevivência, encontra muitas barreiras por parte do Estado que o recebe. Muitos países estão com suas fronteiras fechadas. Há uma preocupação com relação a este fluxo migratório. Assim, o refugiado se encontra em um ‘sem lugar’, não pode retornar devido o perigo iminente que isso representa e também não encontra possibilidades de estar em um outro país legalmente com sua demanda urgente. Enquanto o moroso processo burocrático, legal e social de reconhecimento se desenvolve, o sujeito é tomado como um objeto diante do não reconhecimento de seus direitos e da impossibilidade de ser.

Há uma urgência em rever políticas migratórias, já que muitos países estão acolhendo refugiados, porém muito pouco podem lhes oferecer. Demora com burocracia e dificuldades que se relacionam com a realidade de um país que nem mesmo consegue responder ao seus ‘filhos’ e que fica ainda mais evidente na realidade do estrangeiro.

O estrangeiro denuncia as faltas e fragilidades deste pai(s) “adotivo”. Por muitos anos os migrantes foram “invisíveis” a este “Pai”, mas agora, com a situação global de refúgio, algo há de se fazer. O migrante denuncia e convoca o Outro em sua urgência.

A questão que fica é o quanto o migrante ao qual nos referimos carrega consigo o peso e o preço de uma sociedade que privilegia o valor de objetos e coisas e não o ser sujeito. A psicanálise se opõe ao discurso capitalista na medida em que privilegia a subjetividade do amor de transferência, o amor que se dirige ao saber (Jorge & Bastos,

2009). Para Lacan (1972) o saber do sujeito enquanto faltante que tem algo a dizer e que só ele pode fazê-lo em seu ato de dizer é o lugar da ética, de possibilitar o sujeito se haver com a própria falta e a partir disso, suportar sua condição de maneira criativa. Dar um sentido à sua experiência é se responsabilizar por suas escolhas, sua (ex)istência enquanto sujeito autônomo e desejante. A esses sujeitos foi dada a oportunidade de falar sobre si e dar o valor devido à sua palavra. Um espaço para nomear e articular simbolicamente o que eclodiu do real, da falta de sentido ao sentido da falta.

Deparamo-nos com a maior crise humanitária da nossa era segundo a ONU (2015). Não há uma resposta simples ou mesmo uma solução a curto prazo. Se faz necessário rever relações de mercado e políticas migratórias. Parcerias, experiências compartilhadas e estratégias coletivas de inclusão e respeito da diferença podem ser uma fonte de grande aprendizado. A alteridade é justamente a possibilidade de ser enquanto sujeito, de se separar da alienação diante do Outro e de crescimento. Que possibilidades podem ser pensadas enquanto políticas públicas e ações compartilhadas no apoio ao refugiado? Para o favorecimento de dispositivos de apoio aos refugiados, se faz necessária a articulação com diferentes instituições que se organizam em variadas frentes de atuação da psicologia, e, além disso, a interface com outras áreas de conhecimento. Questão importante diante da conjectura global e que instiga a necessidade de pesquisas e trabalhos de intervenção da psicologia com esta temática.

Então, qual é o lugar da psicologia e da psicanálise? Cremasco e Duarte (2014) afirmam que as políticas públicas devem visar a aceitação da diversidade por intermédio de leis e projetos que favoreçam novos laços sociais que possibilitem ao sujeito ampliar sua visão dos limites de si mesmo e do outro. Advertem para a importância da implementação de dispositivos de enfrentamento subjetivo às pequenas e grandes diferenças narcísicas.

(Re)conhecer o estranhamento, o diferente, significa certa desestabilização de si, mas esse processo de (re)conhecer aquilo que há de mais estranho em mim mesmo é a possibilidade de crescimento e autonomia. Em alguns casos, a possibilidade de separação permite ao estrangeiro outra posição subjetiva, (re)fazer escolhas e desejos, sem abdicar do laço social, mas equilibrando seu desejo e o desejo do Outro.

A partir da perspectiva psicanalítica podemos dizer que o sujeito se constrói a partir do exílio, a partir da separação, da falta que se faz perda. Assim como o trabalho analítico, a migração leva o sujeito à travessia do que é familiar para encontrar a sua singularidade. Tem a oportunidade de se (re)conhecer, de se (re)interpretar nesta experiência única. A experiência analítica proporciona um espaço para que o sujeito viva a aventura de se exilar de si, de (re)inventar-se, de se autorizar enquanto sujeito de seu desejo e assim pertencer a si na relação com o outro, podendo vivenciar uma experiência de aprendizado e crescimento.

Somente o sujeito que conseguir rearticular a perda na cadeia de representações e atualizar o acontecimento pode recompor processos e reinvestir em novos objetos. Em psicanálise não há hipótese última em relação à verdade do sujeito. A possibilidade de ressignificação do vivido nos permite outorgar novos sentidos, fazer novas ligações, provocar novas traduções e reordenamentos, dando origem a uma nova história ou um novo conceito (Pereira, 1999). Quando é possível nomear, a angústia deixa de ter função.

Conclui-se que o sofrimento do sujeito em condição de estrangeiro diz respeito à perda de referenciais simbólicos que possibilitavam uma leitura e posição de sua (ex)istência, o deslocamento territorial pode ser entendido como um deslocamento de si mesmo, em que o sujeito se encontra perdido, não se sente parte de lugar algum. A perda da posição subjetiva diante de um Outro que o reconheça,

pode ser desorganizadora e traumática. As contribuições da psicanálise na clínica com estrangeiros é sobretudo a possibilidade de uma escuta em que o sujeito possa articular seu sofrimento em um discurso. Dar um sentido à sua experiência e se responsabilizar por suas escolhas, pagando o preço de sua (ex)istência enquanto sujeito autônomo e desejante. A esses sujeitos foi dada a oportunidade de falar sobre si e dar o valor devido à sua palavra. Um espaço para nomear e articular simbolicamente o que eclodiu do real, da falta de sentido ao sentido da falta.

Referências Bibliográficas

ACNUR (2015), Disponível em <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/acnur-refugiados-sirios-ja-passam-dos-4-milhoes/> > site acessado em 16 de julho de 2015.

Agamben, G. (2009) *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos.

Andrezza, M.L; Nadalin, S.O. (1994) O cenário da colonização no Brasil meridional e a família imigrante. *Rev. Bras. Estudos Pop.* 11(1), 61-87.

ANSA (2015), Disponível em http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2015/07/08/Parlamento-aprova-muro-contra-imigrantes_8597308.html> site acessado em 16 de julho de 2015.

Bardin, L.(2009) *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Bauman, Z. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BBC, Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131028_mapa_imigracao_1k > site acessado em 16 de julho de 2015.

Berta, S.L. (2012) *Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan*. Tese de Doutorado em Psicologia clínica, USP, São Paulo, Brasil.

Calligaris, C. (1992) Apresentação. In Melman, C., *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país* (pp. 9-14). São Paulo: Escuta.

Chemama, R. (1995) *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Coelho, D.M.; Santos, M.V.O. (2012) Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Analytica*, 1(1).

Cremsasco, M.V.F; Duarte, M. (2014) Luto e identidade em tempos de incerteza no oriente médio: uma compreensão a partir da clínica ampliada, In: Winograd, M.; Vilhena, J. (Org.) *Psicanálise e Clínica Ampliada* (pp. 225-252). Curitiba: Appris.

Darriba, V. (2005). A falta conceituada por Lacan: da Coisa ao objeto a. [Versão eletrônica] *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 03(01), 63-76.

DEDIHC, acessado em 07 de julho de 2015, disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3386>

Douville, O. (2004). Uma melancolização do laço social?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 7(2), 179-201. Recuperado em 11 de diciembre de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000200001&lng=es&tlng=es.

Dunker, C.I.L. (2011). Mal estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. [Versão eletrônica] *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 23(01), 115-136.

Dunker; C.I.L. (2015) *Mal-Estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*, São Paulo: Boitempo.

Enriquez, E. (1998) O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In: KOLTAI, C. *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta, p. 37-60.

Escobari, D.M. (2009). *Quem da pátria sai a si mesmo escapa?* . São Paulo: Escuta.

El Pais, Disponível em < http://politica.elpais.com/politica/2014/08/12/actualidad/1407829246_971909.html > site acessado em 16 de julho de 2015.

Figueiredo, L.C. (1998). A questão da alteridade nos processos de subjetivação e o tema do estrangeiro. In Koltai, C (Ed), *O Estrangeiro* (pp. 61-75). São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1893) Estudos sobre a histeria. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. II*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895) Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910) Cinco lições sobre a psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913) Totem e tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917a) Luto e Melancolia. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV*. Rio de Janeiro: Imago, p.249, 1996.

_____. (1917b). Uma dificuldade no caminho da Psicanálise In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVII, p.153.

_____. (1919a) O Estranho. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996

_____. (1919b) Introdução à Psicanálise e às Neuroses de Guerra. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVII*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996

_____. (1920) Além do Princípio do Prazer. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996

_____, (1926) Inibições, sintomas e angústia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1927) O futuro de uma ilusão. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930) O mal-estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1939) Moisés e o monoteísmo. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII, p.18 1987.

Fucks, B.B. (2007). *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar.

Guist-Despraires, F.; Levy, A. Análise do discurso. In: Barus-Michel, J.; Enriquez, E. e Levy, A. (Orgs.). (2005) *Dicionário de Psicossociologia*. (pp. 232-241) Lisboa: CLIMEPSI.

Grinberg, G.L & Grinberg, R. (1984). *Psicoanálisis de La Migracion y del Exilio*. Madrid: Alianza.

Grinberg, G.L & Grinberg, R. (1976). *Identidad y Cambio*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Hall, S. (2003) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A,.

Hassoun, J. (1998). O estrangeiro: um homem distinto. In Koltai, C (Ed), *O Estrangeiro* (pp. 83-104). São Paulo: Escuta.

Hovey, J.D. (1999). Religion and suicidal ideation in a sample of Latin Americans immigrants. *Psychological Reports*, 85(1), 171-177.

Iaconelli, V. (2007). Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(4), 614-623. Retrieved July 16, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000400004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1415-47142007000400004.

Jaques, A. A. B. (2012). As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 4(1), 10-24. Recuperado em 16 de julho de 2015, de <http://goo.gl/19zqUq>

Jorge, M. A. C.; Bastos, F. C. P. (2009). Trabalho e capitalismo: uma visão psicanalítica. Recuperado em 04 jul, 2015 de <http://www.uva.br/trivium/edicao1/artigos-tematicos/2-trabalho-e-capitalismo.pdf>.

Kaes, R. (1998). *Différence culturelle et souffrances de l'identité*. Paris: Dunod.

Kehl, M.R. (2009). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

Koltai, C. (1998). *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

Koltai, C. (2000). *Política e Psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

Koltai, C. (2008). Racismo: uma questão cada vez mais delicada. *Ide*, 31(47), 66-69. Recuperado em 21 março, 2014, de <http://goo.gl/TrtznL>

Lacan, J. (1949). Estádio do espelho como formador da função do eu. In Lacan, J (Ed), *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar.

_____, (1953-54) *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____, (1954-55) *O seminário: livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____, (1956-57) *O Seminário: livro 4 – A Relação de objeto*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995

_____. (1957-58) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1957) A Lógica da Castração. In: *As formações do Inconsciente. Sem 5*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____, (1959-60) *O Seminário, livro 8 - A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, (1962-63) *O Seminário, livro 10: A Angústia*. Em J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____, (1964-65) *O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 2a Ed.

_____. (1967-68) *O Seminário: livro 15 - O ato psicanalítico*. Inédito

_____. (1972-73) *O Seminário: Livro 20 - Mais, Ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

Lustoza, R.Z.. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(1), 44-66. Recuperado em 28 maio, 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&tlng=pt.

Mata, E.T. (2015) *Migração haitiana no contexto da globalização neoliberal*. Acessado em 02 dezembro 2015, Disponível em https://attachment.fsbx.com/file_download.php?id=150874765271503&eid=AStQOgnY97aX57HtTQK16txyvYuEDpdVitDDJYZmaNe15gRYZ5sLnVYvwzfSulhppdk&inline=1&ext=1449883295&hash=ASux_4Ou7IyPDgfd

Melman, C. (1992). *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta.

Ministério da Educação. (2015). *Mecgovbr*. Acessado em 07 Maio, 2015, de <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530>

Natahi, O. (2007). Dinâmica do aberto e problemática do estrangeiro. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(2), 159-170. Recuperado em 10 março, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200001&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-14982007000200001.

New York Times, Disponível em < <http://www.nytimes.com/interactive/2015/04/20/world/europe/surge-in-refugees-crossing-the-mediterranean-sea-maps.html> > site acessado em 16 de julho de 2015.

ONU, Disponível em <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/> > site acessado em 26 de julho de 2014.

Pacheco Filho; R. A. (2009). A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, 1(1), p. 143-163, jan/jun. Recuperado em 04 jul, 2015, de <http://goo.gl/v55Dep>

Pereira, M.E.C. (1999) *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

Pisetta, M. A. M., & Besset, V. L. (2011). Alienação e separação: elementos para discussão de um caso clínico. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 317-324. Acessado em 15 maio, 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200015&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722011000200015.

Quinet, A. (2011) *A descoberta do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rabinovich, D. (2004) *Clínica da Pulsão: as impulsões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rabinovich, D. (2005) *A angústia e o Desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Rocha, Z. (1999) Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese Revista de Filosofia*, 26(86), 331 - 344.

Rosa, M.D. (2013) Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 1(41), 29-40.

Rosa, M.D. (2009) A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico- política. [Versão eletrônica], *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497-511.

Rosa, M.D. & Tatit, I. (2012) Errância e isolamento: as dimensões de desejo e de gozo da solidão. *Psicologia em Revista*, 18(3), 446-457.

- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Safatle, V. (2015) *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify.
- Silva, M.E.L. (1993). *Investigação e Psicanálise*. São Paulo: Papirus.
- Siqueira, E.R.A.; Queiroz, E.F. (2010). O caldo cultural das identificações contemporâneas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 38-51. Recuperado em 16 de junho de 2015, <http://goo.gl/G6Sg8r>
- Soares, A.L; Silva, E.B (2006) A revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804). *Ameríndia*, 1(1). Recuperado em 10 de dezembro de 2015, <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/2015/article/view/1380/1286>
- Souza,N.S. (1998). O estrangeiro, nossa condição. In Koltai, C.(Ed), *O Estrangeiro* (pp. 155-163). São Paulo: Escuta.
- Torrinha, F. (1942). *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos.
- Vieira, M.A. (2008) O trauma subjetivo. *Revista Psico*, 39(4), 509 – 513. Recuperado em 05 março, 2015 de <file:///C:/Documents%20and%20Settings/cliente/Meus%20documentos/Downloads/2045-16761-1-PB.pdf>
- Viñar, M. (1992). *Exílio e Tortura*. São Paulo: Escuta.
- Zizek, S. (2013). *Alguém disse totalitarismo: cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. São Paulo: Boitempo.
- Zizek, S. (2015). *O absoluto frágil, ou Por que vale lutar pelo legado cristão?* São Paulo: Boitempo.
- Zugueib Neto, J.Z; Cremasco, M.V.F. (2011) A Clínica Social em Situações Extremas: O Trauma na Dimensão Coletiva. *Interação em Psicologia*, 15 (n. especial), 35-45.
- WHO (2014), Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf?ua=1> acessado em 16 de julho de 2015.
- Winograd, M., & Mendes, L.C. (2012) Mitos e origens na psicanálise freudiana. *Cadernos de Psicanálise*. -CPRJ, 34(27), 225-243.

Anexos